

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Influência da formalidade/informalidade
das situações discursivas nas
caraterísticas de elocução em português
europeu

Maria Beatriz Andrês Fachada

M

2019



Maria Beatriz Andrês Fachada

**Influência da formalidade/informalidade das situações
discursivas nas características de elocução em português europeu**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pelo Professor Doutor

João Veloso

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

junho de 2019

Influência da formalidade/informalidade das situações discursivas nas características de elocução em português europeu

Maria Beatriz Andrês Fachada

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pelo Professor Doutor
João Veloso

Membros do Júri

Professora Doutora Fátima Oliveira
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Luís Jesus
Instituto de Engenharia Eletrónica e Telemática de Aveiro - Universidade de Aveiro

Professor Doutor João Veloso
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Sumário

Declaração de honra	8
Agradecimentos	9
Resumo.....	11
Abstract	12
Índice de ilustrações.....	13
Índice de tabelas	14
Lista de abreviaturas e siglas.....	16
Introdução	17
Capítulo 1 - Ritmo e <i>speech rate</i>	19
1.1. Ritmo	19
1.1.1. Medição do ritmo.....	21
1.1.2. Propriedades rítmicas do português.....	24
1.2. <i>Speech rate</i>	26
1.2.1. Influência dos estilos de fala no <i>speech rate</i>	30
1.2.2. Medidas de cálculo do <i>speech rate</i>	36
1.2.2.1. Palavra.....	37
1.2.2.2. Sílabas	37
1.2.2.3. Segmento	39
Capítulo 2 – Fonética / Fonologia	41
2.1. Sílabas fonéticas e sílabas fonológicas	42
2.2. Apagamento fonético.....	43
Capítulo 3 – Formalidade das situações discursivas	46
3.1. Formalidade	46
3.2. Discurso oral.....	49
3.3. Situações discursivas	52
3.3.1. Discurso solene	52
3.3.2. Noticiário radiofónico.....	53
3.3.3. Entrevista radiofónica	54
3.3.4. Entrevista espontânea.....	54
Capítulo 4 - Estudo empírico	56
4.1. Motivação, objetivos, questões metodológicas e hipóteses	56

4.2. Identificação e descrição do <i>corpus</i>	59
4.3. Procedimento	62
4.4. Resultados	65
4.4.1. <i>Speech rate</i>	65
4.4.1.1. Quantidade de palavras	65
4.4.1.2. Quantidade de sílabas fonológicas	68
4.4.1.3. Quantidade de segmentos teóricos	70
4.4.2. Rácio de sílabas por palavra	71
4.4.3. Apagamento fonético	72
4.5. Discussão	84
Conclusão	92
Referências bibliográficas	97
Anexos	105
Anexo 1: Transcrições	106

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Vila Nova de Gaia, junho de 2019

Maria Beatriz Andrês Fachada

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, ao Professor João Veloso todo o apoio, ajuda e incentivo que me deu, tanto na realização desta dissertação, como em todo o decorrer do meu percurso académico. Este não é apenas um agradecimento formal pela orientação, mas um agradecimento também a nível pessoal e profissional, por todas as oportunidades que me permitiu alcançar. Obrigada por acreditar em mim, por vezes mais do que eu própria.

Quero fazer um agradecimento muito especial aos meus pais por me permitirem ter as condições necessárias para a realização deste trabalho, tanto a nível material, como intelectual. Agradeço-lhes também o exemplo que sempre me deram de persistência, coragem e de “ser sempre quem sou”. A vós, agradeço do fundo do coração todas as ferramentas que me transmitiram para lidar com a vida.

À minha irmã Inês, agradeço o apoio nas horas mais difíceis, as sugestões e o incentivo para continuar. Agradeço a ajuda na procura e acesso à bibliografia, e a revisão final. Agradeço também as conversas profundas e as não tão profundas. No fundo, agradeço a tua presença em todos os momentos da minha vida.

Agradeço muito ao Filipe por estar lado a lado comigo na caminhada da vida. Agradeço-te toda a paciência e incentivo. Agradeço-te, também, o constante apoio informático e a preciosa ajuda na fase final da formatação.

Agradeço à minha avó Cândida por me ajudar em tudo desde sempre.

À Luísa, à Marlene, à Megumi e à Sofia – colegas de sala de aula, mas muito mais do que isso - agradeço todo o ânimo, todos os momentos de boa disposição, mas também os de desespero. Obrigada, sobretudo, pela amizade e pelos laços criados.

Aos professores da Licenciatura em Ciências da Linguagem e do Mestrado em Linguística da FLUP agradeço a partilha do conhecimento e o acolhimento e acompanhamento que senti desde o início.

Agradeço aos meus colegas do Gabinete de Inovação Pedagógica da Reitoria da U. Porto - Maria, Rita e Matheus - por todas as horas que partilharam comigo no gabinete. Agradeço-lhes a forma acolhedora como me receberam, que me permitiu integrar a equipa de trabalho muito facilmente. Quero agradecer tudo o que aprendi com cada um de vós.

A todos os meus amigos, o meu muito obrigada por, de uma forma ou de outra, terem ajudado a que a realização deste trabalho fosse possível.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que se cruzaram no meu caminho, e a tudo o que vivi e que me fez ser quem sou.

Resumo

O presente trabalho aborda os temas prosódicos do ritmo e do *speech rate*, que têm sido tópicos estudados por vários autores, contudo a investigação em português europeu é escassa. O foco do nosso estudo incide, sobretudo, na possível relação entre o *speech rate* e a formalidade das situações discursivas, em português europeu. Tem-se, então, como objetivo central verificar se a formalidade da situação discursiva influencia o discurso dos falantes, no que respeita ao *speech rate*. Pretende-se ainda averiguar se outros dois parâmetros – rácio de sílabas por palavra e apagamento fonético - são afetados pela formalidade. Com o intuito de estudar a relação entre os parâmetros de elocução e a formalidade das situações discursivas, foi selecionado um *corpus* oral constituído por quatro amostras de quatro situações discursivas, que diferem entre si pelo diferente posicionamento que ocupam no eixo da formalidade/informalidade, especificamente: discurso solene, noticiário radiofónico, entrevista radiofónica e entrevista espontânea. Analisaram-se as diferentes situações discursivas, no que diz respeito aos parâmetros referidos. De uma forma geral, constatou-se: a situação discursiva mais formal apresenta menor *speech rate*, maior rácio de sílabas por palavra e menor apagamento fonético; a situação discursiva menos formal apresenta maior *speech rate*, menor rácio de sílabas por palavra e maior apagamento fonético. Assim, concluiu-se que a formalidade da situação discursiva tem influência sobre o discurso dos falantes, nos parâmetros estudados, em português europeu.

Palavras-chave: formalidade, situação discursiva, *speech rate*

Abstract

This work focuses on the prosodic themes of rhythm and speech rate, which have been topics studied by several authors, but research in European Portuguese is scarce. Our study focuses, in particular, on the possible relationship between speech rate and the formality of discursive situations in European Portuguese. We aim to verify if the formality of the discursive situation impacts the discourse of the speakers, as far as the speech rate is concerned. We also intended to investigate whether two other parameters - syllable ratio per word and phonetic deletion - are affected by the formality. In order to study the relationship between the mentioned speech parameters and the formality of the discursive situations, an oral corpus was selected consisting of four samples of four discursive situations, which differ in their positioning in the axis of the formality/informality, specifically: solemn declaration, radio news, radio interview and spontaneous interview. The different discursive situations were analysed, with respect to the referred parameters. In general, it was verified: the most formal discursive situation presents a lower speech rate, a higher syllable ratio per word and less phonetic deletion; the less formal discursive situation presents a higher speech rate, lower syllable ratio per word and higher phonetic deletion. Thus, it was concluded that the formality of the discursive situation has an influence on the discourse of the speakers, on the parameters studied, in European Portuguese.

Keywords: formality, discursive situation, speech rate

Índice de ilustrações

Figura 1 – Diferenças rítmicas entre o PE e o PB, com base nas propriedades fonéticas e fonológicas; e relação entre as medidas acústicas (retirado de Frota & Vigário, 2001)	25
Figura 2 – LSR e ISR em inglês, francês e alemão (retirado de Dellwo & Wagner, 2003: 472) ...	27
Figura 3 – Esquema referente às variáveis do estudo	57
Figura 4 - Escala de formalidade	62
Figura 5 – Média do rácio de sílabas por palavra em cada situação discursiva	71
Figura 6 - Percentagens totais de apagamento das vogais átonas por situação discursiva	81

Índice de tabelas

Tabela 1 - Síntese das medidas de ritmo propostas	22
Tabela 2 - Medidas de ritmo utilizadas por Loukina et al. (2009) (retirado de Loukina et al., 2009)	23
Tabela 3 - Taxa de elocução (medida em sílabas por segundo) em textos lidos em sete línguas, a partir de Dauer (1983), Eriksson (1991) e da versão francesa do corpus Lobato lida por um indivíduo do sexo masculino (adaptado de Barbosa, 2006: 181).	29
Tabela 4 - Taxa de elocução do corpus Frases Isoladas, lido por um único indivíduo	30
Tabela 5 – Número de palavras por segundo em diferentes tipos de fala no estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991)	31
Tabela 6 - Média de palavras por constituinte similar a frase em diferentes situações discursivas (retirado de Mata & Moniz, 2016: 138)	33
Tabela 7 - Percentagens de discurso e de pausas por indivíduo por situação discursiva (adaptado de Delgado-Martins & Freitas, 1991: 19-2)	34
Tabela 8 - Valores de SR e AR de cada indivíduo nas três diferentes situações discursivas (adaptado de Delgado-Martins & Freitas, 1991: 19-3)	35
Tabela 9 – Número total de palavras nos cinco minutos totais na situação discursiva DS	66
Tabela 10 - Número total de palavras nos cinco minutos totais na situação discursiva NR	66
Tabela 11 - Número total de palavras nos cinco minutos totais na situação discursiva ER	66
Tabela 12 - Número total de palavras nos cinco minutos totais na situação discursiva EE	66
Tabela 13 – Média do número de palavras por situação discursiva	67
Tabela 14 – Média do número de palavras produzidas por minuto e por segundo em cada situação discursiva	67
Tabela 15 - Número total de sílabas fonológicas nos cinco minutos totais na situação discursiva DS	68
Tabela 16 - Número total de sílabas fonológicas nos cinco minutos totais na situação discursiva NR	68
Tabela 17 - Número total de sílabas fonológicas nos cinco minutos totais na situação discursiva ER	68
Tabela 18 - Número total de sílabas fonológicas nos cinco minutos totais na situação discursiva EE	69
Tabela 19 - Média do número de sílabas fonológicas por situação discursiva	69
Tabela 20 - Média do número de sílabas fonológicas por minuto e por segundo em cada uma das situações discursivas	70
Tabela 21 – Número total de segmentos teóricos da subamostra, em cada situação discursiva	70
Tabela 22 – Realização da vogal átona [ɨ] na situação discursiva DS	73
Tabela 23 – Realização da vogal átona [ɨ] na situação discursiva NR	74
Tabela 24 – Realização da vogal átona [ɨ] na situação discursiva ER	75
Tabela 25 – Realização da vogal átona [ɨ] na situação discursiva EE	76
Tabela 26 – Realização da vogal átona [u] na situação discursiva DS	77
Tabela 27 – Realização da vogal átona [u] na situação discursiva NR	78
Tabela 28 – Realização da vogal átona [u] na situação discursiva ER	79
Tabela 29 – Realização da vogal átona [u] na situação discursiva EE	80
Tabela 30 - Percentagem de apagamento das vogais átonas [ɨ] e [u] consoante a posição da sílaba, por situação discursiva	80
Tabela 31 - Percentagem total de apagamento das vogais [ɨ] e [u], de acordo com a posição da sílaba	81
Tabela 32 - Percentagem total de apagamento fonético, por situação discursiva	82
Tabela 33 - Percentagem total de apagamento de [ɨ] e [u] na subamostra	83

Tabela 34 - Comparação entre o estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991) e o presente estudo relativamente ao número de palavras produzidas por segundo 85

Lista de abreviaturas e siglas

AFI	Alfabeto Fonético Internacional
C	Consoante
V	Vogal
G	Glide (ou semivogal)
DS	Discurso solene
NR	Noticiário radiofónico
ER	Entrevista radiofónica
EE	Entrevista espontânea
PE	Português europeu
PB	Português do Brasil
%V	Percentagem vocálica
ΔV	Variação vocálica
ΔC	Variação consonântica
PVI	<i>Pairwise Variability Indices</i>
rPVI	<i>raw Pairwise Variability Indices</i>
nPVI	<i>normalized Pairwise Variability Indices</i>
CCI	<i>Control and Compensation Index</i>
LSR	<i>Laboratory measured speech rate</i>
ISR	<i>Intended speech rate</i>
TE	Taxa de elocução
R	Leitura (<i>reading</i>)
S	<i>Spontaneous speech</i>
P	<i>Professional speech</i>
SR	<i>Speech rate</i>
AR	<i>Articulation rate</i>
w	Palavra (<i>word</i>)
s	Segundo
σ	Sílaba
CLUP	Centro de Linguística da Universidade do Porto

Introdução

A presente dissertação surge com base no nosso interesse em relacionar a formalidade das situações discursivas com parâmetros prosódicos da língua, mais particularmente pela relação que eventualmente existirá entre a formalidade/informalidade das situações discursivas e o *speech rate* – medido pela quantidade de material linguístico; e, a existir tal relação, quisemos identificar posteriormente possíveis marcas linguísticas para, finalmente, avaliarmos os graus de formalidade das produções linguísticas. Importa ainda acrescentar que este assunto já anteriormente foi objeto da nossa curiosidade e atenção, pelo que produzimos nesta área alguma investigação exploratória¹ - na qual pudemos observar que os estudos nesta área são escassos em português europeu. Para além disto, este tema pode ser tratado de diversas abordagens linguísticas, não sendo restrito apenas a uma, o que também suscitou interesse da nossa parte. Pelo exposto, e dada a natureza do nosso estudo, inserimo-lo no possível cruzamento entre a fonologia, a fonética experimental e a sociolinguística.

Desta forma, pretendemos dar continuidade a tais estudos com uma maior amplitude e um maior aprofundamento, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do tema.

O objetivo central do nosso estudo é, então, averiguar de que modo a formalidade da situação discursiva influencia o discurso dos falantes, essencialmente no que diz respeito ao *speech rate*, e também ao rácio de sílabas por palavra e ao apagamento fonético. Para tal, realizamos um estudo empírico para o qual selecionamos quatro situações discursivas com diferentes graus de formalidade, construindo o nosso *corpus* oral: discurso solene, noticiário radiofónico, entrevista radiofónica e entrevista espontânea.

A dissertação apresenta-se dividida em quatro partes principais: Capítulo 1 - Ritmo e *speech rate*; Capítulo 2 - Fonética/Fonologia; Capítulo 3 - Formalidade das situações discursivas; e Capítulo 4 - Estudo empírico. O Capítulo 1 aborda os temas do ritmo e do *speech rate*, ambos constituintes prosódicos do estudo da língua; o capítulo 2 diferencia as duas disciplinas que estudam a “componente fónica” da língua - fonética e fonologia; o capítulo 3 é dedicado à formalidade, incluindo também um breve enquadramento das

¹ Estes nossos estudos exploratórios foram apresentados em encontros científicos.

situações discursivas que selecionamos; o capítulo 4 é dedicado ao nosso estudo empírico que, através da teoria apresentada nos capítulos anteriores e, com o *corpus* oral construído, procura responder às questões metodológicas e verificar as hipóteses.

Capítulo 1 - Ritmo e *speech rate*

Neste primeiro capítulo abordamos os temas do ritmo e do *speech rate*.

1.1. Ritmo

O ritmo é um parâmetro prosódico da língua que tem sido estudado por vários autores (tais como: Dauer, 1983; Ramus, Nespor & Mehler, 1999; Frota & Vigário, 2001; Grabe & Low, 2002).

A maior parte destes estudos pretende categorizar as línguas segundo o seu ritmo, criando uma tipologia rítmica das línguas, de acordo com o que explicitaremos nos parágrafos seguintes. Esta tipologia prosódica, primordialmente, fixa as línguas em grupos ou “classes” rítmicas, mas estes grupos poderão dar lugar a um *continuum* rítmico, na medida em que com frequência não é totalmente possível enquadrar definitivamente uma língua numa classe ou noutra.

Assim, e com base nas perspetivas tradicionais da organização rítmica do discurso (Lloyd James, 1940; Pike, 1945; Abercrombie, 1967; Ladefoged, 1975), as línguas poderiam inserir-se em três grupos ou “classes” rítmicos, dependendo do nível de isocronia (unidade organizadora das regularidades temporais), a saber: línguas de ritmo silábico (*syllable-timed*) – isocronia entre sílabas; línguas de ritmo acentual (*stress-timed*) – isocronia entre intervalos acentuais (*interstress intervals*); e línguas de ritmo moraico (*mora-timed*) – isocronia ao nível da mora (Frota, Vigário & Martins, 2001).

Muitos estudos tentaram comprovar esta teoria baseada exclusivamente na isocronia; no entanto, esta demonstrou não ser um critério absolutamente fiável para a categorização prosódica das línguas, o que levou à busca de outros critérios para a mesma classificação.

Como exemplo, podemos referir o estudo de Dauer (1983) no qual se comparou uma língua de ritmo acentual com três línguas de ritmo silábico relativamente à duração dos intervalos acentuais (*interstress intervals*)² (Cruz, 2013: 89). Dauer (1983) concluiu que não existiam diferenças entre os dois grupos de línguas (Cruz, 2013: 89). Ou seja, a duração dos intervalos entre sílabas tónicas não mostrava diferenças significativas quer se tratasse de uma língua de tipo silábico ou de uma língua de tipo acentual.

O estudo de Dauer (1983), assente em pressupostos fonológicos e tentando

² A duração dos *interstress intervals* corresponde à duração dos intervalos entre sílabas tónicas (medida em número de sílabas átonas).

ultrapassar o critério único da isocronia silábica, caracteriza-se pela proposta de uma escala gradativa que se baseia na dimensão *stress-based* (fundamentada no acento) – em que dada língua terá mais componente de ritmo acentual ou menos. Oferece-se assim uma escala que pretende averiguar se dada língua é mais ou menos *stress-based*, a qual se baseia em três parâmetros centrais: (a) estrutura silábica – sílabas abertas ou fechadas; (b) grau de redução vocálica – frequente e extrema, ou menos frequente e menos extrema; (c) acento fonético e acento no sistema fonológico (Barbosa, 2006).

A escala de Dauer coloca, assim, o inglês no extremo da escala *stress-based* por possuir a presença das três características centrais, sendo assim, uma língua com elevado grau da componente de ritmo acentual.

Assim como o estudo de Dauer, outras teorias explicam as diferenças rítmicas das línguas como consequência das propriedades fonéticas e fonológicas de cada língua (Dasher & Bolinger, 1982). De acordo com esta teoria, as línguas de tipo silábico possuem um menor número de tipos silábicos (comparativamente com as línguas de tipo acentual) e não apresentam redução vocálica.

Segundo esta tipologia, torna-se fácil e consensual agrupar algumas línguas em grupos rítmicos: o inglês e o alemão como línguas de tipo acentual; o espanhol e o italiano como línguas de tipo silábico³ (Cruz, 2013).

Contudo, há línguas que não reúnem consenso relativamente ao grupo rítmico a que pertencem, tais como o catalão, o português do Brasil e o polaco (Dauer, 1987; Nespor, 1990). Estas línguas foram consideradas *mixed* ou *intermediate* (Cruz, 2013).

A organização das línguas, segundo o seu ritmo, em grupos é validada por alguns estudos; no entanto, é muito provável que, ao serem adicionadas mais línguas, se verifique um contínuo de ritmo em vez de grupos fechados (Ramus, 2002), sendo, dessa forma, as diferenças rítmicas graduais, como mostra a escala de Dauer (1983).

Em suma, podemos definir as línguas de ritmo acentual (*stress-timed*) como línguas que “tendem a possuir uma estrutura silábica mais variável e complexa, a apresentar redução vocálica, bem como um efeito duracional do acento (...)” (Frota *et al*, 2001). As línguas de ritmo silábico (*syllable-timed*) “apresentam tipicamente uma estrutura silábica menos variável e mais simples, não têm redução vocálica, o efeito duracional do acento é menor ou nulo e acento e entoação são mais independentes.” (Frota *et al*, 2001).

³ O japonês e o tamil são consideradas línguas *mora-timed* (Cruz, 2013).

1.1.1. Medição do ritmo

Várias propriedades da fala foram medidas, de forma a averiguar qual seria a mais adequada para classificar o ritmo das línguas. As medidas mais utilizadas são: (a) a percentagem vocálica (%V), e a variação vocálica (ΔV) e consonântica (ΔC) (Ramus, Nespors & Mehler, 1999); (b) *Pairwise Variability Indices* (PVI) (Grabe & Low, 2002); (c) *varcos* (varcoV e varcoC) – para “normalizar” a relação entre a variação e o *speech rate* (Dellwo & Wagner, 2003); (d) *Control and Compensation Index* (CCI) – de que forma os segmentos podem ser alongados ou encurtados, dependendo do contexto (Bertinetto & Bertini, 2008) (Cruz, 2013).

Relativamente ao critério que se baseia na percentagem vocálica (%V) e na variação vocálica (ΔV) e consonântica (ΔC), Ramus, Nespors e Mehler (1999) referem que a %V, a ΔV e a ΔC distinguem a estrutura silábica das línguas. Assim, as línguas de ritmo acentual apresentam %V baixa e ΔC alta, comparativamente com as línguas de ritmo silábico (Cruz, 2013). “Em Ramus *et al.* (1999) é demonstrado que medidas de duração de intervalos consonânticos e intervalos vocálicos dão conta das distinções rítmicas (...)” (Frota *et al.*, 2001: 1). Assim, estas medidas poderão ser interpretadas como correlato “das propriedades que conduzem aos diferentes ritmos: por exemplo, a dispersão de intervalos consonânticos (ΔC) correlaciona-se positivamente com a variedade e complexidade silábicas, enquanto a dimensão do espaço vocálico (%V) apresenta uma correlação negativa com esta mesma propriedade.” (Frota *et al.*, 2001: 1).

O critério que se baseia na duração das vogais e das consoantes foi estudado relativamente às diferenças rítmicas entre o inglês britânico e o inglês de Singapura (Low & Grabe, 1995; Low, Grabe & Nolan, 2000).

O critério da percentagem vocálica (%V) e da variação vocálica (ΔV) e consonântica (ΔC) (Ramus, Nespors & Mehler, 1999) também é utilizado para estudar o ritmo em oito línguas (Ramus, 2002). Concluiu-se que as línguas de tipo acentual permitem sílabas mais complexas e sequências mais longas e variáveis de consoantes do que as línguas de tipo silábico.

Ramus, Nespors e Mehler (1999) propõem, assim, um correlato acústico baseado na %V e na ΔC na fala (Dellwo & Wagner, 2003). Segundo este estudo, as línguas agrupam-se da seguinte forma: línguas de tipo acentual são o inglês, o holandês e o polaco; línguas de tipo silábico são o francês, o espanhol e o italiano⁴ (Ramus, Nespors & Mehler, 1999).

⁴ O japonês como língua *mora-timed* (Ramus, Nespors & Mehler, 1999).

Grabe e Low (2002) consideram o *Pairwise Variability Indices* (PVI) como sendo o critério mais adequado para a medição do ritmo das línguas. Assim, indicam o *raw Pairwise Variability Indices* (rPVI) – para os intervalos consonânticos (segundo os autores, menos propenso a influenciar o *speech rate*); e o *normalized Pairwise Variability Indices* (nPVI) – para os intervalos vocálicos (segundo os autores, mais propenso a influenciar o *speech rate*). Desta forma, as línguas de tipo acentual apresentam um valor mais elevado de nPVI face às línguas de tipo silábico (Cruz, 2013).

Dellwo e Wagner (2003) aplicam os *varcos* para medir o ritmo, assumindo serem bons medidores do ritmo das línguas. Estes apresentam valores altos (tanto VarcoC – consoantes; como VarcoV - vogais) nas línguas de tipo acentual relativamente às línguas de tipo silábico – que apresentam *varcos* (tanto VarcoC – consoantes; como VarcoV - vogais) com valores inferiores (Cruz, 2013).

Control and Compensating Index (CCI) consiste numa modificação do rPVI, na medida em que a duração de cada intervalo vocálico ou consonântico é dividido pelo número de segmentos fonológicos totais (Cruz, 2013: 92). Bertinetto e Bertini (2008) propõem uma classificação das línguas a nível rítmico (tendo em conta o CCI), a saber: (a) línguas *controlling* – que correspondem às línguas de tipo silábico, e que permitem um baixo nível de compreensão; e (b) línguas *compensating* – que correspondem às línguas de tipo acentual, e que permitem um alto nível de compreensão (Cruz, 2013: 92).

Apresenta-se, na Tabela 1, a síntese de medidas de ritmo propostas.

Tabela 1 - Síntese das medidas de ritmo propostas

Autores	Medidas
Ramus, Nespors & Mehler (1999)	%V, ΔV e ΔC
Grabe & Low (2002)	<i>Pairwise Variability Indices</i> (PVI)
Dellwo & Wagner (2003)	Varcos
Bertinetto & Bertini (2008)	<i>Control and Compensating Index</i> (CCI)

Através da identificação destas medidas que possibilitam a medição do ritmo, vários estudos surgiram para estudar o ritmo de diversas línguas.

Loukina, Kochanski, Shih, Keane e Watson (2009) compararam quinze medidas diferentes de ritmo, em cinco línguas diferentes – grego, russo, francês, inglês britânico do sul e mandarim tailandês. As quinze medidas utilizadas nesse estudo estão expressas na Tabela 2.

Tabela 2 - Medidas de ritmo utilizadas por Loukina et al. (2009) (retirado de Loukina et al., 2009)

RM	Description
%V	Percentage of vocalic intervals [6]
ΔV	Std. deviation of vocalic intervals [6]
ΔC	Std. deviation of consonantal intervals [6]
VI	Variability index of syllable durations [12]
CrPVI	Raw pairwise variability index (PVI) of consonantal intervals [13]
VnPVI	Normalised PVI of vocalic intervals [13]
CnPVI	Normalised consonantal PVI [13]
Vdur/Cdur	Ratio of vowel duration to consonant duration [14]
PVI-CV	PVI of consonant+vowel groups [1]
med_CrPVI	median CrPVI [15]
med_VnPVI	median VnPVI [15]
YARD	Variability of syllable durations [16]
nCVPVI	Normalised PVI of consonant+vowel groups [17]
VarcoΔC	ΔV /mean vocalic duration [18]
VarcoΔV	ΔC /mean consonantal duration [18]

Através deste estudo (cf. Loukina *et al.*, 2009), os autores concluíram que a medição dos intervalos vocálicos é mais adequada para distinguir o ritmo de línguas com propriedades rítmicas diferentes, do que os intervalos consonânticos (Cruz, 2013: 92).

Giordano e D’Anna (2010) estudaram o ritmo em quinze variedades regionais de italiano, recorrendo às medidas: %V; ΔV ; ΔC ; nPVI; e rPVI. Estes autores, para além das medidas de ritmo, consideraram uma nova variável: diferentes estilos de fala (*speech styles*). Os resultados obtidos através deste estudo mostram que os diferentes estilos de fala influenciam o ritmo, pelo que existe uma provável relação entre a estrutura rítmica e as propriedades de entoação das línguas – as quais não são abordadas nas medidas de ritmo enunciadas até então (Cruz, 2013: 93).

Também Arvanity (2009, 2012) e Arvanity e Ross (2010) estudaram diferentes medidas rítmicas em várias línguas, tendo em conta o estilo de fala. Os autores compararam os parâmetros ΔC , %V, PVI e Varcos em inglês, alemão, grego, italiano, coreano e espanhol, e em três estilos de fala: discurso espontâneo, leitura de uma história

e leitura de frases. Os autores concluíram que as medidas rítmicas utilizadas não eram robustas e que era necessária uma interação com outros elementos prosódicos (Cruz, 2013).

Prieto, Vanrell, Astruc, Payne e Post (2012) estudaram três línguas que eram classificadas como pertencentes a diferentes classes rítmicas – o inglês, o espanhol e o catalão. Concluíram que o inglês se distanciava do espanhol e do catalão, sendo que as duas últimas estavam próximas. As diferenças encontradas relacionam-se com a maneira como cada língua marca a prosódia. Assim, outras medidas prosódicas importantes para distinguir o ritmo das línguas se consideraram a partir daí, tal como o *speech rate*. Também Dellwo (2010) refere que o *speech rate* provoca influência sobre o ritmo das línguas.

Turk e Shattuck-Hufnagel (2013) referem a importância de se considerarem novas abordagens para o ritmo da fala, de modo a existir um profundo conhecimento acerca da diferença rítmica entre as diferentes línguas (Cruz, 2013).

1.1.2. Propriedades rítmicas do português

Os estudos relativos às propriedades rítmicas do português são relativamente escassos.

A identificação das propriedades rítmicas do português europeu foi pioneiramente realizada por Frota e Vigário (2000). As autoras utilizaram a metodologia de Ramus, Nespore e Mehler (1999) para estudarem do ponto de vista rítmico duas variedades do português: português europeu padrão (PE padrão) e português do Brasil (PB). Como tinha sido já referida a possibilidade destas duas variedades do português pertencerem a duas classes rítmicas diferentes, as autoras pretenderam averiguar a sua pertença ou não a classes rítmicas distintas, com base no critério referido por Ramus, Nespore e Mehler (1999): a duração das vogais e das consoantes. As autoras pretendiam também analisar a relação existente entre as medidas de Ramus, Nespore e Mehler (1999) e as propriedades fonológicas de cada uma destas variedades do português (Cruz, 2013).

Os resultados obtidos pelas autoras revelam uma clara “diferenciação entre as duas variedades do Português” (Frota & Vigário, 2000: 9). A percentagem das realizações vocálicas é superior no português do Brasil face ao português europeu e “a dispersão das durações dos intervalos consonânticos” (Frota & Vigário, 2000: 9) é superior no português europeu relativamente ao português do Brasil (Frota & Vigário, 2000).

Assim, verifica-se o fenómeno da redução vocálica e da supressão de vogais no português europeu; e o fenómeno da epêntese vocálica no português do Brasil (Frota & Vigário, 2000: 9). Segundo a tipologia de classes rítmicas de Ramus, Nespore e Mehler (1999), o português europeu pertenceria às “línguas de ritmo dito acentual” (Frota & Vigário, 2000:10) e o português do Brasil situar-se-ia “no extremo oposto das classes rítmicas (...)” (Frota & Vigário, 2000: 10). As autoras distinguem as duas variedades do português, tanto a nível rítmico como entoacional, sendo que as propriedades entoacionais “constituem um contributo importante para a sua diferenciação prosódica.” (Frota & Vigário, 2000: 17).

As autoras verificam, então, a existência de diferenças ao nível de *syllable rate* entre as duas variedades do português (Frota & Vigário, 2000; Frota & Vigário, 2001). Sendo assim, embora estas duas variedades possuam o mesmo número de sílabas fonológicas, não possuem o mesmo número de sílabas fonéticas. Ou seja, as duas variedades apresentam número igual de sílabas fonológicas, mas número diferente de sílabas fonéticas: o português europeu apresenta menor quantidade de sílabas fonéticas comparativamente com o português do Brasil⁵.

Para além das medidas %V e ΔC , as autoras concluíram que as medidas relacionadas com as anteriores, mas que estão interligadas com o *speech rate* - $\Delta\%V$ e $\Delta\%C$ - comprovam as diferenças de ritmo entre o PE padrão e o PB.

PE	PB
<ul style="list-style-type: none"> • sistema vocálico não acentuado reduzido • apagamento fonético de [i u] > grupos de Cs • contraste forte 'σ / σ • dependência entoação/acento 	<ul style="list-style-type: none"> • menos redução vocálica (não centralização [i ɐ]) • epêntese vocálica > simplificação silábica • contraste mais fraco 'σ / σ • maior independência entoação/acento
PE: $\Delta C > PB$, %V < BP	PB: $\Delta C < PE$, %V > PE

Figura 1 – Diferenças rítmicas entre o PE e o PB, com base nas propriedades fonéticas e fonológicas; e relação entre as medidas acústicas (retirado de Frota & Vigário, 2001)

Na Figura 1 verifica-se uma tendência de ritmo acentual em PE e de ritmo silábico em PB.

Tal como Frota e Vigário (2000), também Ramus, Nespore e Mehler (1999) teriam

⁵ Como já foi referido, esta discrepância no número de sílabas fonéticas deverá estar relacionada com os fenómenos da redução vocálica e da supressão de vogais no PE; e a epêntese no PB.

já diferenciado estas duas variedades do português no que diz respeito ao seu ritmo. Nos estudos destes autores, o português europeu pertenceria ao grupo das línguas de tipo acentual relativamente à medida de ΔC , e ao grupo das línguas de tipo silábico tendo em conta a medida %V; já o português do Brasil pertenceria ao grupo das línguas de tipo silábico relativamente à ΔC e ao grupo das línguas *mora-timed* em relação à %V. Assim, conclui-se que ambas as variedades do português apresentam um perfil rítmico considerado *mixed*⁶.

1.2. *Speech rate*

A relação entre o ritmo da linguagem e o *speech rate* tem sido outro dos critérios investigados na classificação prosódica das línguas. Tanto o ritmo como o *speech rate* são parâmetros prosódicos que dependem do tempo da fala (Dellwo & Wagner, 2003: 271).

O conceito de *speech rate* é utilizado por vários autores⁷, para descrever a velocidade da fala dos indivíduos, podendo este ser medido qualitativa ou quantitativamente. Para calcular este parâmetro prosódico pode recorrer-se a várias medidas. Quando traduzido para o português, este conceito pode variar entre diferentes conceitos, tais como: “velocidade de elocução” (Mata & Moniz, 2016), “débito elocucional” (Veloso, 2015), e “taxa de elocução” (Barbosa, 2006). Pelo exposto, no presente estudo, decidimos optar pelo termo em inglês *speech rate*, por nos parecer o mais abrangente. Para além deste, poderemos utilizar os conceitos em português (referidos acima) como sinónimos deste.

Como foi dito anteriormente, Dellwo (2010) aponta o *speech rate* como um parâmetro que influencia a estrutura rítmica das línguas.

Segundo Ramus (2002), o ritmo está relacionado (pelo menos, em certa medida) com a duração que, por sua vez, é afetada pelo *speech rate*.

Ramus (2002) problematiza a questão da medição do *speech rate*, debruçando-se sobre qual será a unidade certa para o medir (sílabas por segundo, fonemas, unidades de significado) e se existirá, de facto, uma medida universal, ou se cada língua possui uma unidade de medida do *speech rate* diferente devido à natureza diversificada das línguas do mundo.

⁶ Moraes e Leite (1992) já consideravam o PB *mixed* relativamente às suas propriedades rítmicas.

⁷ Por exemplo, Dellwo e Wagner (2003).

Assim, Ramus (2002) elabora duas propostas com vista a tentar encontrar formas de medir o *speech rate* que sejam equitativas para todas as línguas. A primeira proposta é baseada numa perspetiva percetual – nesta, indivíduos que desconhecem as línguas testadas são questionados sobre a sua perceção relativamente a qual será a língua mais rápida e mais lenta – no entanto, tal perspetiva é considerada não fiável. Já a segunda proposta é baseada numa perspetiva específica da língua – aqui, os *experts* identificam uma medida adequada para medir o *speech rate* em cada língua. Segundo esta segunda proposta, as unidades de medida serão diferentes consoante a língua (Ramus, 2002). Deste modo, o *speech rate* é calculado de forma diferente para cada uma das línguas, podendo, posteriormente, fazer-se uma comparação entre o *speech rate* de cada língua (Ramus, 2002).

Dellwo e Wagner (2003) utilizam os parâmetros de Ramus, Nespore e Mehler (1999) - %V e ΔC – para averiguar a influência do *speech rate* nesses mesmos parâmetros. Esta influência foi testada em três línguas: inglês, francês e alemão. O estudo recorreu à manipulação da fala dos participantes na medida em que lhes foi solicitado que lessem um mesmo texto em diferentes velocidades: *normal reading, slowly, even slower, fast, faster* (Dellwo & Wagner, 2003).

Os autores identificam dois tipos de *speech rate*: LSR (*Laboratory measured speech rate*) – corresponde ao número de sílabas que os participantes produziram por segundo; e ISR (*Intended speech rate*) – corresponde às velocidades de leitura.

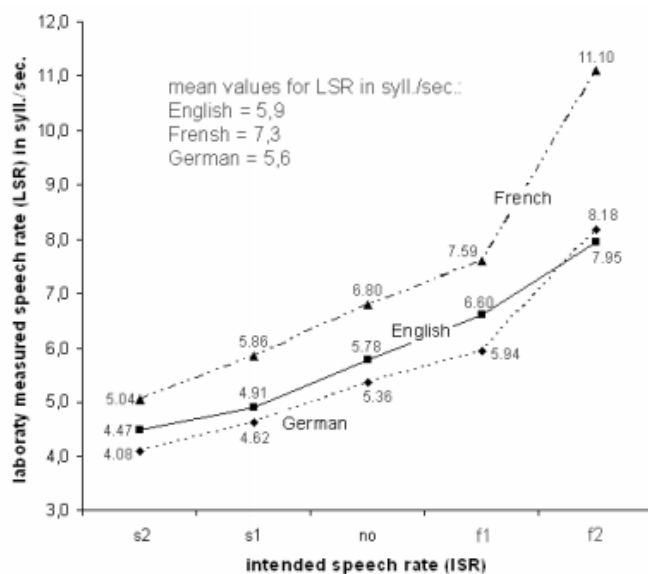


Figura 2 – LSR e ISR em inglês, francês e alemão (retirado de Dellwo & Wagner, 2003: 472)

Os resultados obtidos – presentes na Figura 2 - revelam uma relação proporcional entre o LSR e o ISR em cada uma das línguas (entre s2 e f1), a qual indica uma mudança ao nível da realização das sílabas, que varia de acordo com a maior ou menor rapidez da fala. Calculou-se um rácio para cada língua (e as diferentes velocidades de fala) que mostrou que: o francês é a língua com o valor mais elevado, revelando a maior possibilidade de aumentar a quantidade de sílabas; segue-se-lhe o alemão; e, por fim, surge o inglês como a língua que demonstra a menor possibilidade de aumentar a quantidade de sílabas (Dellwo & Wagner, 2003). Os autores, através deste estudo, assumem que os falantes possuem uma noção comum do que é a velocidade normal (no), lenta (s1 e s2) e rápida (f1 e f2) da fala na sua própria língua (Dellwo & Wagner, 2003).

Por fim, os autores deste estudo concluíram que %V se mantém estável em diferentes *speech rates*, enquanto que ΔC é dependente e fortemente influenciada pelo *speech rate*, ou seja, varia de acordo com a medida de *speech rate* (Dellwo & Wagner, 2003).

Para o PB, Barbosa (2006) estudou os valores de grupos acentuais e o respetivo desvio-padrão, tendo também em conta o *speech rate* ou taxa de elocução (TE), em textos lidos. Barbosa (2006) baseou-se nos estudos de Dauer (1983), Erikson (1991) e da versão francesa do *corpus Lobato* lida por um indivíduo do sexo masculino. Estão expressos na Tabela 3 os seus resultados.

Tabela 3 - Taxa de elocução (medida em sílabas por segundo) em textos lidos em sete línguas, a partir de Dauer (1983), Eriksson (1991) e da versão francesa do corpus Lobato lida por um indivíduo do sexo masculino (adaptado de Barbosa, 2006: 181).

Língua	Taxa de elocução (sílabas/segundo)
inglês (britânico)	5.9
inglês (americano)	5.0
tai	4.5
espanhol (cubano)	7.2
espanhol (europeu)	6.1
grego (de Tessalônica)	7.3
grego (de Atenas)	7.1
italiano (de Milão)	7.5
italiano (de Roma)	7.1
Sueco	5.2
Francês	4.3

Barbosa (2006) analisou este parâmetro da taxa de elocução (TE) no PB, também em contexto de leitura. No entanto, enquanto que os resultados da Tabela 3 foram obtidos através da leitura de um texto de dois parágrafos, a análise feita para o PB partiu da leitura de frases isoladas – *corpus Frases Isoladas*. Este *corpus*, tal como o anterior, também contempla a leitura de um único indivíduo do sexo masculino, oriundo da região de Pernambuco⁸ (Brasil). Para este *corpus* (contrariamente ao anterior) foi pedido ao indivíduo que lesse as frases em três velocidades diferentes: rápida, média e lenta. Os resultados podem observar-se na Tabela 4.

⁸ Devido ao facto de o falante ser de Pernambuco, deverá ter marcas dialetais deste local do Brasil.

Tabela 4 - Taxa de elocução do corpus Frases Isoladas, lido por um único indivíduo

Taxa de elocução em PB (medida qualitativa)	Taxa de elocução em PB (medida quantitativa - sílabas/segundo)
Rápida	7.0
Média	5.7
Lenta	3.8

Como observamos na Tabela 4, os resultados da medida quantitativa da taxa de elocução corroboram a medida qualitativa (e de acordo com a tarefa solicitada de ler as frases em diferentes velocidades).

1.2.1. Influência dos estilos de fala no *speech rate*

A influência dos diferentes estilos de fala no *speech rate* ou no ritmo das línguas começou a ser abordada em alguns estudos que pretendiam analisar o ritmo da língua com maior robustez.

Como já foi referido, Giordano e D'Anna (2010) estudaram o ritmo em quinze variedades regionais de italiano, tendo acrescentado ainda uma outra variável: diferentes estilos de fala. Os três estilos de fala considerados foram: leitura, noticiários televisivos (discurso pré-planeado) e discurso espontâneo (diálogos orientados). Os resultados obtidos permitiram verificar que existe uma grande variação dos valores de duração conforme o estilo de fala e também entre as diferentes variedades do italiano. Arvanity (2009, 2012) e Arvanity e Ross (2010) analisaram as diferenças rítmicas entre línguas, considerando também três estilos de fala, sendo estes: discurso espontâneo, leitura de uma história e leitura de frases.

Também Delgado-Martins e Freitas (1991) realizaram uma investigação que pretendia averiguar as diferenças de ritmo da fala do mesmo sujeito em diferentes situações de comunicação, tomando como variável de estudo a sua profissão. Nesta investigação, os participantes foram mulheres jornalistas e professoras. Assim, as autoras realizaram um estudo empírico em que os falantes que participaram no estudo teriam como tarefas: (a) ler em voz alta frases isoladas; (b) ler em voz alta um texto; (c) falar de forma espontânea - solicitada (em laboratório); (d) falar em situação profissional. A fala em situação profissional corresponde à fala utilizada pelos indivíduos em situações de

trabalho, ou seja, fala considerada formal. Neste caso, para as jornalistas, a fala profissional considerada foi o respetivo discurso no noticiário; para as professoras, considerou-se como fala profissional o respetivo discurso produzido em contexto de aula. No mesmo estudo, as autoras notaram “a existência de índices de estruturação temporal que nos permitem distinguir (...) tipos de fala” (Delgado-Martins & Freitas, 1993: 198), a que aqui poderemos chamar “situações discursivas” (tal como apresentadas em Fachada & Lopes, 2016; Fachada, 2017). Assim, é possível distinguir-se a leitura, a fala espontânea e a fala profissional – podendo esta última aproximar-se ao “discurso solene” (Fachada & Lopes, 2016; Fachada, 2017), embora se situe num ponto de menor formalidade na escala de formalidade. O mesmo tipo de fala pode ainda ser aproximado à “fala preparada” de Mata e Moniz (2016).

Os resultados obtidos através de um estudo empírico (Delgado-Martins & Freitas, 1991) mostraram que “a velocidade de elocução permite distinguir os diferentes tipos de fala”⁹ (Delgado-Martins, 1993: 198). De acordo com os resultados, é possível criar uma escala onde se inserem os diferentes “tipos de fala”: o noticiário comporta o valor mais alto de palavras por segundo (3.8 palavras/segundo); seguindo-se a leitura (2.8 palavras/segundo); posteriormente a fala espontânea (2.4 palavras/segundo); e, por fim, o discurso em aula que apresenta o menor valor de palavras por segundo (2.0 palavras/segundo).

Tabela 5 – Número de palavras por segundo em diferentes tipos de fala no estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991)

“Tipo de fala”	Nº de palavras/segundo
Noticiário	3.8
Leitura	2.8
Fala espontânea	2.4
Discurso em aula	2.0

Sendo assim, estudos com *corpora* de português europeu têm demonstrado que o “tipo de fala” associado ao diferente grau de espontaneidade ou planeamento, bem como

⁹ Como já referimos anteriormente, os designados “tipos de fala” assemelham-se, na presente dissertação, à designação de “situações discursivas” também designadas deste modo em Fachada e Lopes (2016) e Fachada (2017).

à natureza mais interativa ou, por outro lado, mais expositiva, configura um fator relevante no que diz respeito à prosódia em português europeu.

Mata e Moniz (2016) desenvolveram um estudo baseado em *corpora* do português europeu - o qual incide, essencialmente, na prosódia e na entoação. O *corpus* utilizado contempla fala espontânea e fala preparada. As autoras revelam que a variação prosódica entre tipos de fala, mais concretamente no seu posicionamento no contínuo de grau de formalidade que coloca, nos polos extremos, a fala espontânea e a fala preparada, relaciona-se com fatores estilísticos que se concretizam nas circunstâncias da situação comunicativa (Mata & Moniz, 2016).

No estudo a que nos referimos (Mata & Moniz, 2016), foi abordada a questão da variação social – grupo etário, género e estatuto socioprofissional – contemplando apenas *corpora* de fala espontânea – situação de conversa informal. Relativamente ao género, os resultados obtidos foram os seguintes: nos adultos, o discurso espontâneo feminino inclui, em média, menos pausas e pausas mais breves, ou seja, há uma maior rapidez de discurso oral no género feminino, comparando com o discurso masculino que possui, em média, um maior número de pausas preenchidas e uma menor rapidez de discurso (Mata & Moniz, 2016). Nos adolescentes, também o discurso espontâneo feminino se caracteriza por uma velocidade de elocução superior no género feminino e inferior no género masculino (maior número de sílabas por segundo no género feminino, contrapondo com menor número de sílabas por segundo no género masculino) (Mata & Moniz, 2016).

Em relação ao grupo etário, concluiu-se que as diferenças entre o grupo dos adultos e o grupo dos adolescentes se situavam: na velocidade de elocução e de articulação – mais elevada na fala dos adolescentes; no rácio de fonação – mais elevado nos adultos; e na ocorrência de processos fonológicos – mais elevada nos adolescentes (Mata & Moniz, 2016).

Estudos relativos ao português europeu revelam que situações comunicativas com menor preparação e que possuem maior interatividade (por exemplo, diálogos espontâneos) possuem, tipicamente: frases mais curtas, velocidade de elocução e de articulação mais baixa e rácio de fonação mais elevado. Pelo contrário, em situações de natureza mais expositiva (por exemplo, aula universitária), passa-se o oposto: frases mais longas, velocidade de elocução e de articulação mais elevada e rácio de fonação inferior (Mata & Moniz, 2016).

As autoras elaboraram ainda uma análise relativa à extensão do fraseamento prosódico de adultos e adolescentes em contextos espontâneos e preparados (sem leitura).

Concluíram que o discurso preparado dos adultos integra mais palavras e blocos mais amplos em comparação com os adolescentes (Mata & Moniz, 2016).

Apresenta-se, em seguida, um quadro (Tabela 6) retirado de Mata e Moniz (2016) que identifica a média de palavras por constituinte similar a frase, em diferentes situações de comunicação oral.

Tabela 6 - Média de palavras por constituinte similar a frase em diferentes situações discursivas (retirado de Mata & Moniz, 2016: 138)

Corpora	Média de palavras
Diálogos adulto-criança	3
Diálogos em formato <i>map-task</i>	6
Relato espontâneo de professores de 3.º Ciclo	8
Aula de 3.º Ciclo	17
Aulas universitárias	18
Noticiários televisivos	22
Sessões do parlamento europeu	29

Estas autoras facultam, assim, pistas muito importantes no que concerne à variação prosódica em PE entre diferentes “tipos de fala” e, sobretudo, à relação entre estes e o contínuo que coloca nos extremos opostos “fala espontânea-fala preparada” (Mata & Moniz, 2016).

Mais recentemente, estudos que relacionam o *speech rate* ou taxa de elocução – designado débito elocucional - e a formalidade da situação discursiva (Fachada & Lopes, 2016, Fachada, 2017) apontam para uma clara distinção entre os dois polos extremos da escala de formalidade.

Delgado-Martins e Freitas (1991) testam a influência da profissão em três tipos de situações discursivas, sendo estas: a leitura, o discurso espontâneo e o discurso profissional. Neste estudo, as autoras analisaram apenas o discurso de vozes femininas, de dois grupos profissionais: duas jornalistas (J1 e J2) e duas professoras de ensino superior (T1 e T2). Como anteriormente explicitado, as autoras deste trabalho tiveram como objetivo averiguar a influência da profissão em três situações discursivas diferentes. Assim, cada indivíduo foi submetido a três situações de comunicação: (1) leitura de um texto – R; (2) discurso espontâneo (*spontaneous speech*) - S, em que é pedido que o indivíduo fale da sua vida profissional, sem interação; (3) discurso profissional

(*professional speech*) – P, para as professoras uma leitura numa aula normal, e para as jornalistas uma apresentação das notícias num estúdio normal. Primeiramente, foram calculadas quatro percentagens: percentagem de discurso (%SS); percentagem de pausas silenciosas (%SP); percentagem de pausas preenchidas (%FP); e percentagem de pausa (%P)¹⁰, para cada indivíduo em cada uma das três situações discursivas. Na Tabela 7, podemos verificar os resultados obtidos pelas autoras relativamente à percentagem de discurso e de pausas no discurso de cada indivíduo, nas três diferentes situações discursivas.

Tabela 7 - Percentagens de discurso e de pausas por indivíduo por situação discursiva
(adaptado de Delgado-Martins & Freitas, 1991: 19-2)

	Leitura (R)				Discurso espontâneo (S)				Discurso profissional (P)			
	J1	J2	T1	T2	J1	J2	T1	T2	J1	J2	T1	T2
%SS	75.3	84.9	89.7	92.8	50.6	60.0	78.8	66.8	90.1	80.5	73.3	68.3
%SP	24.7	15.1	10.3	7.2	11.5	14.0	18.4	24.4	11.6	19.5	18.4	22.4
%FP	-	-	-	-	37.3	26.0	2.8	8.8	-	-	8.3	9.3
%P	24.7	15.1	10.3	7.2	49.4	40.0	21.2	33.2	11.6	19.5	26.7	31.7

Para além destas percentagens, as autoras calcularam o *speech rate* (SR) e a *articulation rate* (AR), visto que consideraram estes parâmetros relevantes para a estruturação temporal. O SR corresponde ao número de palavras produzidas por segundo (w/s), considerando o tempo total; enquanto que a AR corresponde também ao número de palavras produzidas por segundo (w/s), mas considerando apenas o tempo de discurso efetivo, designado acima por %SS (Delgado-Martins & Freitas, 1991).

Os resultados relativos ao SR e à AR apresentam-se na Tabela 8.

¹⁰ Goldman-Eisler (1968) afirma que as pausas são indicadoras de processamento. Delgado-Martins e Freitas (1991) consideram que as pausas silenciosas são utilizadas para preparar informação já conhecida e as pausas preenchidas são utilizadas como pistas para a complexidade do planeamento verbal para as sequências que serão produzidas em seguida (Delgado-Martins & Freitas, 1991: 19-1).

Tabela 8 - Valores de SR e AR de cada indivíduo nas três diferentes situações discursivas (adaptado de Delgado-Martins & Freitas, 1991: 19-3)

	Leitura (R)				Discurso espontâneo (S)				Discurso profissional (P)			
	J1	J2	T1	T2	J1	J2	T1	T2	J1	J2	T1	T2
SR (w/s)	2.69	2.68	3.09	3.03	2.35	2.30	2.67	2.38	3.48	3.24	1.92	2.23
AR (w/s)	3.35	3.08	3.41	3.25	3.52	3.22	3.24	3.18	3.86	3.98	2.43	2.94

As autoras constataram que, na atividade de leitura (R), as jornalistas possuíam uma percentagem mais elevada de pausas silenciosas, o que provoca uma diminuição da taxa de fala (SR).

No discurso espontâneo (S), as jornalistas apresentam um valor superior de hesitação, verificável através do valor de %FP; bem como um valor superior de %P que funciona como “indicador temporal de discurso não preparado” (Delgado-Martins & Freitas, 1991: 19-3).

Relativamente ao discurso profissional (P), a percentagem de pausa é menor nas jornalistas, sendo que as taxas de discurso (SR) e de articulação (AR) são superiores face às professoras (Delgado-Martins & Freitas, 1991).

Assim, apontam o “estilo jornalístico” como uma situação discursiva em que o discurso é rápido, sem hesitações, e com a transmissão de uma grande quantidade de informação num espaço de tempo controlado (Delgado-Martins & Freitas, 1991: 19-3). Embora o discurso profissional das professoras também se defina pela transmissão de informação, esta transmite-se de uma forma pedagógica, pelo que se verifica um aumento da percentagem de pausas e uma diminuição da taxa de discurso (SR) e de articulação (AR), comparativamente com o discurso profissional das jornalistas (Delgado-Martins & Freitas, 1991).

As autoras verificaram que a percentagem de pausas é mais elevada no discurso espontâneo (S) face à leitura (R), o que indica “um processo complexo de cognição e estruturação estilística do discurso” (Delgado-Martins & Freitas, 1991: 19-4) que não é verificável na atividade de leitura. A taxa de discurso (SR) é menor no discurso espontâneo (S) relativamente à leitura (R) (Delgado-Martins & Freitas, 1991).

De acordo com os resultados das autoras, as atividades da leitura (R) e do discurso profissional (P) nas jornalistas são semelhantes no que concerne à ausência de pausas preenchidas (%FP). De facto, a atividade de apresentar notícias é baseada na leitura de um teletexto, o que simplifica o planeamento verbal. Nas professoras, o discurso profissional (P) apresenta baixa percentagem de pausas preenchidas (%FP), enquanto que na leitura (R) apresentam, tal como as jornalistas, ausência de %FP. Assim, distinguem-se as jornalistas das professoras pelo facto de nas primeiras se observar ausência de %FP tanto na leitura (R) como no discurso profissional (P), enquanto que nas segundas se revela ausência de %FP apenas na leitura (R) (Delgado-Martins & Freitas, 1991).

A taxa de discurso (SR) e a taxa de articulação (AR) das jornalistas é, significativamente, mais elevada no discurso profissional (P) face à leitura (R), uma vez que o objetivo do discurso profissional é passar a maior quantidade de informação possível num espaço de tempo limitado. Pelo contrário, nas professoras, as taxas de discurso (SR) e de articulação (AR) diminuem, visto que o objetivo deste discurso profissional (P) é produzir um discurso estruturado e claro, de modo a simplificar a perceção (Delgado-Martins & Freitas, 1991).

O discurso profissional (P) e o discurso espontâneo (S) em ambas as profissões possuem valores semelhantes de %SP, o que pode dever-se à tentativa de aproximação do discurso profissional (P) ao discurso espontâneo (S). Ainda, o discurso profissional (P) e o discurso espontâneo (S) das professoras possuem valores próximos de %FP em P e S. As jornalistas evitam o uso de FP, uma vez que o fenómeno de hesitação diminui a fluência do discurso e usa tempo que é necessário para transmitir informação (Delgado-Martins & Freitas, 1991).

Fachada e Lopes (2016) e Fachada (2017) constataram a existência de um claro distanciamento relativo ao *speech rate* entre a situação discursiva considerada mais formal - o “discurso solene”; e a situação discursiva considerada menos formal - a “entrevista espontânea”.

1.2.2. Medidas de cálculo do *speech rate*

Considerando o facto de existirem vários critérios para medir o *speech rate*, no presente estudo medimos o *speech rate* quantitativamente e consideramos como medidas: a palavra, a sílaba e o segmento. Deste modo, iremos fazer uma breve contextualização desses conceitos nos pontos seguintes.

1.2.2.1. Palavra

O conceito de palavra é um conceito que, inequivocamente, se evidencia estável, intuitivo e bem delimitado para os falantes. “Qualquer falante parece não ter dificuldade em dar inúmeros exemplos de palavras ou reconhecer também um grande número de palavras da sua língua” (Azuaga, 1996: 216).

No entanto, no domínio da linguística, este conceito tem vindo a ser estudado e explorado de diversas formas, possuindo várias aceções. Efetivamente, para os linguistas, a definição de palavra não é intuitiva nem estável, mas uma “unidade tão fulgente quanto fugidia” (Velooso, 2016: 15).

Ainda “as palavras não são apenas reconhecíveis na escrita (...) ao ouvirmos alguém falar, também identificamos certas sequências como palavras.” (Azuaga, 1996: 216).

Existem diversas perspetivas do conceito de palavra, tais como: palavra fonológica/prosódica, palavra morfológica e palavra ortográfica. Devido ao facto de o nosso estudo não se centrar na delimitação do conceito de palavra, funcionando este como uma medida do *speech rate*, a definição de palavra que utilizamos na presente dissertação é a de palavra ortográfica que é, então, utilizada como uma das medidas para estudar a taxa de elocução ou *speech rate*. A palavra ortográfica pode definir-se por uma “unidade que, na escrita, é delimitada por espaços em branco.” (Azuaga, 1996: 219).

1.2.2.2. Sílabas

A estrutura interna de uma palavra possui constituintes internos que podem ser identificados e analisados segundo várias perspetivas. A nível prosódico, estes constituintes organizam-se em grupos - os quais se denominam por sílabas.

A sílaba tem vindo a ser tratada de diferentes perspetivas. A nível multilinear, a sílaba tem tido um papel de destaque, uma vez que inúmeros processos fonológicos são explicados principalmente através da sílaba e dos seus constituintes (cf. Kenstowicz, 1993; Hogg & McCully, 1987; Goldsmith, 1999) (Fernandes, 2007).

Admite-se que os falantes nativos de uma dada língua possuem intuição silábica acerca dessa mesma língua (cf. Barbeiro, 1986; Barroso, 1999; Blevins, 1995; Ladefoged, 2001; Mateus & Andrade, 2000; Rodrigues, 2000; Velooso, 2003). Assim, “parece haver uma capacidade relativamente fácil de identificar as sílabas das palavras, por parte dos

falantes nativos. Além disso, é possível manipular ludicamente as estruturas silábicas (como se verifica, por exemplo, nas lengalengas ou em jogos de palavras) e também experimentalmente, em tarefas induzidas.” (Fernandes, 2007: 33).

A sílaba é constituída hierarquicamente, ou seja, é constituída por elementos que se organizam segundo uma hierarquia estabelecida (Durand, 1990; Blevins, 1995). Os constituintes que compõem a sílaba são: o ataque e a rima. Esta última, por sua vez, é composta pelo núcleo e pela coda. Numa perspectiva em que a sílaba é considerada como um *objeto multidimensional*, o ataque, juntamente com a rima, forma uma estrutura ramificada binária (Mateus, 1994).

O ataque silábico traduz-se por uma ou mais consoantes precedentes ao núcleo. Este pode ser simples ou ramificado. Um ataque simples é constituído somente por uma consoante, enquanto que um ataque ramificado é constituído por mais do que uma consoante, ou seja, por uma sequência consonântica¹¹. Em português, qualquer consoante pode ocupar a posição de ataque silábico. No entanto, a vibrante simples [r] e as palatais [ɲ] e [ʎ] não podem surgir na posição de ataque silábico em início absoluto de palavra (Mateus, 1994).

Como já explicitamos anteriormente, o constituinte silábico denominado de rima é composto pelo núcleo e pela coda. O núcleo é a posição central da sílaba, pelo que é a única posição que tem de estar, de forma obrigatória, preenchida. Pelo contrário, a posição de ataque e de coda¹², tanto pode encontrar-se preenchida como vazia (Mateus, 1994).

Tal como a posição de ataque, o núcleo pode ser simples ou ramificado. Os núcleos simples são formados apenas por uma vogal; os núcleos ramificados são compostos por uma vogal e uma semivogal, formando um ditongo (Mateus, 1994).

A nível fonético, tal como a nível fonológico, as rimas silábicas em português são constituídas, obrigatoriamente, com a posição de núcleo ocupada. Esta posição é sempre ocupada por uma vogal¹³. Tanto as vogais orais como as vogais nasais podem ocupar a posição de núcleo silábico (Mateus, 1994).

Assim, “todas as vogais fonológicas criam sílaba” (Mateus, 1994: 3), ou seja, são as vogais que formam núcleo silábico em português, sendo estas os únicos elementos passíveis de constituir sílaba. Deste modo, “consoantes ou semivogais¹⁴ fonológicas não

¹¹ Estas sequências consonânticas não são “livres”, estando sujeitas a restrições da própria língua.

¹² Como já foi explicado, a posição de coda silábica pertence ao constituinte silábico da rima.

¹³ Podendo, ou não, ser esta vogal antecédida ou procedida por uma semivogal, formando, desta forma, um ditongo.

¹⁴ As semivogais ou glides “não se comportam como vogais nem como consoantes (...) Foneticamente encontram-se próximo das vogais, mas fonologicamente distinguem-se por nunca poderem receber acento tónico e por ocorrerem sempre junto de uma vogal formando com ela um ditongo.” (Mateus, 1996: 175).

constituem núcleo de sílaba” (Mateus, 1994: 3), o que quer dizer que em português não existem “consoantes silábicas”¹⁵ (Mateus & Andrade 2000: 46).

A posição de coda silábica, quando preenchida, é ocupada por uma consoante que se encontra após a vogal¹⁶ que ocupa a posição do núcleo. A coda, contrariamente ao ataque e ao núcleo, é sempre simples, ou seja, não ramificada. Quanto às consoantes que podem ocupar a posição de coda, estas são muito reduzidas em quase todas as línguas. Em português, apenas três consoantes fonológicas podem ocupar esta posição, sendo elas: a fricativa /s/ (com realizações diferentes a nível fonético – [ʃ] [ʒ]) e as líquidas /ʎ/ e /ɾ/¹⁷.

Numa perspetiva estruturalista, Câmara (1970) atenta que uma sílaba completa se traduz por uma fase ‘ascensional’ (aclive), um momento de plenitude (ápice) – centro/núcleo da sílaba - e uma fase de ‘descensão’ (declive). O ápice é, em geral, “a emissão de uma vogal (fonema silábico), sendo as consoantes elementos marginais” (Fernandes, 2007: 35).

Em português, existem diferentes tipos silábicos: V (vogal), CV (consoante-vogal), CCV (consoante-consoante-vogal), VC (vogal-consoante), CVC (consoante-vogal-consoante) e CCVC (consoante-consoante-vogal-consoante) (Fernandes, 2007).

Apesar de existirem todos estes tipos silábicos, nem todos estão presentes com a mesma frequência. Existe um tipo silábico que se sobrepõe em todas as línguas do mundo¹⁸, sendo este a sílaba CV e que se denomina, por isso, “sílaba não marcada”. Em português, Vigário e Falé demonstraram, recorrendo a dados empíricos, que as palavras realizadas com maior frequência são palavras constituídas, predominantemente, por sílabas “não marcadas” (Fernandes, 2007: 33).

1.2.2.3. Segmento

Trubetzkoy (1939) – o “pai” da fonologia – aponta o fonema como a unidade mínima da fonologia. No entanto, na perspetiva da teoria dos traços distintivos, o fonema dá lugar ao traço distintivo, o qual passa a ser considerado a unidade mínima da fonologia. O fonema representa um segmento sonoro, sendo que esse segmento “é constituído por propriedades – os traços distintivos - que se podem identificar e servem para distinguir”

¹⁵ Pelo contrário, em línguas como o sérvio, consoantes – sobretudo líquidas – podem ocupar a posição de núcleo silábico (Fernandes, 2007: 34).

¹⁶ Ou semivogal, no caso de núcleo ramificado.

¹⁷ Para além destas consoantes fonológicas que podem ocupar a posição de coda silábica, alguns autores (cf. Barbosa: 1965; Barroso: 1999; Câmara: 1970) identificam, ainda, o arquifonema nasal /N/, como passível de preencher a posição de coda silábica.

¹⁸ Mateus (1996); Barbeiro (1986); Blevins (1995).

(Mateus, 1996: 181) os segmentos. Desta forma, essas propriedades que permitem distinguir os sons – traços distintivos – passam a constituir a unidade mínima da fonologia. Assim, o fonema (Trubetzkoy, 1939) passa a ser designado de segmento, sendo que um segmento corresponde a um conjunto de traços distintivos (Mateus, 1996).

Capítulo 2 – Fonética / Fonologia

A fonética e a fonologia estudam a “componente fónica” da língua, podendo, por isso, verificar-se uma certa confusão na delimitação de cada uma delas. Como ambas analisam a “componente fónica” da língua, estas possuem, entre si, pontos em comum. Segundo Saussure (1916), a fonética e a fonologia fazem parte da face significativa da língua¹⁹ (Veloso, 2015).

Contudo, e como exporemos em seguida, estas constituem duas abordagens muito distintas. Visto que tanto a fonética como a fonologia tratam de questões relacionadas com a “componente fónica” da língua, é importante ressaltar estas duas diferentes abordagens: “abordagem fonológica” e “abordagem fonética”, as quais se distanciam largamente (Veloso, 2015).

Definimos fonologia como uma área da linguística que “estuda o comportamento linguístico, a organização e a função dos sons e das suas propriedades teóricas ao nível do sistema e das estruturas da gramática de uma dada língua, operando com unidades e entidades estritamente gramaticais.” (Veloso, 2015: 2).

Retomando Saussure (1916), enquanto que a fonética pertence ao domínio da fala, a fonologia diz respeito ao domínio da língua (Veloso, 2015). Assim, a fonética estuda “um objeto físico, material, acústico, altamente sujeito a uma grande variação, virtualmente infinito.” (Veloso, 2015: 3). Nas dicotomias de Saussure (1916), de facto, a fala não é estudada, visto que esta é heterogénea e variável. Dado não ser necessário um conhecimento gramatical de uma língua para uma sequência sonora poder ser analisada a nível fonético, pode dizer-se que, de certo modo, a fonética é independente da linguística (Veloso, 2015).

Segundo Troubetzkoy (1939), opõe-se “o empirismo estrito da fonética” ao “racionalismo da fonologia”. Troubetzkoy (1939) distingue, então, fonética e fonologia nitidamente e propõe que a fonética seja uma subciência das ciências naturais, sendo a fonologia pertencente “ao domínio da gramática e da linguística” (Veloso, 2015: 7) e, por isso, incluída nas ciências humanas.

Uma distinção fundamental que distingue a fonética e a fonologia é o facto de os objetos de estudo de cada uma possuírem natureza distinta.

O objeto de estudo da fonética é “o som da fala, ou seja, os fenómenos físicos (acústicos) resultantes da atividade do aparelho fonador com vista à transmissão oral de

¹⁹ Ou seja, correspondem a realizações linguísticas que não dependem do conteúdo semântico.

um enunciado verbal.” (Veloso, 2015: 3). Assim, “qualquer som proveniente do aparelho fonador humano e com conteúdo ou intenção linguística (...)” (Veloso, 2015: 3) serve de objeto de estudo da fonética. O objeto de estudo da fonética é, então, pertencente ao mundo físico, sendo os seus elementos materiais.

Já a fonologia ocupa “um plano mais abstrato” (Veloso, 2015: 3), onde não se localizam unidades físicas, mas sim abstratas. A fonologia analisa “objetos puramente teóricos, abstratos, imateriais e racionais.” (Veloso, 2015: 7). A fonologia, contrariamente à fonética (que opera com elementos reais), opera num nível abstrato “para além da realidade puramente fonética” (Veloso, 2015: 6). Assim, pretende encontrar “regularidades de natureza mais abstrata, inacessíveis à pura observação empírica dos factos acústicos.” (Veloso, 2015: 6). A fonologia opera num nível abstrato (não observável) que se contrapõe ao nível concreto (observável/físico) da fonética.

A fonética estuda, assim, realizações físicas/sonoras, enquanto que a fonologia “estuda os modelos teóricos que subjazem a essas realizações sonoras” (Veloso, 2015: 16).

Uma outra diferença que distingue estas duas áreas é a natureza invariável, homogénea e finita dos elementos teóricos da fonologia, contrapondo com a extrema variabilidade e infinidade das realizações fonéticas.

Para Veloso (2015: 13), o nível fonético “carateriza-se por uma grande dispersão e variação das suas propriedades acústicas e articulatórias”. Segundo o autor, esta dispersão pode dever-se a vários fatores, tais como: situação formal/situação informal; e débito elocucional lento/débito elocucional rápido.

2.1. Sílabas fonéticas e sílabas fonológicas

Tal como explicitamos anteriormente, a fonética e a fonologia centram-se na mesma componente da língua, recorrendo, no entanto, a abordagens distintas. Sendo assim, também o conceito de sílaba é diferente quando esta é estudada na perspetiva fonética ou na perspetiva fonológica.

As sílabas fonológicas regem-se por princípios teóricos e regras estáveis; enquanto que as sílabas fonéticas são as realizações reais dos falantes – as quais não correspondem muitas vezes aos princípios teóricos.

Como exemplo, e tendo em conta o que referimos no ponto 1.2.2.2. desta dissertação, a nível fonológico não são permitidas codas ramificadas em português.

Contudo, existem palavras que possuem, a nível fonético, mais do que uma consoante após o núcleo – como por exemplo a palavra *abstenção*. Apesar de, inequivocamente, a nível fonético estas palavras possuírem duas consoantes depois do núcleo, a nível fonológico explica-se tal irregularidade admitindo um núcleo vazio entre as duas consoantes - pelo que cada consoante pertence, assim, a uma sílaba fonológica distinta (cf. Mateus & Andrade, 2000). Esta hipótese em que se admite uma sílaba adicional a nível fonológico considera, deste modo, um núcleo vazio – o qual é preenchido pela “vogal vazia” - [ɨ], desfazendo, deste modo, sequências consonânticas²⁰ que não se prevêm fonologicamente.

Também a supressão de vogais átonas, no nível fonético, provoca uma desorganização na estrutura silábica fonológica, havendo a possibilidade de ocorrência de sequências consonânticas não admitidas no nível fonológico - o que incita, também, a uma redução do número de sílabas fonéticas.

Assim, a sílaba fonológica possui uma estrutura organizada hierarquicamente, enquanto que a sílaba fonética/realizada viola, muitas vezes, essa estruturação hierárquica. Constatamos, assim, que a estruturação da sílaba fonológica não corresponde, inequivocamente, à sílaba realizada foneticamente, visto que os princípios fonológicos na formação de sílaba fonológica não são sempre respeitados no nível fonético.

2.2. Apagamento fonético

O fenómeno do apagamento fonético caracteriza-se por um apagamento/supressão/eliminação de sons no nível fonético, embora estes constem no nível fonológico da língua. Este fenómeno é uma característica muito frequente no português europeu²¹.

Visto que este fenómeno se verifica nas realizações dos indivíduos, este situa-se no plano da fonética, distanciando-se, desse modo, do plano teórico da fonologia.

Tal como sabemos, em português europeu, quando as vogais se encontram em posição átona, “sofrem alterações na intensidade, altura, duração e também o timbre” (Fernandes, 2007: 22). Devido a estas alterações, no nível fonético as vogais átonas são

²⁰ As sequências consonânticas em português europeu estão sujeitas a restrições: Princípio da Sonoridade e Condição de Dissemelhança (Vigário e Falé).

²¹ O PE distancia-se, deste modo, do PB, em que este fenómeno não se verifica.

frequentemente reduzidas ou até suprimidas, tal como afirmam Mateus e Andrade (2000). Estes autores referem ainda que são sobretudo as vogais altas e não anteriores as mais sujeitas a este apagamento fonético. Barbosa (1965) refere que as vogais não acentuadas em português europeu possuem uma duração breve, o que resulta no apagamento dessas vogais “e, conseqüentemente, de sílabas.” (Fernandes, 2007: 23).

Mas nem todas as vogais possuem a mesma frequência de apagamento, sendo que há vogais mais sujeitas a apagamento do que outras.

“Em Português, na fala coloquial, a vogal [i] é sempre suprimida.” (Mateus, 1996: 192). A vogal átona [i] é referida como aquela que é apagada com maior frequência. Sobretudo no discurso rápido, esta vogal é, muitas vezes, apagada. Esta maior frequência de apagamento prende-se com as características dessa mesma vogal - a que se dá o nome de *chevá*, *vogal vazia*, e *mudo*, entre outras designações - uma vez “que possui baixa intensidade e breve duração, e não pode ser nasalizada” (Fernandes, 2007: 24). Andrade (1994: 303) afirma que esta é a vogal “mais sujeita a não ter manifestação fonética própria”²². Tal como concluíram Mateus e Andrade (2000), é difícil perceber, quer a nível perceptivo, quer a nível acústico, se a vogal [i] está presente ou ausente (devido às suas características mencionadas acima). Também os contextos em que esta vogal surge são limitados, visto que apenas surge em posição de sílaba átona, entre consoantes ou depois de consoante no fim de palavra. Esta vogal não surge em início absoluto de palavra²³. Mateus (1990) afirma que, devido ao facto de esta vogal nunca surgir em posição acentuada, é resultante de alterações e corresponde a uma realização fonética das vogais fonológicas /e/ ou /ɛ/, não sendo uma verdadeira vogal fonológica, pelo que a vogal [i] não faz parte do inventário fonológico do português, segundo Mateus (1990).

Seguidamente, a vogal [u] é a segunda vogal átona que está mais sujeita a apagamento, essencialmente quando ocupa a posição final de palavra (por exemplo: burro pronunciado como [buR]); ou quando se encontra após uma labial (por exemplo: f(u)gueira).

As vogais átonas que se encontram nas sílabas finais - que possuem menos intensidade, altura e duração - estão mais sujeitas ao fenómeno de apagamento do que as

²² Apesar de esta vogal ser repetidas vezes suprimida foneticamente, ela também funciona, por vezes, como vogal epentética, no caso de palavras terminadas em consoante, por exemplo: senhor pronunciado como senhor[i]; e também é acrescentada oralmente com o objetivo de desfazer grupos consonânticos, por exemplo: flauta pronunciada como f[i]lauta.

²³ Salvo raras exceções, em que antecede uma fricativa coronal, como na palavra *escola*, e é pronunciada foneticamente. Habitualmente e sobretudo na fala coloquial, nestas palavras que contêm a vogal [i] antes de uma fricativa coronal, a vogal [i] não é pronunciada.

vogais átonas que estão nas sílabas anteriores à tônica (Fernandes, 2007). Mateus e Andrade (2000) identificam a frequência elevada de apagamento de [i] e [u] na fala coloquial.

Este fenómeno de apagamento fonético das vogais átonas leva a um apagamento/redução de sílabas no nível fonético. Como explicitamos no ponto 1.2.2.2 desta dissertação, a vogal de dada sílaba constitui o seu núcleo, pelo que é fundamental a existência dessa vogal para que seja considerada uma sílaba. Assim, quando estas vogais são apagadas é, também, apagada uma sílaba fonológica.

O fenómeno do apagamento fonético é muito frequente em português europeu, no entanto não está totalmente sistematizado (Fernandes, 2007).

Capítulo 3 – Formalidade das situações discursivas

A formalidade/informalidade é a variável que pretendemos averiguar se influencia ou não o discurso dos falantes. Temos, por isso, um capítulo dedicado à sua definição e estudos que se centraram nesta variável.

3.1. Formalidade

De acordo com o Dicionário infopédia da Língua Portuguesa da Porto Editora, a formalidade define-se do seguinte modo: (1) maneira geralmente aceite de proceder; (2) condição legal indispensável para que um ato seja considerado legítimo; preceito; (3) regra de conduta geralmente admitida ou convencionada nas relações sociais; cerimónia; etiqueta.

Entendemos aqui a formalidade de um ponto de vista linguístico como uma variável que poderá afetar as situações discursivas, concretamente o discurso dos indivíduos, a vários níveis.

Os graus de formalidade constituem um fator relevante para as produções linguísticas dos indivíduos, de acordo com a situação discursiva em que se encontram.

Considera-se a variação individual dos falantes na língua “não apenas de acordo com aquilo que nós somos, mas também de acordo com a situação em que nos encontramos.” (Pedro, 1996: 453). Halliday (1985) designa esta variação – relacionada com as diferentes situações - por registo; pode também designar-se por variação estilística. A variação estilística permite distinguir tipos ou estilos de fala e pressupõe a adaptação dos falantes a diferentes situações de comunicação oral específicas. Esta variação baseia-se na ideia “de que qualquer enunciado linguístico está inexoravelmente ligado ao seu contexto de situação e que diferentes tipos de situação requerem um modo distinto de manipulação linguística.” (Pedro, 1996: 453). Esta manipulação linguística ao contexto é tão perceptível que, não raras vezes, é possível “recuperar traços do contexto” (Pedro, 1996: 453) recorrendo a pequenas sequências.

O conceito de registo (Halliday, 1985) pretende esclarecer a estreita relação existente entre a linguagem e o contexto.

Macedo (2010: 59) pretende averiguar quais “as normas linguísticas de uma comunidade, reveladas pelas variações estilísticas (...) desde o ambiente mais informal até o mais formal.”

“Tudo indica que os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem fala.” (Macedo, 2010: 59).

Assim, os falantes adaptarão a sua forma de falar dependendo do contexto. “(...) em ambientes de maior formalidade, entre pessoas que não conhecem, entre pessoas de posição hierárquica diferente, ou em situações em que estão autoconscientes quanto à linguagem (...)” os falantes utilizarão “as variantes de prestígio, segundo as normas.” (Macedo, 2010: 59).

Um dos primeiros estudos que teve como objetivo “comparar a fala dos indivíduos em contextos diferentes (...)” (Macedo, 2010: 59) foi o trabalho realizado por William Labov (1966) que, considerando o inglês de Nova York, averiguou a presença ou ausência do *r* em final de sílaba, em situações distintas. Labov (1966) partiu do princípio que a presença do *r* retroflexo é a variante prestigiada, enquanto que a ausência é a variante desprestigiada.

As situações que pressupunham um diferente nível de formalidade estavam relacionadas com o lugar onde se localizavam os indivíduos (pertencentes à mesma classe social) aquando da produção linguística. Assim, os dados foram recolhidos em três diferentes lojas (os indivíduos eram empregados das lojas), a saber: a Sacks Fifth Avenue (situada num local de prestígio – preços mais altos); a Macy’s (preços médios); e a S. Klein (situada perto dos bairros mais pobres – preços baixos). Os dados foram recolhidos através de respostas dadas pelos empregados a perguntas, entre as quais: “que andar é este?”, da qual se pretendia a resposta *fourth floor*.

Os resultados obtidos por Labov, relativamente à pronúncia de *r* retroflexo, foram os seguintes: Sacks: 62%; Macy’s: 51%; S. Klein: 20%. Como se verifica pelos resultados, a variante de prestígio (em que o *r* retroflexo está presente) é utilizada com uma percentagem muito superior nas lojas de maior prestígio, comparativamente à baixa percentagem de uso desta variante na loja de menor prestígio.

Labov (1966) observou, ainda, diferenças entre a pronúncia do *r* entre diferentes andares da mesma loja. Os andares superiores são locais espaçosos, onde se mostra a alta costura – mais formais; enquanto que os andares inferiores correspondem a locais apertados, onde estão expostos vários produtos – menos formais. Nos pisos superiores, a pronúncia com todos os *r* foi de 34% e nos pisos inferiores de 23%; nos pisos superiores, a pronúncia com alguns *r* foi de 40%, contrapondo com 23% dos pisos inferiores; a ausência de *r* (variante desprestigiada) nos pisos superiores foi de 26% e nos pisos inferiores de 54%.

“Estes resultados confirmam, pois, a interpretação de que diferenças de contextos formal e informal levariam os falantes a empregar, respectivamente, estilos também formais ou informais.” (Macedo, 2010: 60)

Labov investigou ainda de que forma o grau de formalidade afeta a variação fonológica. Para isso, estudou cinco contextos, a saber: (1) entrevista; (2) leitura de texto; (3) leitura de palavras; (4) leitura de pares mínimos; (5) trechos de conversa informal. O autor concluiu que “quanto mais casual o contexto, mais a pronúncia se afastava das variantes de prestígio. Em situações de formalidade, como em leitura de palavras de textos, foram usadas as variantes mais cuidadas, de maior prestígio.” (Macedo, 2010: 60)

Naro e Lemle (1977) foram os primeiros autores a estudar a influência do grau de formalidade da situação discursiva no discurso dos falantes em português. Estes autores testaram a variação da concordância verbal em diferentes contextos, no PB.

Scherre (1978), utilizando a mesma amostra de Naro e Lemle (1977), analisou a concordância nominal. Para isso, comparou entrevistas em que os indivíduos sabiam que estavam a ser gravados (a que chamou “situação tensa”) com situações em que os indivíduos não tinham conhecimento de que estavam a ser gravados (às quais deu o nome de “situação distensa”). Posteriormente, Scherre (1978) comparou os dados desta amostra (cujos indivíduos são de classe baixa do Rio de Janeiro) com uma amostra de fala da classe média do Rio de Janeiro. Na situação tensa, a classe média apresentou uma percentagem de uso da marca de plural (variante de prestígio) de 85.86%, enquanto que a classe baixa apresentou uma percentagem de 47.37%. Na situação distensa, a classe média apresentou uma percentagem de 71.35% e a classe baixa de 38.59%.

Também Mollica (1989) estudou a influência do grau de formalidade relativamente ao fenómeno do queísmo²⁴. Neste estudo foram utilizadas entrevistas de três diferentes *corpora*, que possuem graus diferentes de formalidade: NURC/EF – elocuições formais; NURC/DID – diálogos (menos formais do que NURC/EF); e Censo – contextos informais. Os resultados obtidos relativos ao queísmo são: NURC/EF apresenta uma percentagem de queísmo (variante de desprestígio) de 52%; o NURC/DID de 61%; e o Censo de 80%. De acordo com os resultados, uma vez mais se aponta para diferenças na fala dos indivíduos, consoante a situação discursiva seja mais ou menos formal. Tendencialmente, utilizam-se as variantes de prestígio nas situações mais formais.

Tendo em conta esta adaptação do discurso dos falantes à situação de comunicação

²⁴ *Queísmo* consiste na perda da preposição *de*.

que descrevemos acima, Joos (1968) descreve cinco registos de linguagem, sendo estes: *frozen*, *formal*, *consultative*, *casual* e *intimate*. O *frozen* é utilizado, por exemplo, em “expressões fixas” e em textos literários. O *formal* caracteriza-se por ser um monólogo e pela divulgação a uma audiência, e tende a ser gramaticalmente correto e muito polido. O *consultative* é, tipicamente, o registo utilizado em contexto de trabalho ou escolar, é crucial para a transmissão de nova informação. O *casual* é o registo utilizado entre amigos, tende a ser informal e “desleixado”. O *intimate* é utilizado com pessoas muito próximas, tende a ser “menos gramatical” e a ocorrerem elipses/cortes. Nos extremos opostos, encontram-se o *intimate* e o *frozen*. O *intimate* permite elipses e economia linguística, maior variação individual, interferências de socioletos e dialetos, presença de calão, maior flexibilidade e “pobreza discursiva”. O *frozen* decorre de uma situação solene ou de cerimónia, admite menor variação, maior rigidez, léxico mais alargado e é necessária mais explicitude, devido à distância existente entre o locutor e os interlocutores – não ocorrem elipses nem economia linguística.

Mata e Moniz (2016) referem que os estilos de fala pressupõem um contínuo de comunicação oral que possui dois polos opostos, sendo estes: a fala espontânea e a fala preparada.

Joos (1968) admite a variação de utilização da língua pelos indivíduos, conforme a situação discursiva em que se inserem. Tendo por base esta variação estilística, descreve os diferentes registos de língua ou marcadores de estilo que os indivíduos utilizam em diversos contextos.

3.2. Discurso oral

A oralidade e a escrita são duas diferentes formas de uso da língua.

No entanto, e principalmente nas sociedades ocidentais, a língua tem sido amplamente referenciada através de uma visão grafocêntrica - ou seja, uma visão centrada na forma escrita que descarta a dimensão oral como veículo igualmente relevante de transmissão de mensagens nas línguas. Esta visão grafocêntrica da língua assenta em pressupostos não metodológicos, descrevendo as realizações orais como objetos não passíveis de estudo, uma vez que: (1) correspondem a um registo de língua informal; (2) são improvisadas; (3) não são “materiais”/físicas.

Tal como veremos de seguida, e contrariamente a esta visão grafocêntrica, as realizações orais possuem extrema relevância para o estudo das línguas. Primeiramente,

é importante ressaltar a “natureza intrinsecamente oral das línguas naturais” (Silva, 2011: 11) que se opõe à visão grafocêntrica. Como evidência da natureza oral das línguas, observa-se o facto de todas as línguas terem sido faladas “antes de serem escritas” (Silva, 2011: 11), sendo que apenas uma parte muito restrita das línguas orais existentes pelo mundo possuem representação gráfica/escrita.

Habitualmente, as realizações orais da língua são percecionadas “como um produto aleatório e improvisado, não sujeito a quaisquer regras e socialmente menos prestigiado do que as produções escritas” (Silva, 2011: 12) percecionadas como mais planeadas e reguladas. No entanto, tal como as produções escritas, também as produções orais obedecem, muitas vezes, a parâmetros de formalidade e planeamento.

Tendo em conta uma visão amplamente referida (que não corresponde à realidade, como veremos em seguida), “as produções escritas partiriam de um planeamento cuidadoso da mensagem a transmitir, revelar-se-iam estruturadas e corretas e situar-se-iam sempre num registo formal e cuidado” (Silva, 2011: 14), enquanto que as realizações orais “obedeceriam sobretudo à espontaneidade, apresentariam muitas incorreções e inconsistências e limitar-se-iam ao uso informal e não vigiado da língua” (Silva, 2011: 14). Esta visão pode dever-se à “quase simultaneidade entre a produção e a transmissão” - que não permite revisão - das realizações orais, que se contrapõe com a “maior perdurabilidade e o carácter diferido” observável na escrita – que permite sucessivas revisões.

Dada a imensidão tanto de produções escritas como de produções orais, e tendo em conta os inúmeros objetivos de transmissão de mensagens (quer oralmente, quer por escrito), este critério da simultaneidade das produções orais e do carácter diferido das produções escritas não nos parece ser um padrão verificável em todas essas produções. Assim, esta diferenciação entre escrito e oral não deverá apenas centrar-se na visão referida acima, mas deverá ter em conta outras duas distinções, sendo estas: registo formal/registo informal; e textos destinados à transmissão escrita/textos destinados à exposição oral.

Importa também referir que “a distinção formal/informal é largamente independente da distinção escrito/oral” (Silva, 2011: 15). A considerável diferença existente entre estas duas dimensões pode comprovar-se através das diferenças existentes entre os vários tipos de texto que se inserem dentro de cada uma das duas dimensões – escrita e oral. Assim, na primeira, averiguamos as diferenças que existem entre, por exemplo, mensagens escritas via telemóvel ou *chat* - que possuem, a maior parte das

vezes, um caráter informal; com textos académicos – que possuem um caráter marcadamente formal. Já na dimensão do oral, se compararmos, por exemplo, conversas entre amigos com discursos solenes para uma plateia, verificamos que também estas duas realizações, ambas transmitidas oralmente, possuem entre elas marcadas diferenças no que toca à formalidade.

Posto isto, podemos concluir que “existem gradações de formalidade” (Silva, 2011: 15) em ambas as dimensões da língua, dependendo o grau de formalidade de dado texto do tipo de texto, e não da sua inserção na dimensão oral ou escrita, visto que ambas as dimensões podem assumir diferentes graus de formalidade.

Além da distinção entre oral e escrita referida anteriormente, outra característica que deve ser tida em conta reside no facto de esta diferença não se prender com a forma como o texto é veiculado, mas sim com a sua origem e propósito/objetivo. Ou seja, o suporte de transmissão da mensagem, seja esta oral ou escrita, não é, por si só, um meio capaz de distinguir as duas dimensões da língua (Silva, 2011).

Considerando, então, que as mensagens são originadas com a perspectiva de transmissão oral ou de transmissão escrita, o seu processamento e até as estruturas linguísticas presentes são característicos desse modo de transmissão. Esta diferença, a nível do processamento e das estruturas linguísticas, não se relaciona com questões de formalidade, mas sim “com a adaptação das características do discurso às circunstâncias da sua transmissão” (Silva, 2011: 16).

Com base no que foi explicitado anteriormente, podemos considerar as realizações orais como produções estruturadas e coerentes – contrariamente àquilo que a visão grafocêntrica preconiza. De facto, existem situações com elevado grau de formalidade que exigem a dimensão oral da língua, tais como o meio académico ou profissional. Assim, essa realização oral é planeada previamente.

Tal como acontece no planeamento de textos transmitidos por escrito, essas situações formais que requerem a utilização oral da língua permitem e necessitam “de um tempo considerável para planejar, estruturar, rever, corrigir e reformular a sua mensagem” (Silva, 2011: 16).

3.3. Situações discursivas

No presente estudo pretendemos assemelhar a designação de “tipos de fala” (Mata & Moniz, 2016) à designação de “situações discursivas”. “Chama-se situação de discurso ao conjunto das circunstâncias no meio das quais se desenrola um ato de enunciação (...)” (Ducrot & Todorov, 2007: 341). Assim, deve ter-se em conta “o ambiente físico e social em que se realiza este ato, a imagem que dele têm os interlocutores, a identidade destes, a ideia que cada um tem do outro (...), os acontecimentos que precederam o ato de enunciação (...), e sobretudo as trocas de palavras em que se insere a enunciação em questão.” (Ducrot & Todorov, 2007: 341). Todas estas circunstâncias em que a situação discursiva é produzida podem designar-se por contexto. O contexto designa aspetos quer “internos ao discurso” (Macedo, 2010: 59), quer “relativos à situação social” (Macedo, 2010: 58) em que o discurso é produzido.

De acordo com Mata e Moniz (2016), as diferenças entre situações discursivas residem nas distinções entre: fala preparada/fala espontânea e natureza expositiva/natureza interativa. Segundo estas autoras, as situações com maior grau de preparação e de natureza mais expositiva terão constituintes mais longos; enquanto que produções com grau mais elevado de espontaneidade comportarão constituintes mais breves.

Para a presente dissertação, selecionamos quatro situações discursivas que iremos elencar e explicitar de seguida. Estudos apontam para que as diferenças ao nível do grau de espontaneidade/planeamento e à natureza interativa/expositiva, associados aos “tipos de fala” sejam muito importantes para a prosódia do português europeu. Assim, para cada situação discursiva iremos elencar estas diferenças.

3.3.1. Discurso solene

Na situação discursiva - que designamos por discurso solene - supõe-se uma realização oral a partir de um suporte escrito preparado anteriormente, dada a formalidade e solenidade da situação. Nesta situação discursiva o indivíduo fala para um público. Podemos assemelhar esta situação discursiva à “fala preparada” descrita por Mata e Moniz (2016).

Em tal situação discursiva, “os oradores leem – oralizam – textos escritos que, pelas suas características estruturais, seriam mais bem processados a partir da escrita do que da transmissão oral. São, na verdade, textos escritos, ainda que, em dada circunstância, sejam

transmitidos através do canal sonoro.” (Silva, 2011: 16). Assim, este trata-se de um tipo de fala com elevado grau de planeamento (que se contrapõe à espontaneidade) e com marcada natureza expositiva (não interativa) - de acordo com os critérios apontados por Mata e Moniz (2016).

Delgado-Martins e Freitas (1991) definem o “discurso profissional” (que se assemelha ao discurso solene, embora menos formal) como o discurso utilizado em situações profissionais formais (por exemplo: pelos professores, advogados, deputados e jornalistas, em situações profissionais). De acordo com as autoras, este tipo de discurso apresenta traços característicos comuns: são (a) previamente preparados; (b) produzidos numa situação não interativa; (c) produzidos para uma grande audiência, podendo esta estar ou não presente; (d) tentam parecer espontâneos (não o sendo verdadeiramente); (e) tendem a ser neutros na passagem de informação.

3.3.2. Noticiário radiofónico

Nesta situação discursiva, supomos uma realização “semi-induzida”, visto que o locutor seguirá um guião escrito previamente preparado, tal como defendem Giordano e D’Anna (2010) quando definem o discurso utilizado nas *TV news* como *pre-planned speech*.

Importa ressaltar que, por fazer parte de uma emissão de rádio, deverá estar condicionada a nível de tempo. Tal como afirmam Delgado-Martins e Freitas (1991) o estilo jornalístico consiste na transmissão de uma grande quantidade de informação num espaço de tempo controlado. Para estas autoras, o discurso jornalístico é rápido (e com poucas hesitações).

Neste tipo de fala “A extensão dos constituintes tende a aumentar como efeito do esforço do falante para apresentar grande quantidade de informação, de forma clara e bem estruturada num curto intervalo de tempo, muitas vezes com recurso à leitura de materiais escritos (e.g. em noticiários televisivos ou em discursos no parlamento europeu)” (Mata & Moniz, 2016: 137).

Assim, a atividade de apresentar notícias é baseada na leitura de um teletexto, o que simplifica o planeamento verbal. Este tipo de fala possui, desta forma, um carácter fortemente expositivo (não interativo), e supõe-se um elevado grau de planeamento – de acordo com os critérios apontados por Mata e Moniz (2016).

3.3.3. Entrevista radiofónica

“A entrevista pode definir-se como uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra (...)” (Vieira, 2018: 89). Entrevistador e entrevistado estão em “contacto direto”.

Na entrevista semiestruturada, “as questões derivam de um plano prévio, um guião (...) na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado” (Amado, 2014: 208). “A entrevista semiestruturada nem é inteiramente livre e aberta (...) nem orientada por um leque inflexível de perguntas estabelecidas *a priori*” (Pardal & Correia, 1995: 65). O entrevistador deverá “estar munido de um referencial de perguntas-guia suficientemente abertas e que permitam um amplo campo de interrogações que vão sendo lançadas no desenrolar da conversa (...)” (Vieira, 2018: 90) às quais o entrevistado irá respondendo de forma espontânea.

Assim, na entrevista radiofónica, pressupõe-se uma realização oral espontânea por parte do entrevistado, uma vez que este responde a perguntas feitas pelos entrevistadores. Apesar de esta ser, em princípio, uma realização oral espontânea, tem o objetivo de ser divulgada e, por isso, o falante terá alguma vigilância no que concerne ao seu discurso.

Este tipo de fala possui, então, carácter interativo - uma vez que se trata de um diálogo; e um grau de espontaneidade considerável (contrapondo com o planeamento), de acordo com os critérios de Mata e Moniz (2016).

3.3.4. Entrevista espontânea

Esta situação discursiva trata-se de uma entrevista livre e aberta, por se desenrolar num ambiente informal (Amado, 2014) e existindo proximidade entre os intervenientes. Trata-se de um tipo de fala com carácter interativo, visto tratar-se de um diálogo; e um elevado grau de espontaneidade (tendo em conta a ausência de um guião), de acordo com os critérios de Mata e Moniz (2016).

Na situação discursiva entrevista espontânea, supõe-se uma realização oral espontânea por parte do entrevistado, visto que se trata de uma conversa conduzida por intervenções do entrevistador às quais o entrevistado vai respondendo espontaneamente. Refere-se também aqui a relação de proximidade existente entre os dois intervenientes. Ao contrário de todas as outras situações discursivas, esta não tem como objetivo a divulgação pública, pelo que podemos supor uma significativa menor vigilância relativamente ao seu próprio discurso.

Segundo Ferreira-Netto e Consoni (2008: 522), a “fala espontânea flui automaticamente, sem a interferência consciente do falante”.

Uma vez mais, “o contacto direto” entre os intervenientes e a “fraca diretividade por parte” do entrevistador são dois pontos chave desta situação discursiva²⁵ (Vieira, 2018).

²⁵ Como refere Vieira (2018), principalmente nas entrevistas de tipo aberta e semiestruturada (Quivy & Campenhoudt, 2003: 193).

Capítulo 4 - Estudo empírico

Para analisarmos a possível relação existente entre a formalidade das situações discursivas e algumas características de elocução, realizamos um estudo empírico, que passamos a descrever.

4.1. Motivação, objetivos, questões metodológicas e hipóteses

Esta investigação vem na sequência da discussão de argumentos teóricos empreendida na primeira parte desta dissertação, dando-se continuidade dessa forma a alguma investigação exploratória anteriormente encetada (Fachada & Lopes, 2016; Fachada, 2017).

O interesse pela investigação deste assunto surgiu precisamente devido ao facto de ser uma área relativamente pouco explorada no português europeu, se excetuarmos estudos como Mata e Moniz (2016), Delgado-Martins e Freitas (1991). Pensamos, dessa forma, dar um contributo para a melhor compreensão de um assunto que nos parece pertinente mas que, não obstante, não nos parece ainda suficientemente aprofundado por estudos anteriores. A sua pertinência parece-nos justificada, em grande medida, pelo relacionamento que permite estabelecer entre a quantidade de material linguístico com a formalidade/informalidade das situações discursivas, possibilitando assim a identificação de marcas formais mais objetivas para a avaliação do grau de formalidade das produções linguísticas.

Este assunto suscitou, também, uma grande curiosidade e interesse da nossa parte, uma vez que lhe pode ser associada mais do que uma abordagem linguística, ou seja, pode ser investigado de várias perspetivas, tais como a prosódia, a fonologia, a fonética e a morfologia. É, assim, suscetível de ser inserido em várias áreas, não sendo restrito apenas a uma. A presente dissertação insere-se no possível cruzamento entre a fonologia, a fonética experimental e a sociolinguística.

O objetivo primordial do nosso estudo consiste em averiguar de que maneira a formalidade da situação discursiva condiciona ou não o discurso dos falantes, no que concerne a diferentes variáveis: taxa de elocução ou *speech rate*, medida relativamente à quantidade de material linguístico presente – concretamente: número de palavras, número de sílabas fonológicas e número de segmentos teóricos; rácio de sílabas por palavra; e apagamento de segmentos no nível fonético.

Assim, pretendemos, primeiramente, verificar a diferença da taxa de elocução medida através da quantidade de material linguístico – traduzido pelo número de palavras, de sílabas fonológicas e do número de segmentos teóricos – entre situações discursivas com diferentes graus de formalidade. Posteriormente, trataremos do cálculo do rácio de sílabas por palavra – que se caracteriza pela quantidade média de sílabas por palavra em cada uma das situações discursivas. Por último, quisemos ainda elaborar uma pequena análise relativamente à frequência do fenómeno do apagamento fonético presente em cada uma das situações discursivas, que diferem entre si pelo seu posicionamento no eixo da formalidade/informalidade.

Na presente dissertação, pretendemos responder às seguintes questões de investigação:

- a) Existirá relação entre o grau de formalidade da situação discursiva e o *speech rate*, expressa na quantidade de material linguístico?
- b) Existirá relação entre o grau de formalidade da situação discursiva e o rácio de sílabas por palavra?
- c) Existirá relação entre o grau de formalidade da situação discursiva e a frequência de apagamento fonético?

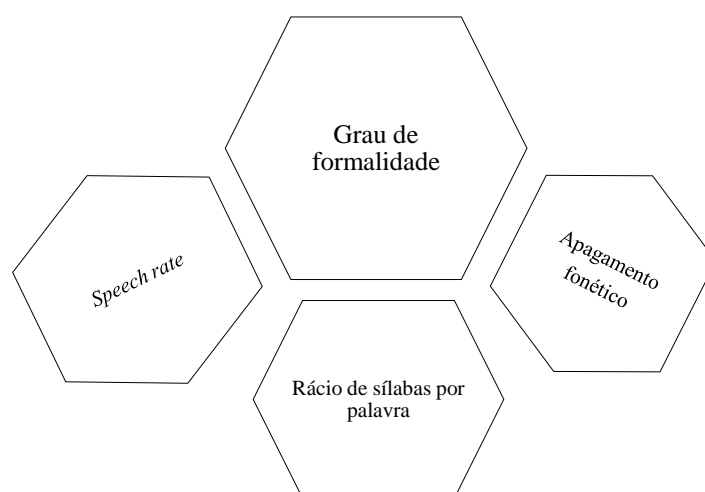


Figura 3 – Esquema referente às variáveis do estudo

A Figura 3 apresenta um esquema sintetizado das variáveis em estudo na presente dissertação.

A relação entre a formalidade e o *speech rate* não está perfeitamente delineada. Delgado-Martins e Freitas (1991) revelaram, através do seu estudo empírico, que a fala

espontânea (que se caracteriza por um grau de espontaneidade elevado, natureza interativa e ausência de guião) comportava mais palavras/segundo do que o discurso em aula (que se caracteriza por um grau de planeamento elevado, natureza expositiva e possível existência de guião), que comportava o valor mais baixo de palavras/segundo. Para o desenvolvimento do nosso estudo empírico, partimos, então, da seguinte relação: existirá menor *speech rate* (menor quantidade de material linguístico) quanto maior o grau de formalidade da situação discursiva. Partimos desta relação na medida em que as realizações mais formais apresentam, tipicamente, um discurso mais vigiado, e que por isso o percebemos, à partida, mais pausado e lento (menor quantidade de material linguístico); por outro lado, realizações mais informais apresentam tendencialmente um discurso menos vigiado, que se pressupõe mais rápido (maior quantidade de material linguístico).

Tal como afirmam Mata e Moniz (2016), situações discursivas que possuem um grau mais elevado de planeamento e natureza mais expositiva comportam constituintes maiores do que produções com alto grau de espontaneidade e natureza mais interativa. Assim, assumiremos que as palavras utilizadas nas produções mais formais serão mais longas do que as palavras utilizadas nas produções mais informais. Deste modo, o rácio de sílabas por palavra será superior nas produções mais formais e inferior nas produções mais informais.

Em relação ao apagamento fonético, Mateus (1996) e Mateus e Andrade (2000) referem que na fala coloquial se verifica uma frequência de apagamento de vogais elevada. Assim, tendencialmente, o apagamento fonético será mais elevado na fala coloquial, ou seja, nas situações discursivas mais informais; enquanto que nas situações discursivas mais formais o apagamento fonético será inibido dada a vigilância do falante no seu próprio discurso.

Pelo exposto, formulamos as seguintes hipóteses:

H1: Produções formais terão menor *speech rate* (quantidade de material linguístico) e, pelo contrário, produções informais terão *speech rate* (quantidade de material linguístico) superior.

H2: Produções formais terão um rácio de sílabas por palavra superior às produções informais.

H3: Produções formais apresentarão menor frequência de apagamento fonético, enquanto que produções informais apresentarão maior frequência de apagamento fonético.

4.2. Identificação e descrição do *corpus*

Para este estudo empírico, foi selecionado um *corpus* oral, com a duração total de 80 minutos. Este *corpus* é formado por gravações realizadas entre 2014 e 2018.

De forma a estudarmos as variáveis escolhidas para o presente estudo, foram selecionadas quatro situações discursivas que consideramos ocuparem diferentes posições no eixo da formalidade/informalidade. Selecionamos, assim, as seguintes situações discursivas: o discurso solene, o noticiário radiofónico, a entrevista radiofónica, e a entrevista espontânea.

Como descrito acima, as quatro situações discursivas que consideramos foram as seguintes, indicadas numa escala decrescente de formalidade:

- o discurso solene (situação mais formal) – que passará a designar-se por DS;
- o noticiário radiofónico – que passará a designar-se por NR;
- a entrevista radiofónica – que passará a designar-se por ER;
- a entrevista espontânea (situação menos formal) – que passará a designar-se por EE.

Cada situação discursiva é composta por quatro amostras orais. As amostras passarão a designar-se da seguinte forma:

- amostras de DS: DS_1; DS_2; DS_3; e DS_4;
- amostras de NR: NR_1; NR_2; NR_3; e NR_4;
- amostras de ER: ER_1; ER_2; ER_3; e ER_4;
- amostras de EE: EE_1; EE_2; EE_3; e EE_4.

O *corpus* é, então, constituído por dezasseis amostras de discurso oral, divididas em quatro grupos, contendo, cada um, quatro amostras. Estes quatro grupos representam as quatro situações discursivas referidas acima (4 graus de formalidade x 4 amostras de cada grau de formalidade = 16 amostras). Das quatro amostras que integram cada um dos quatro grupos, duas são de vozes masculinas (50%) e as outras duas são de vozes femininas (50%), havendo assim igualdade, relativamente à distribuição por género, dos falantes.

Cada uma das dezasseis amostras compreende um tempo total de cinco minutos (16 amostras x 5 minutos = 80 minutos). Todas as amostras comportam apenas o discurso de um único falante.

As gravações têm diferentes origens e, por isso, faremos uma breve descrição de cada amostra.

Iniciamos a descrição das amostras de discurso solene (DS).

O DS_1 corresponde ao discurso oficial do Presidente da República Aníbal Cavaco Silva num ato solene - as celebrações oficiais do Dia de Portugal, em 10.06.2015. O ficheiro áudio-vídeo, disponível no YouTube (https://youtu.be/hD9eFwk_9ic), é uma realização oral a partir de um suporte escrito (que se verifica através do vídeo também disponível). Nesta amostra, o falante fala tanto para um público que se encontra presente no local, como também para outro público que, não estando presente no local, tem acesso ao seu discurso através dos *media*.

O DS_2 corresponde a uma declaração oficial da Presidente do Partido Socialista, Maria de Belém, em 13.01.2014. O registo áudio-vídeo, igualmente disponibilizado no YouTube (<https://youtu.be/klxPXMGaGy4>), é uma realização oral a partir de um suporte escrito (que se verifica através do vídeo também disponível). Nesta amostra, a falante encontra-se a discursar para um público que está presente no local, e poderá destinar-se igualmente a divulgação pública.

O DS_3 corresponde à mensagem de Ano Novo do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, em 01.01.2018. É um registo áudio-vídeo disponibilizado no site da Presidência da República (<https://youtu.be/a2IEq18uauY>). Trata-se de uma realização oral a partir de um suporte escrito (que se verifica através do vídeo também disponível). Nesta amostra, o público para quem o falante está a discursar não se encontra presente no local, estando o discurso a ser gravado para divulgação.

O DS_4 corresponde ao discurso da Bastonária da Ordem dos Advogados, Elina Fraga, na Sessão Solene do Dia do Advogado, em 02.06.2016. É um registo áudio-vídeo disponível no YouTube (https://youtu.be/DE_SQ7qyMdg). Trata-se de uma realização oral a partir de um suporte escrito (que se verifica através do vídeo também disponível). Nesta amostra, a falante dirige-se para um público presente no local.

Passamos, agora, a descrever as amostras de noticiário radiofónico (NR). Estas foram retiradas de noticiários emitidos pela TSF, na edição das 7 horas. São registos áudios disponibilizados no Podcast da TSF (<https://www.tsf.pt/programa/noticiarios.html>) e supomos (não tendo acesso a registo vídeo) corresponderem a realizações “semi-induzidas”, porque, certamente, o locutor seguirá um guião escrito previamente preparado. Como já foi referido, é importante ressaltar que esta situação discursiva está condicionada a nível de tempo. O NR_1 foi emitido em 23.03.2016 e o NR_3 foi emitido em 15.01.2018, e foram ambos produzidos por falantes do sexo masculino; o NR_2 foi emitido em 26.05.2017 e o NR_4 em

03.11.2017, e foram ambos produzidos por falantes do sexo feminino.

Em termos da situação discursiva entrevista radiofónica (ER), a parte selecionada para este estudo foi somente o discurso do entrevistado. Para tanto, baseamo-nos na metodologia de estudos anteriores análogos: “As entrevistas foram segmentadas (...) desconsiderando os trechos de fala do jornalista entrevistador (...) Assim, foi dada preferência a respostas às perguntas feitas pelo entrevistador.” (Ferreira-Netto & Consoni, 2008: 528). Assim, pressupõe-se uma realização oral espontânea por parte do entrevistado, uma vez que este responde a perguntas feitas pelos entrevistadores (que supomos, foram previamente preparadas, pelo menos em parte). Apesar de esta ser, em princípio, uma realização oral espontânea por parte do entrevistado, tem como objetivo a divulgação ao público, pelo que o falante terá alguma vigilância no que respeita ao seu discurso. A ER_1 e a ER_2 foram retiradas do programa “Conversa Capital” da Antena 1 em parceria com o Diário Económico (<http://www.rtp.pt/antena1/podcasts>) - estas duas entrevistas foram conduzidas por dois entrevistadores. Os registos áudios estão disponíveis no Podcast da Antena 1. A ER_1 é uma entrevista ao Bastonário da Ordem dos Farmacêuticos, Carlos Maurício Barbosa, emitida em 01.02.2016 e a ER_2 é uma entrevista à Ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, emitida em 20.11.2016. A ER_3 é a entrevista semanal de Maria Flor Pedroso (entrevistadora) a Eduardo Paz Ferreira (entrevistado), emitida em 24.07.2016, disponível no Podcast da Antena 1. A ER_4 é a entrevista à Secretária Geral adjunta do Partido Socialista, Ana Catarina Mendes, emitida em 05.06.2016, disponibilizada também no Podcast da Antena 1 (<http://www.rtp.pt/antena1/podcasts>).

Relativamente à situação discursiva entrevista espontânea (EE), as quatro amostras selecionadas foram realizadas no âmbito de um projeto de investigação sobre construções impessoais em português e espanhol (Universidade de Koln/CLUP)²⁶. Embora designemos esta situação discursiva por “entrevista espontânea”, estas foram recolhidas num ambiente informal em que o “entrevistado” e o “entrevistador” se conheciam e tinham uma relação de proximidade. Devido à natureza explicitada desta “entrevista”, a mesma aproxima-se a uma “conversa” entre pessoas próximas. Nestas entrevistas não

²⁶ Neste projeto, desenvolvido por um investigador da Universidade de Koln (Alemanha), com o apoio do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), foram recolhidos dados para o *Corpus de português falado no Porto*. As entrevistas foram realizadas em 2014 por estudantes da FLUP. Estas entrevistas pretendiam uma fala espontânea e coloquial, pelo que como requisito era necessário o “entrevistado” ter uma relação próxima com o “entrevistador”; o “entrevistado” tinha ainda que ter nascido e vivido a maior parte da vida no distrito do Porto e possuir grau académico de licenciado ou superior. As primeiras entrevistas foram realizadas no CLUP, e as seguintes foram realizadas em casa do “entrevistado” ou do “entrevistador”. Para o nosso estudo, selecionaram-se 4 de um total superior a 20 gravações.

havia a condicionante do tempo, pelo que algumas possuíam um tempo total extenso. A situação discursiva de que falamos assemelha-se à fala espontânea descrita em Delgado-Martins e Freitas (1991). Apesar da aproximação desta situação de discurso a uma “conversa”, optamos por designá-la, no presente estudo, por “entrevista espontânea”. Os “entrevistados” têm idades compreendidas entre os 31 e os 53 anos, pertencendo 1 ao grupo etário dos 31-40 anos (25%); 1 ao grupo etário dos 41-50 anos (25%); e 2 dos 51-60 anos (50%). Todos os falantes são nativos do português europeu (PE), nascidos e residentes no distrito do Porto (aquando da gravação). Relativamente às habilitações académicas, 2 dos entrevistados possuem o grau de licenciatura (50%); 1 de mestrado (25%); e 1 de doutoramento (25%). Tal como nas entrevistas radiofónicas, a parte selecionada para o presente estudo comporta apenas o discurso do “entrevistado”, no entanto a EE não se trata de uma situação prototípica em que os papéis de entrevistado e entrevistador estão totalmente definidos. De acordo com o estudo empírico de Ferreira-Netto e Consoni (2008), e como explicitamos acima relativamente às entrevistas radiofónicas, “As entrevistas foram segmentadas, considerando-se somente os trechos que poderiam ser compreendidos como fala espontânea (...)” (Ferreira-Netto & Consoni, 2008: 528). A EE_1 e a EE_3 pertencem a falantes do sexo masculino e a EE_2 e a EE_4 correspondem a falantes do sexo feminino. A grande diferença verificada entre esta última situação discursiva (EE) – que apresenta o menor grau de formalidade – reside no facto de todas as outras terem como objetivo a divulgação pelos *media*.

4.3. Procedimento

Inicialmente, como já foi referido, selecionamos quatro situações discursivas, posicionando-as na escala de formalidade/informalidade. Essa escala, representada graficamente na Figura 4, apresenta como a situação mais formal o discurso solene (DS); seguido do noticiário radiofónico (NR); posteriormente a entrevista radiofónica (ER); por fim, e considerada como a situação menos formal, a entrevista espontânea (EE).

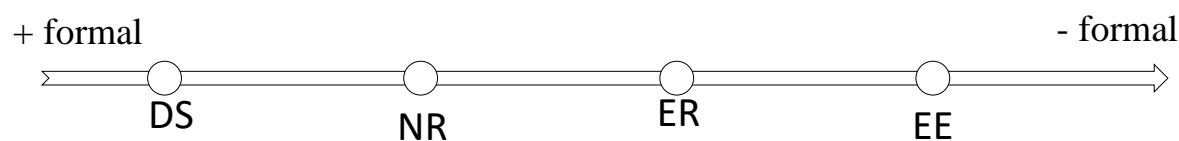


Figura 4 - Escala de formalidade

Estabelecemos esta ordem tendo em conta os critérios definidos por Mata e Moniz (2016) – grau de espontaneidade/grau de planeamento; natureza expositiva/natureza interativa. Grau elevado de planeamento, combinado com natureza marcadamente expositiva corresponde a situações discursivas com grau elevado de formalidade; enquanto que grau elevado de espontaneidade associado a natureza marcadamente interativa corresponde a situações discursivas com baixo nível de formalidade.

Seguidamente, foram selecionadas quatro amostras para cada situação discursiva (cf. 4.2. desta dissertação). Depois de selecionadas as amostras, estas foram editadas no programa *Audacity*, de modo a que todas tivessem uma duração total de cinco minutos e comportassem apenas o discurso de um único falante. Nas amostras de DS, os cinco minutos selecionados para o presente estudo são sequenciais. Nas amostras de NR, foram eliminadas pequenas reportagens e intervenções feitas por outros falantes; para além disso, foi eliminado o tempo excedente (além dos 5 minutos). No caso das entrevistas (ER e EE), eliminou-se o discurso dos entrevistadores e sobreposições de discurso, para além de ser cortado o tempo excedente. Refira-se que as amostras de DS são as únicas que correspondem a (5) minutos sequenciais, e as amostras de NR são as únicas cujo início compreendem os minutos iniciais do discurso.

Após a edição das gravações, foi realizada a transcrição ortográfica das dezasseis amostras, a qual se apresenta em anexo ao presente trabalho (Anexo 1). Esta transcrição corresponde a uma transcrição ortográfica, realizada através da audição. Tendo em conta o objetivo do nosso estudo, as transcrições foram realizadas sem pontuação gráfica e sem registo de pausas ou entoação.

Depois de realizada a transcrição ortográfica de todas as amostras, foi contabilizado (automaticamente) o número de palavras de cada amostra, através do *MS Word*. Como já foi explicitado anteriormente, o conceito de palavra tem várias aceções (cf. 1.2.2.1. da presente dissertação). No entanto, e visto que o objetivo primordial do nosso estudo não se centra na delimitação do conceito de palavra, mas na consideração desta como uma unidade de medida da taxa de elocução ou *speech rate*, assumimos o conceito de palavra como palavra ortográfica. Ou seja, assumimos como palavra qualquer sequência de som que seja traduzida na respetiva transcrição ortográfica através de um elemento ou de uma sequência de elementos separada dos outros através de um espaço em branco.

Posteriormente, foi contabilizado o número de sílabas fonológicas de cada uma das dezasseis amostras, de forma manual. Visto que se pode considerar a existência de sílabas fonéticas e de sílabas fonológicas (cf. 2.1 desta tese), importa salientar que as sílabas

contabilizadas foram as sílabas fonológicas/teóricas, ou seja, as sílabas presentes no nível fonológico da língua, independentemente de terem sido realizadas pelos falantes no nível fonético. Relativamente aos ditongos crescentes que se podem separar, formando hiatos²⁷, estes foram considerados separadamente.

Partindo do número total de palavras ortográficas e do número total de sílabas fonológicas de cada amostra, calculou-se a média do número total de palavras e de sílabas fonológicas para cada situação discursiva. Paralelamente, calculou-se a média do número de palavras e de sílabas fonológicas produzidas por unidade de tempo (por minuto e por segundo) para cada uma das quatro situações discursivas em estudo.

Fizemos ainda uma pequena análise relativa ao número de segmentos fonológicos (teóricos). Para o efeito, utilizamos uma pequena parte da amostra integral do nosso estudo, a que chamaremos subamostra²⁸. Foi realizada uma transcrição fonética, segundo a norma-padrão do português europeu (PE), elaborada tendo em conta o Alfabeto Fonético Internacional (AFI) e, sempre que necessário, recorremos ao Grande Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora (2010). Foram construídas quatro tabelas (uma tabela para cada situação discursiva) em *MS Excel* em que se listaram todas as palavras ortográficas da subamostra e o respetivo número de segmentos teóricos; o número de segmentos de cada palavra foi somado de modo a obter-se o número total de segmentos teóricos por situação discursiva.

Após termo-nos focado na análise do *speech rate*, focamos a nossa atenção na exploração do rácio de sílabas por palavra. Retomando o estudo com o *corpus* total, partiu-se da média do número de palavras e de sílabas fonológicas, para calcular o rácio de sílabas por palavra para cada uma das situações discursivas. Dito de outro modo, calculou-se a quantidade de sílabas que cada palavra contém, em média, nas diferentes situações discursivas.

Por fim, com o objetivo de estudarmos a relação existente entre a formalidade da situação discursiva e o apagamento fonético, centramo-nos novamente na nossa subamostra. Para a análise do apagamento fonético, foi verificada a presença ou a ausência do fenómeno de apagamento nas vogais fonológicas mais sujeitas a apagamento: (cf. 2.2. da presente dissertação) as vogais átonas [i] e [u]. Desse modo, com base na

²⁷ Hiato corresponde ao encontro de duas vogais silábicas adjacentes.

²⁸ A subamostra é constituída pela última quarta parte do número de palavras da primeira amostra de cada uma das situações discursivas. Ou seja, corresponde à última quarta parte das DS_1; NR_1; ER_1; e EE_1. Sendo as primeiras amostras correspondentes a falantes do sexo masculino, a subamostra contempla apenas discurso de indivíduos do sexo masculino.

transcrição realizada, fizemos o levantamento das ocorrências teóricas dessas duas vogais átonas. Neste levantamento, foram excluídos: as vogais [i] em início absoluto de palavra; e as vogais [u] átonas (a) incluídas em ditongos, (b) em posição inicial de palavra, e (c) incluídas em monossílabos. Para além da contabilização das ocorrências teóricas totais, considerou-se, separadamente, a realização destas vogais nas circunstâncias em que surgiam: sílaba final (final absoluto de palavra ou não) ou outra sílaba átona (pré-tónica ou pós-tónica); [i] incluído em monossílabos.

Posteriormente, e recorrendo à audição, verificamos se: a respetiva vogal fonológica não foi realizada foneticamente, ou seja, se foi apagada/suprimida; ou se a vogal foi realizada. Tal como procedido para o levantamento teórico, foram registadas as mesmas circunstâncias em que as vogais surgiam. Foram, ainda, calculadas as percentagens totais de apagamento fonético e de realização fonética da vogal, bem como as percentagens da vogal apagada em cada uma das circunstâncias consideradas.

O procedimento explicitado para a exploração do fenómeno de apagamento fonético foi adotado para cada vogal e em cada situação discursiva.

Ainda no que concerne ao apagamento fonético, e para cada vogal átona, procedeu-se à análise: da percentagem de vogais não realizadas ou apagadas, considerando se a sílaba onde a vogal está inserida é pré ou pós-átona (independentemente se é final ou não), por situação discursiva; da percentagem total de vogais não realizadas ou apagadas (independentemente da localização da respetiva sílaba), por situação discursiva; e, por último, da percentagem total de vogais não realizadas ou apagadas (independentemente da localização da respetiva sílaba e da situação discursiva).

4.4. Resultados

Nesta secção apresentam-se os resultados obtidos, no que diz respeito ao *speech rate*, rácio de sílabas por palavra e apagamento fonético, de acordo com a (in)formalidade da situação discursiva.

4.4.1. *Speech rate*

4.4.1.1. Quantidade de palavras

Estão expressos, nas tabelas abaixo (Tabela 9, Tabela 10, Tabela 11 e Tabela 12), os resultados obtidos relativos à quantidade de palavras ortográficas nas dezasseis

amostras, divididos por situação discursiva.

Tabela 9 – Número total de palavras nos cinco minutos totais na situação discursiva DS

DS	Nº de palavras (5 minutos totais)
DS_1	615
DS_2	543
DS_3	547
DS_4	566

Tabela 10 - Número total de palavras nos cinco minutos totais na situação discursiva NR

NR	Nº de palavras (5 minutos totais)
NR_1	826
NR_2	911
NR_3	885
NR_4	881

Tabela 11 - Número total de palavras nos cinco minutos totais na situação discursiva ER

ER	Nº de palavras (5 minutos totais)
ER_1	774
ER_2	809
ER_3	900
ER_4	872

Tabela 12 - Número total de palavras nos cinco minutos totais na situação discursiva EE

EE	Nº de palavras (5 minutos totais)
EE_1	932
EE_2	951
EE_3	893
EE_4	906

Tal como se pode observar nas tabelas apresentadas, verifica-se que o número de palavras produzidas nas quatro amostras de cada situação discursiva não apresenta muita variabilidade, o que sugere uniformidade de número de palavras por situação discursiva. Efetivamente, a diferença entre o número máximo e o número mínimo de palavras das amostras da mesma situação discursiva é reduzida: 72 (615-543) palavras para o DS; 85 (911-826) palavras para o NR; 126 (900-774) palavras para a ER; e 58 (951-893) palavras para a EE. Constata-se, assim, uma menor variabilidade em termos de número de palavras produzidas na EE e uma maior variabilidade na ER.

Nas tabelas seguintes estão expressos os resultados do número de palavras sob a forma de média para cada uma das situações discursivas, para o tempo total (Tabela 13), assim como por minuto e por segundo (Tabela 14).

Tabela 13 – Média do número de palavras por situação discursiva

Situação Discursiva	Média do nº de palavras (5 minutos totais)
DS	567.75
NR	875.75
ER	838.75
EE	920.5

Tabela 14 – Média do número de palavras produzidas por minuto e por segundo em cada situação discursiva

Situação Discursiva	Média de palavras por minuto	Média de palavras por segundo
DS	113.55	1.9
NR	175.15	2.9
ER	167.75	2.8
EE	184.1	3.1

Segundo as tabelas apresentadas, observa-se que o DS é a situação discursiva que apresenta o menor número de palavras por unidade de tempo, em média, a que se lhe

seguem a ER, o NR e a EE, que corresponde à situação discursiva em que se profere o maior número de palavras por unidade de tempo, em média.

4.4.1.2. Quantidade de sílabas fonológicas

Nas tabelas abaixo (Tabela 15, Tabela 16, Tabela 17 e Tabela 18) apresentam-se os resultados obtidos relativamente ao número de sílabas fonológicas ou teóricas para cada uma das amostras, por situação discursiva, no tempo total (5 minutos).

Tabela 15 - Número total de sílabas fonológicas nos cinco minutos totais na situação discursiva DS

DS	Nº de sílabas fonológicas (5 minutos)
DS_1	1409
DS_2	1203
DS_3	1235
DS_4	1303

Tabela 16 - Número total de sílabas fonológicas nos cinco minutos totais na situação discursiva NR

NR	Nº de sílabas fonológicas (5 minutos)
NR_1	1865
NR_2	1998
NR_3	1933
NR_4	1903

Tabela 17 - Número total de sílabas fonológicas nos cinco minutos totais na situação discursiva ER

ER	Nº de sílabas fonológicas (5 minutos)
ER_1	1682
ER_2	1704
ER_3	1832
ER_4	1799

Tabela 18 - Número total de sílabas fonológicas nos cinco minutos totais na situação discursiva EE

EE	Nº de sílabas fonológicas (5 minutos)
EE_1	1840
EE_2	1791
EE_3	1785
EE_4	1826

Tal como no que diz respeito à quantidade de palavras, também a quantidade de sílabas se revela estável entre amostras para a mesma situação discursiva. A variabilidade é, portanto, pequena, como podemos verificar: a diferença entre número máximo e mínimo de sílabas fonológicas é de 206 para DS; 133 para o NR; 150 para a ER; e 55 para a EE.

A situação discursiva com menor variabilidade no que diz respeito à quantidade de sílabas fonológicas é a EE, tal como se verificou ao nível da quantidade de palavras; é o DS a situação discursiva com maior variabilidade segundo esta medida.

Os resultados relativos ao número total de sílabas fonológicas consoante a situação discursiva, encontram-se sob a forma de média na Tabela 19 - em que se exibem os valores para os cinco minutos de discurso - e na Tabela 20 – onde se apresentam os valores por minuto e por segundo.

Tabela 19 - Média do número de sílabas fonológicas por situação discursiva

Situação discursiva	Média do nº de sílabas fonológicas (5 minutos)
DS	1287.5
NR	1924.75
ER	1754.25
EE	1810.5

Tabela 20 - Média do número de sílabas fonológicas por minuto e por segundo em cada uma das situações discursivas

Situação discursiva	Média do nº de sílabas fonológicas por minuto	Média do nº de sílabas fonológicas por segundo
DS	257.5	4.3
NR	384.95	6.4
ER	350.85	5.9
EE	362.1	6.0

De acordo com as tabelas apresentadas acima, observa-se que o DS é a situação discursiva que apresenta o menor número de sílabas fonológicas por unidade de tempo, em média, seguindo-se-lhe a ER, a EE e, apresentando o maior número médio de sílabas fonológicas o NR. De salientar, ainda, a proximidade no que concerne à quantidade de sílabas fonológicas produzidas em média por unidade de tempo entre as situações discursivas ER e EE, sobretudo verificada no número de sílabas fonológicas por segundo (5.9 e 6.0, respetivamente).

4.4.1.3. Quantidade de segmentos teóricos

Apresentam-se na Tabela 21 os resultados obtidos relativos ao número de segmentos teóricos presentes na subamostra²⁹, por situação discursiva. Salientamos que tais resultados decorreram de uma transcrição fonética realizada para o presente estudo e posterior contagem dos segmentos. Esta transcrição foi realizada tendo em conta a norma-padrão do português europeu e recorrendo ao Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

Tabela 21 – Número total de segmentos teóricos da subamostra, em cada situação discursiva

Situação discursiva	Nº de segmentos teóricos
DS	747
NR	1065
ER	862
EE	967

²⁹ Como já foi referido, a subamostra consiste na última quarta parte do número de palavras, apenas da primeira amostra de cada uma das situações discursivas.

Na Tabela 21, observa-se a seguinte ordem crescente de número de segmentos teóricos, relativos à subamostra: DS, ER, EE e NR.

4.4.2. Rácio de sílabas por palavra

A partir dos resultados do número de palavras e do número de sílabas fonológicas, foi calculado o rácio de sílabas fonológicas por palavra³⁰ para cada uma das situações discursivas. Este rácio foi calculado dividindo a média do número de sílabas fonológicas pela média do número de palavras para cada situação discursiva³¹- obtendo-se, assim, a média de sílabas que cada palavra possui nas diferentes situações discursivas.

Na Figura 5 estão apresentados os resultados relativos à média do rácio de sílabas por palavra em cada uma das situações discursivas.

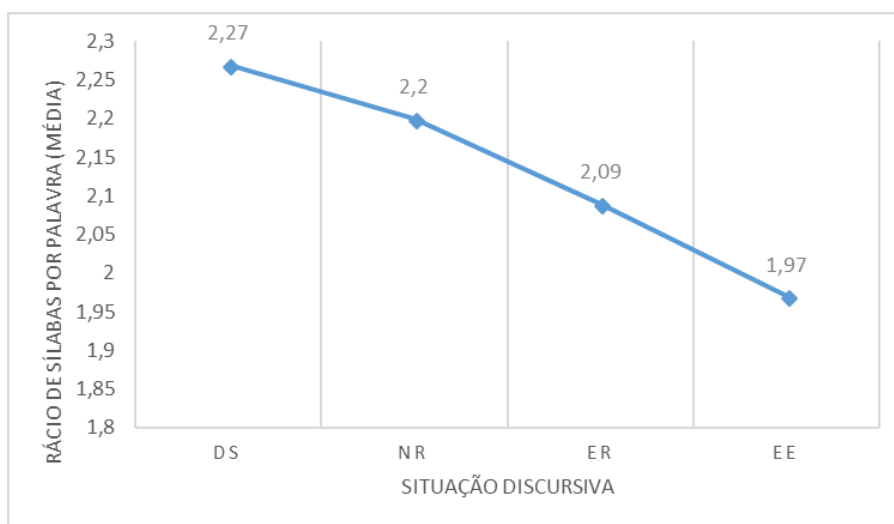


Figura 5 – Média do rácio de sílabas por palavra em cada situação discursiva

Observa-se que a situação discursiva DS apresenta o rácio médio mais elevado de sílabas por palavra, seguido do NR, ER e, por fim, apresentando o rácio mais baixo, a EE.

³⁰ O rácio de sílabas por palavra foi calculado recorrendo ao valor da média do número de palavras e ao valor da média do número de sílabas fonológicas de cada uma das situações discursivas, calculado anteriormente.

³¹ Fórmula do cálculo: $\text{rácio} = \frac{\text{Média nº sílabas}}{\text{Média nº palavras}}$

4.4.3. Apagamento fonético

Para estudarmos a relação entre a formalidade da situação discursiva e o apagamento fonético, debruçamo-nos sobre as duas vogais orais átonas mais sujeitas a apagamento, tal como referimos no ponto 2.2. deste trabalho. Assim, e como descrito na secção relativa ao Procedimento, para esta análise, foi feito o levantamento de [ɨ] e [u] átonos na subamostra. Como mencionado no ponto 4.3. desta dissertação, para este levantamento, foram excluídos: os [ɨ] em início absoluto de palavra; os [u] átonos (a) incluídos em ditongos, (b) que ocupam a posição inicial de palavra; (c) incluídos em monossílabos.

Para esta análise tivemos, também, em conta a posição da sílaba onde a vogal em estudo se insere dentro da palavra (se se encontra na sílaba final ou não, e se esta surge antes ou depois da tónica), e tivemos também em consideração o tipo silábico da sílaba onde a vogal se insere, caso a vogal se encontre na sílaba final de palavra - vogal átona em final absoluto de palavra ou não (quando existe uma consoante na posição de coda silábica). Apesar de considerarmos estes fatores, não tivemos em conta o contexto procedente da palavra seguinte quando a vogal se encontra em posição final de sílaba e palavra.

Nas tabelas apresentadas de seguida (Tabela 22, Tabela 23, Tabela 24 e Tabela 25) apresentam-se os resultados relativos ao apagamento fonético da vogal átona [ɨ], considerada a vogal mais sujeita ao fenómeno do apagamento fonético em português europeu. Nestas tabelas, apresenta-se o número total e respetiva percentagem de [ɨ] teórico, realizado e apagado, segundo a posição da sílaba em que ocorre, por situação discursiva. Destaca-se, a negrito, os valores referentes ao fenómeno de apagamento fonético.

Tabela 22 – Realização da vogal átona [i] na situação discursiva DS

	Sílabas finais		outra sílaba átona		[i] incluído em monossílabos	Total	Percentagem total (%)
	[i] final absoluto de palavra C[i] ou CC[i] (pós-tónico)	[i] não final de palavra C[i]C (pós-tónico)	pré-tónico	pós-tónico			
Nº [i] teórico	7	2	25	0	9	43	100
Nº [i] realizado	2	0	16	-	8	26	60
Nº [i] apagado	5	2	9	-	1	17	40
Percentagem [i] apagado (%)	71	100	36	-	11		

Tabela 23 – Realização da vogal átona [i] na situação discursiva NR

	sílabas finais		outra sílaba átona		[i] incluído em monossílabos	Total	Percentagem total (%)
	[i] final absoluto de palavra C[i] ou CC[i] (pós-tónico)	[i] não final de palavra C[i]C (pós-tónico)	pré-tónico	pós-tónico			
Nº [i] teórico	15	3	33	0	21	72	100
Nº [i] realizado	5	0	16	-	10	31	43
Nº [i] apagado	10	3	17	-	11	41	57
Percentagem [i] apagado (%)	67	100	52	-	52		

Tabela 24 – Realização da vogal átona [i] na situação discursiva ER

	sílabas finais		outra sílaba átona		[i] incluído em monossílabos	Total	Percentagem total (%)
	[i] final absoluto de palavra C[i] ou CC[i] (pós-tónico)	[i] não final de palavra C[i]C (pós-tónico)	pré-tónico	pós-tónico			
Nº [i] teórico	21	3	15	1	21	61	100
Nº [i] realizado	12	0	4	1	8	25	41
Nº [i] apagado	9	3	11	0	13	36	59
Percentagem [i] apagado (%)	43	100	73	0	62		

Tabela 25 – Realização da vogal átona [i] na situação discursiva EE

	sílabas finais		outra sílaba átona		[i] incluído em monossílabos	Total	Percentagem total (%)
	[i] final absoluto de palavra C[i] ou CC[i] (pós-tónico)	[i] não final de palavra C[i]C (pós-tónico)	pré-tónico	pós-tónico			
Nº [i] teórico	15	4	10	0	7	36	100
Nº [i] realizado	2	1	3	-	1	7	19
Nº [i] apagado	13	3	7	-	6	29	81
Percentagem [i] apagado (%)	87	75	70	-	86		

Nas tabelas seguintes (Tabela 26, Tabela 27, Tabela 28 e Tabela 29) mostram-se os resultados da análise relativa ao apagamento fonético da vogal átona [u], considerada a segunda vogal mais sujeita a apagamento fonético em português europeu. Nestas tabelas, e de acordo com o procedido para a vogal analisada anteriormente, apresenta-se, por situação discursiva, o número total de [u] átono³² teórico, realizado e apagado, segundo a posição da sílaba em que ocorre. Apresentam-se, ainda, os resultados em percentagem. Destacaram-se os resultados da vogal não realizada foneticamente.

³² Excluindo as condições já referidas.

Tabela 26 – Realização da vogal átona [u] na situação discursiva DS

	Sílaba final		outra sílaba átona		Total	Percentagem total (%)
	[u] final absoluto de palavra C[u] ou CC[u] (pós-tónico)	[u] não final de palavra C[u]C (pós-tónico)	pré-tónica	pós-tónica		
Nº [u] teórico	23	12	12	0	47	100
Nº [u] realizado	17	11	11	-	39	83
Nº [u] apagado	6	1	1	-	8	17
Percentagem [u] apagado (%)	26	8	8	-		

Tabela 27 – Realização da vogal átona [u] na situação discursiva NR

	Sílaba final		outra sílaba átona		Total	Percentagem total (%)
	[u] final absoluto de palavra C[u] ou CC[u] (pós-tónico)	[u] não final de palavra C[u]C (pós-tónico)	pré-tónica	pós-tónica		
Nº [u] teórico	30	13	20	0	63	100
Nº [u] realizado	27	12	19	-	58	92
Nº [u] apagado	3	1	1	-	5	8
Percentagem [u] apagado (%)	10	8	5	-		

Tabela 28 – Realização da vogal átona [u] na situação discursiva ER

	Sílaba final		outra sílaba átona		Total	Percentagem total (%)
	[u] final absoluto de palavra C[u] ou CC[u] (pós-tônico)	[u] não final de palavra C[u]C (pós-tônico)	pré-tônica	pós-tônica		
Nº [u] teórico	20	5	16	3	44	100
Nº [u] realizado	14	5	16	3	38	86
Nº [u] apagado	6	0	0	0	6	14
Percentagem [u] apagado (%)	30	0	0	0		

Tabela 29 – Realização da vogal átona [u] na situação discursiva EE

	Sílaba final		outra sílaba átona		Total	Percentagem total (%)
	[u] final absoluto de palavra C[u] ou CC[u] (pós-tónico)	[u] não final de palavra C[u]C (pós-tónico)	pré-tónica	pós-tónica		
Nº [u] teórico	31	11	13	1	56	100
Nº [u] realizado	22	10	11	1	44	79
Nº [u] apagado	9	1	2	0	12	21
Percentagem [u] apagado (%)	29	9	15	0		

Após expor os resultados do fenómeno de apagamento fonético de cada uma das situações discursivas separadamente, apresentam-se agora os resultados sintetizados de todas as situações discursivas.

Na Tabela 30 estão expressas as percentagens totais de apagamento das vogais em estudo, consoante a vogal se encontre numa sílaba anterior ou numa sílaba posterior à tónica, por situação discursiva.

Tabela 30 - Percentagem de apagamento das vogais átonas [i] e [u] consoante a posição da sílaba, por situação discursiva

Situação discursiva	Apagamento de [i] (%)		Apagamento de [u] (%)	
	Sílaba pré-tónica	Sílaba pós-tónica	Sílaba pré-tónica	Sílaba pós-tónica
DS	36	47	8	20
NR	52	72	5	9
ER	73	48	0	21
EE	70	84	15	23

Na Tabela 30 observa-se, relativamente à percentagem de apagamento de [i], e no que se refere a sílabas pré-tónicas, a seguinte ordem crescente: DS, NR, EE e ER; no que se refere a sílabas pós-tónicas, a seguinte ordem crescente: DS, ER, NR e EE. Relativamente à percentagem de apagamento de [u], e no que se refere a sílabas pré-tónicas, a seguinte ordem crescente: ER (ausência de apagamento), NR, DS e EE; no que se refere a sílabas pós-tónicas, a seguinte ordem crescente: NR, DS, ER e EE. Para ambas as vogais analisadas, ocorre mais apagamento quando estas estão localizadas em sílabas posteriores à sílaba tónica (excetua-se o caso da vogal [i] na ER).

Na Tabela 31 apresentam-se as percentagens totais de apagamento das vogais em estudo, consoante a vogal se encontre numa sílaba anterior ou posterior à tónica (independentemente da situação discursiva).

Tabela 31 - Percentagem total de apagamento das vogais [i] e [u], de acordo com a posição da sílaba

Total de apagamento da vogal [i] (%)		Total de apagamento da vogal [u] (%)	
Sílaba pré-tónica	Sílaba pós-tónica	Sílaba pré-tónica	Sílaba pós-tónica
57.75	62.75	7	18.25

Na Tabela 31 verifica-se um apagamento fonético visivelmente superior da vogal [i] em relação à vogal [u]. Além disso, verifica-se um apagamento fonético superior quando a vogal se localiza numa sílaba pós-tónica, em ambas as vogais.

Na Figura 6, apresentamos os resultados sintetizados, sob a forma de gráfico, em termos de percentagens totais de apagamento fonético de [i] e [u] átonos, por situação discursiva (independentemente da posição em que a vogal ocorre).

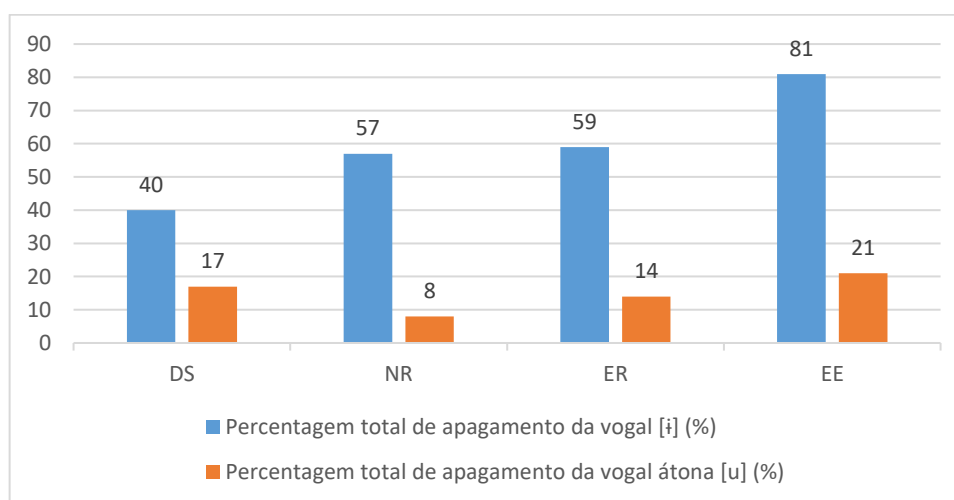


Figura 6 - Percentagens totais de apagamento das vogais átonas por situação discursiva

Através da análise da Figura 6, observa-se que, para a vogal [i], a situação discursiva em que se verifica apagamento fonético mais elevado é na EE (81%), e o DS (40%) apresenta o valor mais baixo para este fenómeno. O NR e a ER apresentam valores intermédios – face às situações discursivas anteriores – e próximos entre si (57% e 59%, respetivamente). Refira-se que as percentagens de apagamento da vogal [i] excedem os 50% em todas as situações discursivas excetuando-se o DS, em que a percentagem, ainda assim, é próxima de 50%.

Para a vogal [u], a situação discursiva que apresenta o maior apagamento fonético é a EE (21%), tal como verificado em relação à primeira vogal analisada. O NR corresponde à situação onde o apagamento tem menor expressividade (8%). O DS e a ER situam-se entre aquelas situações no que respeita ao apagamento do [u], registando percentagens de 17% e 14%, respetivamente. De salientar que a percentagem de apagamento fonético da vogal [u] se situa abaixo dos 25% para todas as situações discursivas estudadas, com particular destaque para o NR, em que o valor fica abaixo do 10%.

Assim, constata-se que a frequência de apagamento fonético da vogal [i] é, em todas as situações discursivas, visivelmente superior à frequência de apagamento fonético da vogal átona [u].

Na Tabela 32 apresentam-se os resultados totais, em percentagem, do apagamento fonético, por situação discursiva (independentemente da vogal apagada).

Tabela 32 - Percentagem total de apagamento fonético, por situação discursiva

Situação discursiva	Total de apagamento fonético (%)
DS	48.5
NR	61
ER	66
EE	91.5

Na Tabela 32 verifica-se que a percentagem total de apagamento fonético é superior a 50% em todas as situações discursivas, à exceção do discurso solene (DS) em que a percentagem de apagamento quase chega aos 50%. Destaca-se a percentagem de apagamento da entrevista espontânea (EE) que é superior a 90%.

Por fim, calculamos as percentagens totais de apagamento das vogais átonas [i] e [u] da totalidade da subamostra (independentemente da situação discursiva), as quais se exibem na Tabela 33.

Tabela 33 - Percentagem total de apagamento de [i] e [u] na subamostra

Apagamento de [i] (%)	Apagamento de [u] (%)
58	15

Tal como verificado para cada situação discursiva, a Tabela 33 revela uma percentagem visivelmente superior da frequência de apagamento fonético da vogal [i] em comparação com a percentagem da frequência de apagamento fonético da vogal átona [u] na globalidade da subamostra.³³

³³ Apesar de, para a nossa análise relativamente ao apagamento fonético, nos centrarmos apenas nas duas vogais átonas mais sujeitas a apagamento, notamos, sobretudo nas EE, um frequente apagamento da segunda sílaba da preposição *para* (cf. Vigário, Frota & Martins, 2011) e, ainda, um frequente apagamento da parte inicial de todas as conjugações do verbo *estar*, pronunciado inúmeras vezes, como [tar].

4.5. Discussão

A secção referente à Discussão inclui a discussão dos resultados obtidos, e também um apanhado dos pontos fortes e limitações deste estudo.

Em termos dos resultados apurados, e relativamente ao *speech rate*, o discurso solene, DS (1.9 palavras/segundo) é a situação discursiva que apresenta o menor número de palavras por unidade de tempo, em média, a que se lhe seguem a entrevista radiofónica, ER (2.8 palavras/segundo), o noticiário radiofónico, NR (2.9 palavras/segundo) e a entrevista espontânea, EE (3.1 palavras/segundo), que corresponde à situação discursiva em que se profere o maior número de palavras por unidade de tempo, em média. Estes resultados confirmam, assim, a H1, uma vez que a situação discursiva mais formal apresenta a menor quantidade de palavras e a situação discursiva menos formal apresenta a maior quantidade de palavras. A ordem estabelecida na nossa escala de formalidade-informalidade não corresponde totalmente a estes resultados, uma vez que o NR apresenta maior quantidade de palavras do que a ER, embora sejam estes resultados muito próximos. Ainda assim, e contrariamente ao que tínhamos estabelecido na escala de formalidade, o NR aproxima-se mais à EE do que a ER.

Tal como os resultados obtidos no presente estudo, em que a situação mais formal – o DS – apresenta a menor quantidade de palavras por unidade de tempo, também o estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991) apresenta o menor valor de palavras na situação considerada mais formal pelas autoras – “discurso em aula”. Efetivamente, no presente estudo, o DS apresenta uma média de 1.9 palavras/segundo, sendo este um valor muito próximo do obtido por Delgado-Martins e Freitas (1991) que apresenta o valor de 2.0 palavras/segundo, sendo este também o menor valor de todas as situações discursivas analisadas pelas autoras.

Todavia, contrariamente ao estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991) - em que o “noticiário” comporta o valor mais alto de palavras por segundo (3.8 palavras/segundo), e a “fala espontânea” apresenta um valor notoriamente mais baixo (2.4 palavras/segundo) - no nosso estudo, a EE (que se assemelha à “fala espontânea”) é a situação discursiva que apresenta o valor mais elevado de palavras por segundo (3.1 palavras/segundo) comparada com todas as outras situações discursivas consideradas o NR apresenta um valor próximo mas mais baixo de palavras por segundo (2.9 palavras/segundo) e a ER apresenta um valor mais baixo do que o noticiário, mas muito próximo (2.8 palavras/segundo). A proximidade de número de palavras por segundo entre estas duas

situações discursivas - NR e ER - pode dever-se ao que entre elas existe em comum: o facto de ambas se realizarem no mesmo meio, o meio radiofónico.

A Tabela 34 apresenta uma confrontação dos resultados entre o estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991) e o presente estudo, especificamente no que diz respeito ao número de palavras produzidas por unidade de tempo (expressa em segundos).

Tabela 34 - Comparação entre o estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991) e o presente estudo relativamente ao número de palavras produzidas por segundo

	Delgado-Martins & Freitas (1991)	Presente estudo
Noticiário	3.8	2.9
“Espontânea”	2.4	3.1
Situação mais formal	2.0	1.9

Na Tabela 34 verificamos que o resultado do número de palavras por segundo é muito próximo no estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991) e no nosso, no que concerne à situação considerada mais formal nos dois estudos, visto apresentarem 2.0 e 1.9, respetivamente. Relativamente ao noticiário, o nosso estudo apresenta um valor mais baixo do que o valor do estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991). Na situação “espontânea” o nosso estudo apresenta um valor mais alto do que no estudo das autoras. O nosso valor no noticiário aproxima-se mais do valor da situação “espontânea” do estudo de Delgado-Martins e Freitas (1991) do que com o valor do noticiário. Tal como acontece no valor da situação “espontânea” que se aproxima mais do valor do noticiário do que do valor da situação “espontânea” das autoras.

Em relação aos resultados para o *speech rate* expressos em número de sílabas fonológicas, o DS é a situação discursiva que apresenta a menor quantidade de sílabas fonológicas (4.3 sílabas/segundo), seguidamente, a ER (5.9 sílabas/segundo), depois a EE (6.0 sílabas/segundo), por último, o NR (6.4 sílabas/segundo). No que respeita à quantidade de sílabas fonológicas por unidade de tempo, tal como relativamente ao número de palavras, e de acordo com a H1, é o DS – situação mais formal - que apresenta a menor quantidade de sílabas fonológicas por unidade de tempo; no entanto, e contrariamente ao expectável, é o NR (e não a EE) que apresenta a maior quantidade de sílabas fonológicas por unidade de tempo. Neste parâmetro, a H1 é, deste modo, confirmada, apenas em parte: de facto, a menor quantidade de sílabas pertence à situação

discursiva com maior grau de formalidade (DS), contudo a situação discursiva com menor grau de formalidade (EE) não é a que apresenta a maior quantidade de sílabas. Este resultado, que não seria por nós esperado, pensamos advir não tanto do que respeita ao grau de formalidade (que é mais elevado no NR do que na EE), mas da própria natureza da situação discursiva: o noticiário radiofónico caracteriza-se pela passagem de uma grande quantidade de informação num curto período de tempo. Assim, apesar de o NR possuir menos palavras por unidade de tempo do que a EE, apresenta maior quantidade de sílabas fonológicas por unidade de tempo do que a EE. Tal fenómeno explicar-se-á, talvez, pelo facto de as palavras produzidas no NR serem mais extensas (abarcando maior quantidade de sílabas fonológicas por palavra) do que na situação discursiva EE.

A ER e a EE apresentam valores próximos para a quantidade de sílabas fonológicas (5.9 e 6.0 sílabas fonológicas/segundo, respetivamente). Isto pode dever-se ao facto de ambas se tratarem de entrevistas (ainda que a entrevista espontânea não se trate de um contexto prototípico de entrevista), uma vez que o discurso do entrevistado possui, segundo os critérios de Mata e Moniz (2016), elevado grau de espontaneidade e natureza interativa em ambas as situações discursivas.

Barbosa (2006) estudou a taxa de elocução (TE) em português do Brasil (PB), em contexto de leitura. Este autor considerou medidas de taxa de elocução qualitativa (velocidades de leitura que solicitou ao falante – rápida, média e lenta) e quantitativa (número de sílabas/segundo). Barbosa (2006) obteve os seguintes resultados relativos à TE e consoante as velocidades de leitura: 7.0 sílabas/segundo na velocidade rápida; 5.7 sílabas/segundo na velocidade média; e 3.8 sílabas/segundo na velocidade lenta. No presente estudo, o DS apresenta um valor de 4.3 sílabas/segundo, que se aproxima assim da taxa lenta de Barbosa (2006); o ER e a EE apresentam uma taxa de 5.9 e 6.0, respetivamente, que se aproximam, assim, da taxa média de Barbosa (2006); e o NR apresenta uma taxa de 6.4 que se aproxima da taxa rápida de Barbosa (2006).

Sendo o noticiário radiofónico caracterizado por possuir discurso rápido (cf. Delgado-Martins & Freitas, 1991) e tendo a entrevista espontânea neste estudo, mesmo assim, um número de palavras superior, supõe-se um *speech rate* (qualitativo) mais rápido em situações com baixo grau de formalidade.

Tal como os resultados obtidos por Fachada e Lopes (2016) e Fachada (2017), em que existe uma clara distinção entre o DS (situação mais formal) e a EE (situação menos formal), também os resultados do presente estudo apontam para esta clara distinção no que diz respeito ao *speech rate* ou taxa de elocução.

Contrariamente aos resultados obtidos no nosso estudo, estudos relativos ao português europeu revelam que em situações comunicativas com menor preparação (ou seja, mais espontaneidade) e que possuem maior interatividade (por exemplo, diálogos espontâneos) possuem, tipicamente, velocidade de elocução mais baixa. Pelo contrário, em situações de natureza mais expositiva (por exemplo, aula universitária), passa-se o oposto, velocidade de elocução mais elevada (Mata & Moniz, 2016).

Relativamente aos resultados relativos ao rácio de sílabas por palavra, a H2 é confirmada, visto que o nosso estudo mostrou que a situação discursiva DS – mais formal – possui o maior rácio de sílabas por palavra (2.27 sílabas/palavra), seguido do NR o (2.20 sílabas/palavra), ER (2.09 sílabas/palavra) e, a situação discursiva com o menor rácio de sílabas por palavra, corresponde à EE – menos formal (1.97 sílabas/palavra). Assim, verificamos que a quantidade média de sílabas por palavra é tanto maior quanto mais elevado o grau de formalidade da situação discursiva. Tal como formulado na H2, as situações mais formais possuem um rácio de sílabas por palavra superior às situações mais informais. Deste modo, os resultados relativos ao rácio de sílabas por palavra confirmam a escala de formalidade/informalidade elaborada para o presente estudo, em que se localizam, por ordem decrescente de formalidade: o DS, o NR, a ER e a EE. Mata e Moniz (2016), afirmam que em contextos preparados (ou seja, com baixo grau de espontaneidade) os constituintes são mais amplos, são maiores. Mata e Moniz (2016) referem ainda que “A extensão dos constituintes tende a aumentar como efeito do esforço do falante para apresentar grande quantidade de informação, de forma clara e bem estruturada num curto intervalo de tempo, muitas vezes com recurso à leitura de materiais escritos (e.g. em noticiários televisivos ou em discursos no parlamento europeu)” (Mata & Moniz, 2016: 167). Ainda, Mata e Moniz (2016) afirmam que situações comunicativas com menor preparação e que possuem maior interatividade (por exemplo, diálogos espontâneos) possuem, tipicamente, frases mais curtas e que situações de natureza mais expositiva e com maior preparação possuem frases mais longas. Daqui podemos extrair que também os constituintes que compõem essas frases serão, em média, tanto maiores, quanto maior o grau de preparação.

No que diz respeito ao fenómeno do apagamento fonético, Mateus e Andrade (2000) apontam para uma frequente supressão/apagamento das vogais átonas, no nível fonético e que as vogais altas e não anteriores são aquelas que mais sofrem este apagamento, sobretudo na fala coloquial. De facto, constatamos no presente estudo que todas as situações discursivas analisadas apresentam percentagens elevadas de

apagamento fonético, três das quais superando os 50%, sendo que a quarta se aproxima desse valor. De acordo com Mateus e Andrade (2000), a vogal mais apagada é a vogal [i], seguida da vogal [u] átona. Os resultados gerais (independentemente da formalidade da situação discursiva) obtidos no presente estudo empírico apontam para uma percentagem de apagamento de [i] muito elevada (58%); e uma percentagem significativamente mais baixa de apagamento de [u] átono (15%), pelo que se confirma a maior percentagem de apagamento da vogal [i] face à vogal [u]. Relativamente aos resultados relativos ao apagamento fonético, divididos por situação discursiva, Mateus (1996) afirma que a vogal [i] é sempre suprimida na fala coloquial, e que é sobretudo apagada no discurso rápido. No nosso estudo, a fala coloquial corresponde à situação discursiva EE, em que a vogal [i] é apagada numa percentagem de 81%; constata-se que é uma percentagem elevada, no entanto, não é de 100%, não confirmando totalmente o que é referido por Mateus (1996).

No que diz respeito à vogal [u], segundo a literatura, esta é mais apagada quando se encontra na posição final de palavra; de facto, os nossos resultados apontam para uma percentagem mais elevada de apagamento desta vogal átona, quando se encontra nessa posição, em todas as situações discursivas: no DS, 26% (8% noutras posições), no NR, 10% (8% e 5% noutras posições), na ER, 30% (sem apagamento nas outras posições), na EE, 29% (9% e 15% noutras posições). Confirma-se, deste modo, um maior apagamento da vogal [u] quando em sílaba final de palavra. Fernandes (2007) refere um maior apagamento das vogais quando estas se encontram em sílabas posteriores à tónica. Com os nossos resultados, pudemos comprovar que as vogais são apagadas, com maior frequência, quando inseridas em sílabas posteriores à tónica: para a vogal [i], 57.75% de apagamento em sílabas pré-tónicas e 62.75% de apagamento em sílabas pós-tónicas; para a vogal [u], 7% de apagamento em sílabas pré-tónicas e 18.25% de apagamento em sílabas pós-tónicas.

No que respeita à totalidade de apagamento fonético das duas vogais em estudo, na EE, a percentagem total de apagamento é de 91.5%, pelo que as duas vogais átonas estudadas são, assim, realizadas apenas em 8.5% das ocorrências fonológicas. A situação discursiva mais formal que consideramos neste estudo, o DS, é aquela que apresenta uma percentagem total menor de apagamento fonético (48.5%). Desta forma, a H3 é confirmada, uma vez que a situação discursiva mais formal é a que apresenta a menor percentagem total de apagamento e a situação discursiva mais informal é a que apresenta a percentagem mais elevada de apagamento.

Em relação à escala da formalidade/informalidade que estabelecemos inicialmente, uma vez mais, esta é confirmada para o apagamento fonético, uma vez que o DS (48.5%) é a situação discursiva que apresenta o menor apagamento fonético, seguido do NR (61%), a ER (66%) e, por fim, a EE (91.5%).

De acordo com os nossos resultados, a vogal [i] - quando inserida na sílaba final e esta sílaba possui a configuração CVC - é sempre apagada (100%) no DS, no NR, e na ER, sendo apagada 75% na EE. Não seria expectável o total apagamento nas três situações discursivas mais formais e não se verificar apagamento total na situação mais informal, mas ainda assim trata-se de uma percentagem muito elevada. Porém, concluímos que, a estrutura silábica CVC parece ser um contexto muito favorável ao apagamento da vogal [i].

Tal como afirma Barbosa (1965), este apagamento traduz-se no apagamento de sílabas fonológicas, pelo que cada vogal fonológica apagada foneticamente corresponde a uma sílaba apagada, reduzindo, desta forma, o número de sílabas realizadas.

Os nossos resultados relativos ao apagamento fonético, embora se revelem interessantes e promissores, dizem respeito a uma reduzida parte do discurso de apenas um falante por situação discursiva, o que pode explicar algumas irregularidades (por exemplo, a não muito elevada frequência de apagamento da vogal [u], a percentagem mais elevada de apagamento de [u] no NR e na ER do que no DS). Estas podem explicar-se pelas características individuais de cada falante.

Relativamente à escala de formalidade/informalidade que inicialmente concebemos³⁴ e na qual posicionamos com maior grau de formalidade o DS, seguido do NR, ER e com menor grau de formalidade a EE, com a análise dos resultados do nosso estudo, constatamos o seguinte: (a) o DS apresenta-se e como tínhamos inicialmente previsto, como a situação discursiva mais formal, dado que apresenta o menor *speech rate* (menor número de palavras/unidade de tempo, de sílabas fonológicas/unidade de tempo e de segmentos teóricos/unidade de tempo), o maior rácio de sílabas por palavra e a menor percentagem total de apagamento fonético. (b) a EE apresenta-se, como tínhamos previsto, como a situação discursiva menos formal, apresentando o maior *speech rate* (no que diz respeito ao maior número de palavras/unidade de tempo), o menor rácio de sílabas por palavra e a maior percentagem total de apagamento fonético. Sendo assim, verifica-se que estas duas situações discursivas (DS e EE) ocupam posições extremas no que diz

³⁴ Ver Figura 4.

respeito ao grau de formalidade/informalidade. O DS revela um elevado grau de formalidade e a EE um baixo grau de formalidade. Relativamente ao NR e à ER, estas situações discursivas apresentam resultados próximos entre si, havendo flutuações em relação à posição que ocupam na escala da formalidade/informalidade, pelo que as suas posições teriam que ser revistas. Estas duas situações discursivas possuem, em comum, o facto de pertencerem ao domínio radiofónico, o que poderá influenciar a sua natureza. Na nossa escala, colocamos o NR numa posição mais formal do que o ER, pelo facto do NR possuir um grau de planeamento elevado e um carácter expositivo, enquanto que a ER possui, tipicamente, elevado grau de espontaneidade e carácter interativo, segundo os critérios de Mata e Moniz (2016). Na escala estabelecida inicialmente, o NR ocuparia o lugar logo a seguir ao DS (como a segunda situação discursiva mais formal); no entanto, verificamos no presente estudo, que, em alguns parâmetros de elocução, o NR apresenta resultados mais próximos à EE do que ao DS. Este resultado pode dever-se não tanto ao grau de formalidade, mas devido ao principal objetivo do NR que consiste na passagem de uma grande quantidade de informação num espaço de tempo limitado.

A partir dos resultados obtidos, verificamos ainda uma clara distância entre o DS e as outras situações discursivas, relativamente aos parâmetros estudados: (a) em relação ao número de palavras, nos cinco minutos totais, este apresenta um valor inferior a 600 palavras, enquanto que as outras três situações discursivas apresentam valores superiores a 800 palavras. (b) relativamente à média de palavras, o DS apresenta um valor inferior a 115 palavras/minuto, enquanto que as outras situações discursivas apresentam valores superiores a 160 palavras/minuto; o DS apresenta valor inferior a 2 palavras/segundo, enquanto que as outras situações apresentam valores que rondam as 3 palavras/segundo; (c) relativamente ao número de sílabas fonológicas, nos cinco minutos totais, este apresenta um valor inferior a 1300, enquanto que as outras situações discursivas apresentam valores superiores a 1750. (d) relativamente à média de sílabas fonológicas produzidas, o DS apresenta um valor inferior a 260 sílabas fonológicas/minuto, enquanto que as outras situações discursivas apresentam valores superiores a 350 sílabas fonológicas/minuto; o DS apresenta um valor inferior a 4.5 sílabas fonológicas/segundo, enquanto que as outras três situações discursivas apresentam valores que rondam as 6 sílabas fonológicas/segundo. Pelo exposto, o DS afasta-se, de forma notória, das outras situações discursivas estudadas, o que se pode dever ao carácter fortemente solene e de cerimónia que terá influência no discurso dos falantes.

Vemos, deste modo, que com o corpus selecionado para o nosso estudo empírico conseguimos comprovar as hipóteses, tendo em conta a situação mais formal (DS) e a menos formal (EE).

Movemo-nos, agora, para uma consideração em torno dos pontos positivos e limitações do estudo que empreendemos.

De salientar os aspetos positivos do presente trabalho. Esta dissertação pretende ser um contributo para a investigação numa área pouco estudada em português europeu, além disso, é um tema abrangente, podendo ser estudado de diferentes perspetivas linguísticas. O *corpus* comporta número e tempo igual de falantes do sexo feminino e masculino, pelo que a nossa amostra é homogénea para cada situação discursiva, em termos de género dos falantes. Através dos resultados, pudemos comprovar uma homogeneidade relativa ao número de palavras e de sílabas fonológicas nas quatro amostras da mesma situação discursiva, pelo que consideramos que os nossos resultados se mostram fiáveis para estudar esta relação entre a formalidade das situações discursivas e os parâmetros da elocução considerados.

Apesar de termos chegado a resultados interessantes referentes à relação existente entre a formalidade das situações discursivas e os parâmetros da elocução estudados, o nosso estudo possui algumas limitações. Uma destas limitações prende-se com o facto de o *corpus* ser pouco extenso, contemplando quatro amostras de cada situação discursiva. Outra das limitações que podemos apontar é o facto de serem indivíduos diferentes em cada situação discursiva, pelo que não podemos estabelecer comparação entre a fala do mesmo indivíduo em diferentes situações discursivas (mesmo tendo a preocupação de tentar homogeneizar o *corpus*, sobretudo em relação ao género). Outra limitação do estudo tem que ver com a análise relativa ao apagamento fonético, que foi apenas elaborada na subamostra que é uma pequena parte do *corpus*. Para além disso, e ainda referente à análise do apagamento fonético, há outra limitação que corresponde à não utilização de um programa de análise acústica (por exemplo, o *Praat*) para desenvolver esta análise e ter sido realizada apenas através da audição.

Conclusão

O presente estudo tinha como objetivo central perceber a influência que o grau da formalidade da situação discursiva tinha sobre parâmetros da elocução dos indivíduos em português europeu.

Tomou-se, como o ponto de partida uma revisão teórica em torno do conceito de formalidade e de parâmetros de elocução e, no estado da arte ao nível da eventual relação entre formalidade e os parâmetros do discurso citados. Realizou-se, então, um estudo empírico para investigar aquela possível relação, de modo a responder a três questões metodológicas: “Existirá relação entre a formalidade da situação discursiva e o *speech rate*?”; “Existirá relação entre a formalidade da situação discursiva e o rácio de sílabas por palavra?”; “Existirá relação entre a formalidade da situação discursiva e a frequência de apagamento fonético?”. Formulamos três hipóteses: H1 - Produções formais terão menor *speech rate* (quantidade de material linguístico) e, pelo contrário, produções informais terão *speech rate* (quantidade de material linguístico) superior; H2 - Produções formais terão um rácio de sílabas por palavra superior às produções informais; e H3 - Produções formais inibirão o apagamento fonético, enquanto que produções informais propiciarão o apagamento fonético.

De acordo com as hipóteses formuladas, pretendíamos também averiguar se estes parâmetros se comportavam de forma a confirmar ou não a escala da formalidade/informalidade estabelecida para o nosso estudo empírico.

Para tal, foi constituído um *corpus* oral, constituído por amostras de quatro situações discursivas que nos sugeriam quatro diferentes posições na escala da formalidade/informalidade. As situações discursivas selecionadas foram as seguintes, ordenadas segundo a escala de formalidade: discurso solene (DS) – mais formal; noticiário radiofónico (NR); entrevista radiofónica (ER); e entrevista espontânea (EE) - menos formal.

Para responder à primeira questão metodológica, foi medido o *speech rate* (quantitativamente, relativamente à quantidade de material linguístico presente) de cada amostra. Foi, assim, contabilizado o número de palavras e de sílabas fonológicas (de segmentos teóricos, só na subamostra) por unidade de tempo de cada amostra; e, posteriormente, calculou-se a média para cada situação discursiva. De modo a dar resposta à segunda questão metodológica, foi calculada a quantidade de sílabas que, em média, cada palavra continha, por situação discursiva.

Para dar resposta à terceira questão metodológica, foi realizada uma análise fonética da subamostra, que pretendeu verificar o fenómeno do apagamento fonético das duas vogais átonas mais sujeitas a apagamento [i] e [u], nas diferentes situações discursivas.

Com este estudo, chegamos a conclusões referentes à relação da formalidade/informalidade com os parâmetros de elocução do *speech rate*, do rácio de sílabas por palavra e do apagamento fonético.

Relativamente ao *speech rate* (medido através do número de palavras, do número de sílabas fonológicas e do número de segmentos teóricos), verificamos que a discrepância entre o número de palavras e de sílabas fonológicas é muito reduzida entre as quatro amostras de cada situação discursiva, sugerindo grande homogeneidade no que concerne a estas medidas do *speech rate* para diferentes amostras relativas à mesma situação discursiva. Ao nível das questões de investigação formuladas, constatamos que, tal como hipotetizado, e no que diz respeito ao número de palavras por unidade de tempo, o discurso solene (DS) – situação discursiva mais formal – compreende o menor número de palavras por unidade de tempo (1.9 palavras/segundo), sendo a entrevista espontânea (EE) – situação discursiva menos formal – aquela que integra o maior número de palavras por unidade de tempo (3.1 palavras/segundo). É possível, desta forma, e visto que possuem uma diferença considerável, concluir que situações com elevado grau de formalidade acarretam menor quantidade de palavras por unidade de tempo do que situações com baixo grau de formalidade, que acarretam uma quantidade de palavras por unidade de tempo muito superior. Em relação ao NR e à ER - situações discursivas com posição intermédia na escala de formalidade, estas apresentam resultados muito próximos no que se refere à quantidade de palavras por unidade de tempo (2.9 e 2.8 palavras/segundo, respetivamente). No que respeita à quantidade de sílabas fonológicas por unidade de tempo - tal como relativamente ao número de palavras - e de acordo com a H1, é o discurso solene (DS) – situação mais formal - a situação discursiva que apresenta a menor quantidade de sílabas fonológicas por unidade de tempo (4.3 sílabas fonológicas/segundo). No entanto, e contrariamente ao que esperaríamos, é o noticiário radiofónico (NR) que apresenta a maior quantidade de sílabas fonológicas por unidade de tempo (6.4 sílabas fonológicas/segundo), e não a EE. Ainda relativamente ao número de sílabas fonológicas por unidade de tempo, a entrevista radiofónica (ER) e a entrevista espontânea (EE) apresentam valores próximos (5.9 e 6.0 sílabas fonológicas/segundo, respetivamente). Assim, e no que diz respeito ao *speech rate*, concluimos que, como hipotetizamos inicialmente, podemos associar as situações com grau mais elevado de

formalidade (neste caso, o DS) a uma menor quantidade de material linguístico, ou seja, menor *speech rate*. Temos, também, em conta que a situação discursiva menos formal (a EE) apresenta a maior quantidade de palavras por unidade de tempo, mas não apresenta o resultado mais elevado de sílabas fonológicas por unidade de tempo, mas sim o NR. Mesmo assim, pensamos poder concluir que as situações com grau mais baixo de formalidade (neste caso, a EE) tendem a requerer maior quantidade de material linguístico, ou seja, maior *speech rate*.

Em relação ao rácio de sílabas por palavra, verificamos que os resultados obtidos no nosso estudo vão confirmar a H2, uma vez que se verifica que a quantidade média de sílabas que cada palavra possui vai decrescendo à medida que a formalidade também decresce. Assim, o DS – situação mais formal- apresentou o maior rácio de sílabas por palavra (2.27 sílabas/palavra), seguido do NR (2.20 sílabas/palavra), a ER (2.09 sílabas/palavra) e, por fim, a EE – situação menos formal – apresentou o menor rácio de sílabas por palavra (1.97 sílabas/palavra). Desta forma, a escala da formalidade/informalidade que elaboramos inicialmente e em que posicionamos as quatro situações discursivas é, neste parâmetro, confirmada. Assim, as produções com grau elevado de formalidade possuem um rácio de sílabas por palavra superior ao rácio de sílabas por palavra das situações com baixo grau de formalidade. Ou seja, as produções formais terão palavras mais longas e as produções informais terão palavras mais curtas.

No que toca ao apagamento fonético, concretamente das vogais [i] e [u] átonas, concluímos, em termos gerais, que (a) o fenómeno do apagamento fonético destas vogais átonas é muito expressivo, visto que, em termos gerais, a situação discursiva que apresenta a percentagem de apagamento mais baixa é de 48.5%; (b) a vogal [i] - apagada em mais de metade das ocorrências teóricas (58%) - é mais apagada do que a vogal [u] - apagada em 15% das ocorrências teóricas, o que está de acordo com a literatura. Concluímos, também, que (c) ambas as vogais são mais sujeitas ao fenómeno de apagamento fonético quando inseridas em sílabas posteriores à sílaba tónica (vogal [i]: sílabas pré-tónicas 57.75%, sílabas pós-tónicas 62.75; vogal [u]: sílabas pré-tónicas 7%, sílabas pós-tónicas 18.25%), tal como descrito na teoria. Tendo em conta o grau de formalidade, verificamos que, tal como hipotetizado, em termos gerais, a situação discursiva mais formal, o discurso solene (DS), é aquela em que o fenómeno do apagamento fonético é menos frequente (48.5%), seguido do noticiário radiofónico (NR) – 61%, posteriormente, a entrevista radiofónica (ER) – 66% e a situação discursiva onde o apagamento fonético é mais frequente é na entrevista espontânea (EE), que é a menos

formal – 91.5%. Destaca-se a entrevista espontânea, em que o fenómeno do apagamento fonético aproxima-se, deste modo, da totalidade das realizações teóricas, pelo que estas vogais só são realizadas em 8.5% das ocorrências teóricas. Desta forma, também no parâmetro do apagamento fonético, os resultados obtidos validam a escala da formalidade/informalidade que elaboramos inicialmente. A H3 é, assim, confirmada, visto que a situação discursiva que possui o maior grau de formalidade apresenta a menor percentagem de apagamento fonético, e a situação discursiva com o menor grau de formalidade apresenta uma percentagem de apagamento muito elevada.

De acordo com todos os resultados do nosso estudo empírico, identificamos a existência de dois polos visivelmente opostos no que concerne aos parâmetros de elocução analisados: o discurso solene (DS) como a situação discursiva com o mais elevado grau de formalidade; e a entrevista espontânea (EE) como a situação discursiva com o menor grau de formalidade. Identificamos, ainda, uma zona que designamos por “zona intermédia” onde se posicionam o noticiário radiofónico (NR) e a entrevista radiofónica (ER), havendo, entre elas flutuações. Para além disso, verificamos uma distância considerável entre a situação discursiva mais formal, o discurso solene (DS), que se distancia largamente das outras três situações discursivas, em todos os parâmetros analisados na presente dissertação.

Os resultados obtidos com esta investigação mostraram que estes parâmetros - *speech rate*, rácio de sílabas por palavra e apagamento fonético - nos parecem ser fiáveis para distinguir situações discursivas com diferentes graus de formalidade. Tal como afirma Delgado-Martins (1993: 198) “a velocidade de elocução permite distinguir os diferentes tipos de fala”.

Em suma, concluímos que a formalidade da situação discursiva tem influência na elocução dos indivíduos, em português europeu. Assim, situações com elevado grau de formalidade possuem: menor *speech rate*, maior rácio de sílabas por palavra (palavras mais longas), e baixa frequência de apagamento fonético. Pelo contrário, situações com baixo grau de formalidade possuem: maior *speech rate*, menor rácio de sílabas por palavra (palavras mais curtas), e alta frequência de apagamento fonético.

Pensamos que, desta forma, a presente dissertação se constitui como um contributo para a investigação no domínio da linguística, especificamente acerca da relação entre a formalidade da situação discursiva e as características de elocução, em português europeu.

Para dar continuidade ou ampliar esta investigação, seria vantajoso aumentar a quantidade de amostras das situações discursivas, e adicionar mais situações discursivas

com diferentes graus de formalidade. Adicionalmente, acharíamos relevante a utilização de um programa de análise acústica (por exemplo, o *Praat*), concretamente para a análise do apagamento fonético. Ainda, a análise do apagamento fonético na totalidade das amostras e o alargamento dos segmentos em que se incide o estudo deste fenómeno seria necessária para resultados mais significativos.

Referências bibliográficas

- Abercrombie, D. (1967). *Elements of general phonetics*. Chicago: Aldine.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Andrade, A. (1994). Reflexões sobre o ‘e mudo’ em Português Europeu. In Duarte, I. e I. Leiria (eds.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa: APL e Edições Colibri, pp. 303-344.
- Arvaniti, A. (2009) Rhythm, timing and the timing of rhythm. *Phonetica* 66, 46-63.
- Arvaniti, A. (2012) The usefulness of metrics in the quantification of speech rhythm. *Journal of Phonetics* 40, 351-373. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0095447012000137> Consultado a 25/03/2019
- Arvanity, A. & T. Ross (2010) Rhythm classes and speech perception. *Proceedings of Speech Prosody* 2010, Chicago, 11-14 May 2010.
- Azuaga, L. (1996). Morfologia. In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte & C. A. M. Gouveia (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 215-244.
- Barbeiro, L. F. T. (1986). *Estrutura Silábica do Português*. O papel da sílaba na análise dos processos fonológicos e fonéticos. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Barbosa, J. M. (1965). *Études de Phonologie Portugaise*. Junta de Investigações Científicas do Ultramar (2ª edição). Universidade de Évora.
- Barbosa, Plínio A. (2006). *Incursões em torno do Ritmo da Fala*. Pontes Editores: São Paulo.
- Barroso, H. (1999). *Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Bertinetto, P. M. & C. Bertini (2008). On modeling the rhythm of natural languages. *Proceedings of the 4th International Conference on Speech Prosody*, Campinas, pp. 427-430 Disponível em: https://www.isca-speech.org/archive/sp2008/papers/sp08_427.pdf Consultado a 21/03/2019

Blevins, J. (1995). The Syllable in Phonological Theory. In J. A. Goldsmith (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge (Mass.)/Oxford, Blackwell, pp. 206-244

Câmara, J. M. (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis (RJ), Vozes (19ª edição, 1989).

Cruz, M. (2013). Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Dasher, R. & Bolinger, D. (1982). On pre-accentual lengthening. *Journal of the International Phonetic Association*, vol. 12, pp. 58-69.

Dauer, R. (1983). Stress-timing and syllable-timing reanalyzed. *Journal of Phonetics* 11, 51-62.

Dauer, R. (1987). Phonetic and phonological components of language rhythm. Apresentado no XI Internacional Congresso f Phonetic Sciences, vol. 5, pp. 447-450.

Delgado-Martins, R. & Freitas, M. J. (1991). Temporal structure of speech: reading news on TV. In *Proceedings of the ESCA Workshop on Phonetics and Phonology of Speaking Styles: Reduction and Elaboration in Speech*. Barcelona: ESCA.

Delgado-Martins, R. & Freitas, M. J. (1993). Estruturação temporal da fala: análise acústica e reconhecimento perceptivo. In *Actas do Encontro de Processamento da Língua Portuguesa Escrita e Falada*. Lisboa: INESC, pp. 197-202.

Dellwo, V. & Wagner, P. (2003). Relations between language rhythm and speech rate.

Dellwo, V. (2010). Influences of speech rate on the acoustic correlates of speech rhythm: An experimental phonetic study based on acoustic and perceptual evidence. Dissertação de Doutoramento, Universidade Bonn.

Ducrot, O. & Todorov, T. (2007). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. (8ª edição). Edição portuguesa orientada por Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Durand, J. (1990). *Generative and Non-Linear Phonology*. London/New York: Longman.

Erikson, A. (1991). Aspects of Swedish speech rhythm. Dissertação de Doutorado. Universidade de Göteborg.

Fachada, B. & Lopes, R. (2016). *Débito Elocucional e Formalidade da Situação Discursiva*. Comunicação apresentada ao Colóquio de Homenagem ao Professor Óscar Lopes. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Estudo inédito.

Fachada, B. (2017). *Relação entre débito elocucional e formalidade da situação discursiva*. Comunicação apresentada ao Congresso Comemorativo dos 40 Anos do CLUP. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Estudo inédito.

Faria, I., Costa, A., Freitas, M. J. & Figueira, L. (1994). Processamento da informação na leitura oral em situação de stress: construção do desenho experimental e análise dos resultados. In *Actas do IX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, pp. 211-234.

Fernandes, A. C. G. (2007). Apagamento de Vogais Átonas em Trissílabos Proparoxítonos: Um Contributo para a Compreensão da Supressão Vocálica em Português Europeu. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Ferreira, M. L. S. (2012). Contributos para uma definição de Palavra Fonológica. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/74937> Consultado a: 10/04/2019

Ferreira Netto, W. & Consolini, F. (2008). Estratégias prosódicas da leitura em voz alta e da fala espontânea. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 52, pp. 521-534.

Freitas, M. J. (1988). Elementos para um estudo do tempo real no discurso. In *Actas do III Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, pp. 229-244.

Frota, S. & Vigário, M. (2000). Aspectos de Prosódia Comparada: Ritmo e Entoação no PE e no PB. In *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, pp. 533-555.

Frota, S. & Vigário, M. (2001). On the correlates of rhythmic distinctions: the European/Brazilian Portuguese case. *Probus* 13, pp. 247-273.

Frota, S., Vigário, M. & Martins, F. (2001). Discriminação entre línguas: Evidência para classes rítmicas. In *Atas do XVII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.

Disponível em: <http://labfon.letras.ulisboa.pt/texts/FVMAPL01.PDF>. Consultado a 26/06/2019

Giordano, R. & L. D'Anna (2010). A Comparison of Rhythm Metrics in Different Speaking Styles and in Fifteen Regional Varieties of Italian. Disponível em: https://www.isca-speech.org/archive/sp2010/sp10_826.html. Consultado a 21/03/2019

Goldman-Eisler, F. (1968). *Psycholinguistics; Experiments in Spontaneous Speech*. New York: Academic Press

Goldsmith, J. A. (1999). *Phonological Theory. The Essential Readings*. Malden (Mass.)/Oxford, Blackwell.

Grabe, E., & E. L. Low. (2002). Durational variability in speech and the rhythm class hypothesis. In C. Gussenhoven & N. Warner (eds.), *Laboratory Phonology 7*, pp. 515-546.

Halliday, M. A. K. (1985). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.

Hogg, R. & McCully, C. B. (1987). *Metrical Phonology: A Coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press.

Joos, M. (1968). The Isolation of Styles. In J. A. Fishman (ed.) *Readings in the Sociology Language*.

Kenstowicz, M. (1993). *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge: Blackwell.

Labov, W. (1966). *The social stratification of English in New York*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistics.

Ladefoged, P. (2001). *A Course in Phonetics*. Boston: Harcourt College Publishers (4ª edição).

Lloyd James, A. (1940). *Speech signals in telephony*. London.

Loukina, A., G. Kochanski, C. Shih, K. Keane & I. Watson (2009). Rhythm measures with language-independent segmentation. *Proceedings of Interspeech*. Brighton, UK. Disponível em: <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:93a7fe04-4b78-4d4a-b2c3-cf313d57ad9f> Consultado a 21/03/2019

Low, E. L. & Grabe, E. (1995) Prosodic patterns in Singapore English. *Proceedings*

of the *Intonational Congress of Phonetic Sciences*. Estocolmo, pp. 636-639.

Low, E. L., Grabe, E. & Nolan, F. (2000). Quantitative characterisations of speech rhythm: 'syllable-timing' in Singapore English. *Language and Speech*.

Macedo, A. V. T. (2010). Linguagem e Contexto. In M. C. Mollica & M. L. Braga (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, pp. 59-66.

Mata, A. I. & Moniz, H. (2016). Prosódia, variação e processamento automático. In A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin: De Gruyter, pp. 116-155.

Mateus, M. H. M. (1990). Fonética, Fonologia e Morfologia do Português. Lisboa: Universidade Aberta.

Mateus, M. H. M. (1994). A Silabificação de Base em Português. In *Atas do X Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.

Mateus, M. H. M. (1996). Fonologia. In I. Hub Faria, C. Gouveia, E. Pedro e I. Duarte, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 171- 211.

Mateus, M. H. (2003). Fonologia. In M. H. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Mateus, M. H. M. & Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

Mateus, M. H. M., Frota, S. & Vigário, M. (2003) Prosódia. In M. H. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Mateus, M. H. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mateus, M. H. M. & Villalva, A. (2006). *Linguística*. Lisboa: Editorial Caminho.

Mollica, M. C. (1989). *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Tese de doutorado apresentado à Faculdade de Letras da UFRJ.

Moraes, J. A. & Leite, Y. (1992). Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho. In I. Rodolfo (org.), *Gramática do Português Falado*. Volume II: Níveis de Análise Linguística. Campinas: Ed. da UNICAMP, pp. 65-77.

Naro, A. J. & Lemle, M. (1977). *Competências básicas do português*. Rio de

Janeiro: Sedec/Mobral.

Nespor, M. (1990). On the rhythm parameter in phonology. In I. Roca (ed.), *The Logical Problem of Language Acquisition*, Foris: Dordrecht, pp. 157-175.

Nespor, Shukla & Mehler (2011). Stress-timed vs. Syllable-timed languages. In Oostendorp, M. V., Ewen, C.J., Hume, E., Rice, K. (eds.). *The Blackwell Companion to Phonology*. Chichester, UK: Wiley-Blackwell, pp. 1147-1159. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marina_Nespor/publication/265103049_48_Stress-timed_vs_Syllable-timed_Languages/links/547602220cf245eb4371fe46.pdf

Consultado a 25/03/2019

Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

Pedro, E. R. (1996). Interacção verbal. In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte & C. A. M. Gouveia (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 449-475.

Pereira, I. & Freitas, M. J. (1990). Valores do silêncio: contributo para um estudo da pausa na delimitação do grupo entoacional em Português. In *Actas do V Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, pp. 171-186.

Pike, K. L. (1945). *The intonation of American English*. University of Michigan Press.

Prieto, P., M. M. Vanrell, L. Astruc, E. Payne & B Post. (2012) Phonotactic and phrasal properties of speech rhythm. Evidence from Catalan, English, and Spanish Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167639311001646>

Consultado a 21/03/2019

Ramus, F. (2002). Acoustic correlates of linguistic rhythm: Perspectives. In Bel, B., Marlin, I. (Eds.). *Proceedings of speech prosody*. Aix-en-Provence: Laboratoire Parole et Langage, pp. 115-120.

Saussure, F. (1916) *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot.

Scherre, M. M. P. (1978) A regra de concordância de número no sintagma nominal em português. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras da PUC.

Silva, E.; Bastos, G.; Duarte, R., & Veloso, R. (2011). *Guião de implementação do*

programa de português do ensino básico – Leitura. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Troubetzkoy, N. (1939). *Grundzüge der Phonologie*. Tradução francesa: *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck.

Turk, A. & S. Shattuck-Hufnagel. (2013). What is speech rhythm? A commentary inspired by Arvaniti & Rodriquez, Krivokapić, and Goswami & Leong. *Laboratory Phonology* 4(1), 93-118.

Veloso, J. (2016). *Verba Manent*. A palavra como unidade pertinente para a descrição linguística do português e de outras línguas flexionais. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Veloso, J. (2015). *Introdução à Fonologia*. Nível fonético e nível fonológico. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Veloso, J. (2003 a) *Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico – Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças Falantes Nativas do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Porto.

Veloso, J. (2003 b) *A distinção entre palavras terminadas em consoante e palavras terminadas na sequência ortográfica «consoante+ ‘e’» num grupo de crianças falantes do Português Europeu em idade pré-escolar*. In *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes – Volume Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, pp. 259-288.

Vieira, I. C. (2018). «Universidade Versão β ». Contextos, trajetos e efeitos das práticas do Gabinete de Inovação Pedagógica da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, pp. 88-90.

Vigário, M. & Falé, I. (1994). *A Sílabas do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica*. In *Atas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, 1993). Lisboa: APL/Colibri. Pp. 465-477.

Vigário, M., S. Frota & F. Martins (2011). *Para uma caracterização da distinção entre palavras prosódicas e clíticas com base em dados de frequência*. In A. Costa, I. Falé & P. Barbosa (orgs.) *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*.

Textos Seleccionados. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 589-603.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa. (2010) Porto: Porto Editora.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-04-10 15:53:59]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/formalidade>

Anexos

Anexo 1: Transcrições

Anexo 1: Transcrições

DS_1

na cidade histórica e monumental de Lamego incorporada no traçado original do Condado Portucalense e profundamente ligada à nossa espiritualidade celebramos hoje o dia de Portugal de Camões e das comunidades portuguesas a história de Portugal sendo obra coletiva dos portugueses tem o traço e a marca dos seus soldados sempre presentes na primeira linha da afirmação e preservação da independência nacional num esforço interrupto de valor e bravura tornaram-se indissociável o percurso das forças armadas dos caminhos da nação por isso quis desde o início do meu mandato associar às celebrações do dia de Portugal as nossas forças armadas ocupam um lugar de destaque nesta cerimónia os antigos combatentes por Portugal pretendemos com este gesto homenagear os nossos melhores distinguir aqueles que sacrificando o melhor das suas vidas deram tudo quando a pátria deles precisou Portugal tem para com os seus combatentes uma dívida que não pode ser esquecida a nossa homenagem é também àqueles que deram a vida pela pátria a presente cerimónia adquire significado maior nesta cidade de Lamego exemplar na forma como recebe e se relaciona com os militares e cuja história se confunde com os soldados que desde mil oitocentos e trinta e nove aqui tem uma presença continuada criando uma singular afinidade da instituição militar com a população e as autoridades militares a instituição militar hoje como no passado continua a ser um dos pilares estruturantes do estado para além da sua missão primária as forças armadas contribuem para a salvaguarda do território e dos recursos do país para criar as condições de estabilidade indispensáveis ao desenvolvimento nacional e para o apoio às populações rentabilizando capacidades e recursos humanos altamente especializados contudo deve sublinhar-se que as forças armadas existem para combater e para aplicar a força militar na defesa de Portugal e dos

DS_2

o Partido Socialista está contra a contribuição especial extraordinária de solidariedade e contra o agravamento dessa mesma contribuição por razões de natureza diversa razões de natureza social o direito constituído às pensões é um verdadeiro direito de propriedade assim o define o Tribunal Constitucional alemão e porquê porque o direito às pensões é constituído é constituído com base em descontos obrigatórios descontos efetuados sobre os salários dos trabalhadores e das trabalhadoras e salários que correspondem a remunerações sobre as quais também incidem os descontos correspondentes em termos de imposto sobre o rendimento os pensionistas descontaram portanto sobre os salários sobre determinado valor

portugueses garantindo-lhes a paz e a livre escolha do seu futuro esta é a sua razão de ser a sua missão primária e aquilo que distingue as forças armadas dos outros corpos do estado é por isso que a organização militar está associada a conceitos de comando e de hierarquia de disciplina e de coesão de autoridade e de responsabilidade de espírito de corpo e de camaradagem e assenta em códigos de conduta e no respeito e no culto de valores uma organização desta natureza tem que possuir em permanência um conjunto de capacidades que lhe assegure a prontidão e o nível de resposta adequado para o cumprimento das suas missões deste modo será mais perceptível o sentido da sua utilidade e melhor compreendidos os recursos que o estado põe à sua disposição militares nos períodos de paz prolongada o papel das forças armadas nas sociedades pode ser desvalorizado por alguns e a necessidade da sua existência pode ser menos percebida contrariando uma ideia instalada em certos setores da sociedade portuguesa as forças armadas foram objeto de sucessivas reformas sendo a área do estado que mais se transformou nos últimos quarenta anos refiro em especial o fim do serviço militar obrigatório a introdução do serviço militar feminino e o redimensionamento dos efetivos e do dispositivo territorial nos últimos quinze anos o orçamento de defesa teve um decréscimo de cerca de trinta por cento e os efetivos diminuíram em cerca de trinta e cinco por cento as nossas forças armadas atravessam atualmente um novo ciclo de reformas ao mesmo tempo a gravidade dos acontecimentos nas periferias dos dos nas periferias e no interior da Europa vêm infletir a tendência para a desmilitarização e o desinvestimento na defesa por parte das sociedades no mundo Euro-Atlântico quem podia prever há dois ou três anos a forma brutal como se têm cometido os mais violentos atentados à liberdade dos povos

de salários que os fez constituírem com base nesses montantes e num numerando de de de descontos um direito a um determinado montante como pensão e pagaram os impostos sobre os rendimentos correspondentes o Governo não é o titular nem o dono desses descontos é seu mero gestor e gestor fiduciário o que é que isso quer dizer é que é um gestor porque merece a confiança de quem descontou está obrigado portanto a respeitar essa confiança quando o Estado altera as regras do jogo depois do jogo jogado o Estado isenta-se do cumprimento de regras que ele próprio impõe e bem ao setor segurador privado na medida em que os descontos sociais obrigatórios são um seguro social gerido pelo

Estado isto é como um autorregulador o Estado quer ficar de fora das regras que impõe e bem enquanto regulador das atividades da mesma natureza em termos das responsabilidades criadas por outro lado a conjugação da contribuição extraordinária de solidariedade com o aumento dos descontos p(a)ra a ADSE para além da autossustentabilidade desse subsistema porque a ADSE é um é um subsistema como sabem um subsistema de saúde significa que os pensionistas são considerados pelo Governo como um peso para o Estado mas uns os da administração pública ainda são mais pesados do que outros ora bem com medidas desta natureza o Governo abala a confiança no sistema público de segurança social o que é gravíssimo porque é uma construção de várias gerações não é uma coisa cujo direito se constitui hoje para daqui a pouco não é um compromisso de variadíssimas gerações mas há também razões de natureza da cidadania o Governo pretende impor estas medidas a quem foi

DS_3

muito boa noite Portugal é onde se encontra o português nas nossas fronteiras físicas ou por todo o mundo nas nossas fronteiras espirituais aí vivendo ou servindo em missão nacional a todos saúdo e agradeço os “portugais” novos que criam dia após dia estranho e contraditório ano esse que ontem terminou e que exigiu tudo de todos nós estranho e contraditório ano no mundo com tão veementes proclamações de paz e de abertura económica e tão preocupantes ameaças de tensão e protecionismo pondo à prova a paciência e a sensatez de muitos e em particular do secretário geral António Guterres estranho e contraditório ano na Europa com tão claro crescimento e desejo de recuperação do tempo perdido e tão lenta capacidade de resposta e de reencontro com os europeus estranho e contraditório ano também em Portugal ano povoado de reconfortantes alegrias mas também de profundas tristezas começou ele com a partida de um dos maiores da nossa democracia Mário Soares reunindo nesse momento respeito tantos de tantas famílias políticas e sociais ao invés em maio testemunhou como vibramos crentes e não crentes com uma chegada histórica a do Papa Francisco o apóstolo dos deserdados desta era entretanto íamos vivendo finanças públicas a estabilizar banca a consolidar economia em perigo a crescer juros e depois dívida pública a reduzir Europa a declarar o fim do défice excessivo e a confiar ao nosso ministro das finanças liderança no Eurogrupo mercados a atestarem os nossos merecimentos tudo isto colocando fasquias mais altas no combate à pobreza às desigualdades ao acesso e ao funcionamento dos sistemas sociais e aconselhando prudência no futuro mas permitindo

cumpridor a quem pagou os seus impostos no entanto o mesmo Governo acabou de promover um perdão fiscal que isentou de multas a que estavam obrigados todos aqueles que não cumpriram a obrigação de pagar os impostos a que estavam obrigados porque como sabem o pagar os impostos a tempo e horas é uma obrigação de cidadania e esta mensagem é uma mensagem errada e grave porque dá a entender que mais vale não pagar aquilo que devemos porque seremos perdoados e aqueles que pagam o que devem quando devem são castigados isto é gravíssimo do ponto de vista das obrigações de cidadania e da coesão social há também uma outra mensagem grave do ponto de vista da cidadania que é uma mensagem subliminar a de que não deve haver ou não se justifica que haja solidariedade intergeracional e isto significa que o Estado o Governo transpõe para as relações familiares e humanas o modelo da concorrência da concorrência cega dura

a Portugal apresentar como exemplo a determinação dos portugueses ninguém imaginaria há menos de dois anos poder partilhar tão rápida e convincente mudança sem dúvida iniciada no ciclo político anterior mas confirmada e acentuada neste que tão grandes apreensões e desconfianças havia suscitado cá dentro e lá fora e nem faltariam ao crescendo de alegrias da boa parte do ano que findou o triunfo europeu da nossa música os excepcionais galardões no turismo o sucesso reiterado no digital os êxitos nas artes na ciência no desporto colocando Portugal como um destino cimeiro se o ano tivesse terminado em dezasseis de junho ou tivesse sido por mais seis meses exatamente como até então poderíamos falar de uma experiência singular constituída quase apenas por vitórias assim não foi porém um outro ano bem diverso se somou ao primeiro a partir de dezassete de junho dominou o verão e adensou-se em quinze e dezasseis de outubro marcado pela perplexidade em Tancos o pesar no Funchal o espetro da seca e sobretudo as tragédias dos incêndios esse pesadelo para todos nós tão brutalmente inesperadas e tão devastadoras em perdas humanas e comunitárias que acabariam por largamente pesar no balanço de dois mil e dezassete tudo pondo à prova o melhor das portuguesas e dos portugueses a resistência o afeto a iniciativa a fraternidade militante que levou ainda mais longe a nossa tradicional solidariedade hoje dia um de janeiro é do futuro porém que importa falar o passado bem recente serve para apelar a que naquilo que falhou em dois mil e dezassete se demonstre o mesmo empenho revelado naquilo que nele conheceu o êxito exigindo a coragem de reinventarmos o futuro

DS_4

por último fui advogada que é aquilo que todos somos eu costumo dizer que estes cargos por mais ou menos apetecíveis que sejam passam são cargos passageiros nós aquilo que somos é advogados e advogadas e um advogado jamais se pode silenciar quando é cometida uma injustiça um advogado não se deve pronunciar sobre a culpa ou a inocência ou pode não o fazer mas nunca se pode silenciar quando não são asseguradas as garantias de defesa de qualquer cidadão e nós e a ordem que é sobretudo uma o grande baluarte de defesa de um estado de direito em que se respeitam determinados princípios em que se respeitam determinados valores e em que se respeita sobretudo aquele valor que era tão apreciado pelo Miguel Galvão Teles que era a liberdade não se podia silenciar face àquilo que aconteceu aos ativistas políticos de Angola não há aqui nada de ideológico nada de político-partidário não há apenas a alma dos advogados portugueses que comunga da defesa de determinados princípios e há a manifestação da consternação da ordem dos advogados portuguesa face aos atropelos que são públicos que foram denunciados pelos advogados angolanos cometidos num processo porque a verdade é que quando todos julgamos que a democracia está absolutamente consolidada quando todos julgamos que a liberdade é um valor inatacável quando se atinge um determinado patamar de civilização a história e é preciso conhecer a história aquilo que denota é que muitas vezes sobretudo quando a advocacia está adormecida quando os advogados e as advogadas não cumprem o seu papel de vigilância há um processo marcado naquilo que são garantias consideramos absolutamente consolidadas naquilo que são direitos que consideramos absolutamente inquebráveis nas liberdades que

NR_1

ontem o caos hoje o dia seguinte passam agora vinte e quatro horas desde as primeiras explosões ontem no aeroporto de Bruxelas o balanço das vítimas ainda está em aberto seguramente mais de trinta mais de cem feridos somados os números dos ataques que aconteceram no aeroporto de Bruxelas e mais tarde no metro de Bruxelas o aeroporto vai continuar fechado ao longo do dia de hoje as investigações da polícia iniciadas ontem vão também continuar mas não há até agora notícias de detenções entre as buscas realizadas está uma casa usada aparentemente pelos autores do ataque no aeroporto a televisão belga dá-lhes hoje um nome são os irmãos el-bakraoui o taxista que os transportou ao aeroporto terá sido uma peça chave nas investigações estranhou o facto de não o deixarem tocar nas malas eram cinco malas mas não cabiam no veículo e por isso acabaram

por este motivo ou aquele também sofrem constrangimentos e portanto o apelo que eu deixo aqui a toda a advocacia é de vigilância permanente é evidente que em Portugal a democracia se consolida todos os dias com a nossa intervenção porque somos nós advogados e advogadas que defende defendemos diariamente os cidadãos nos tribunais e por isso e aproveitando aqui o facto de estar cá a senhora secretária de estado dir-lhe-ia senhora secretária de estado são os advogados estes advogados que estão aqui e também todos aqueles que estão pelo país fora são os verdadeiros motores para uma reforma na justiça se vossa excelência atentar àquilo que tem sido as posições da ordem dos advogados reparará que sobretudo em relação às matérias que hoje estão em discussão nunca viu a ordem dos advogados funcionar como uma associação apenas representativa de uma classe como disse e bem a senhora bastonária Maria de Jesus Serra Lopes esta ordem não é só representativa dos advogados a sua principal atribuição é a defesa do estado de direito e a defesa dos direitos liberdades e garantias do cidadão quando a ordem dos advogados denuncia o afastamento geográfico dos tribunais que resulta do facto de da esmagadora maioria dos tribunais judiciais ter sido desqualificado falo em nome do cidadão e quando a ordem dos advogados denuncia a vergonha que é a privatização da justiça que está em curso para se tramitarem processos para se fazerem notificações para se administrar justiça em tempo útil fazemo-lo em representação do cidadão porque se é verdade que a partir de um determinado valor nos tribunais é obrigatória a constituição de advogado não deixa de ser verdade que nos meios alternativos de resolução do litígio

por ficar duas de fora esse facto levou depois este taxista a contactar as autoridades depois de conhecer que tinha tinham existido ataques tinham existido explosões no aeroporto de Bruxelas os dados das investigações ainda continuam ontem houve uma onda solidária outra vez em todo o mundo monumentos de todo o mundo foram iluminados com as cores da bandeira da Bélgica aconteceu em Lisboa na câmara municipal com a presença do embaixador da Bélgica aconteceu também em Paris com a Torre Eiffel e em Nova Iorque com o novo edifício do World Trade Center hoje estaremos durante a manhã atentos ao desenrolar do dia seguinte na cidade de Bruxelas o relatório da autoavaliação do banco de Portugal no caso BES aponta críticas à supervisão não apenas no mandato de Carlos Costa mas também no do

antecessor Vítor Constâncio a notícia é avançada esta manhã pelo jornal de negócios o documento que está no centro de uma polémica entre o parlamento e o governador do banco de Portugal Carlos Costa nota falhas nos mandatos dos dois governadores que tiveram em comum o mesmo responsável pelo departamento de supervisão é um dos documentos mais aguardados da política portuguesa nas últimas semanas e até meses um país de precários podemos falar de contratos a prazo de recibos verdes de trabalho parcial ou até informal mas o tema é sempre o mesmo há em Portugal uma larga percentagem de trabalhadores que não sabe o futuro mesmo o futuro de curto prazo o tema vai atravessar hoje um debate no parlamento por iniciativa do PCP já lá vamos antes um retrato com números que coloca Portugal no pódio do trabalho precário na Europa olhar para os números que mostram um cenário de precariedade no trabalho em Portugal um dos centros deste turbilhão da precariedade é a figura do intermediário cresceram muito em número e em importância as empresas que contratam trabalhadores que depois são subcontratados por períodos curtos por outras empresas a área dos serviços é uma das principais clientes destes intermediários mas não está não é um setor exclusivo a jornalista Maria Augusta Casaca conta agora como tem crescido uma das empresas voltada para a área da hotelaria e do turismo trabalho da jornalista Maria Augusta Casaca uma história de um precário que não se considera precário e que até vê vantagens neste modelo de intermediação do trabalho temporário a esquerda parlamentar há muito que destaca este como um problema estrutural da economia portuguesa a fragilização das condições de trabalho em Portugal um tema constante do movimento

NR_2

está em marcha desde a meia noite a greve nacional da função pública é a primeira greve dos trabalhadores do Estado este ano a segunda com o Governo de António Costa para exigir aumentos de salário pagamento de horas extraordinárias e trinta e cinco horas de trabalho para todos os funcionários às primeiras horas da greve o impacto começou por se fazer sentir nos hospitais em direto posso conversar nesta altura com a coordenadora da Frente Comum dos Sindicatos da função pública bom dia acredita que estes números se vão manter durante o dia e quais são quais são as expectativas para os outros setores nomeadamente por exemplo estou a lembrar-me das escolas e dos serviços das finanças ou da segurança social fica fica prometido esse balanço para o decorrer do dia agradeço Ana Avoila este primeiro balanço das primeiras horas da greve da função pública como ouvimos a afetar vários hospitais Ana Avoila a destacar o hospital São

sindical e hoje o PCP leva o assunto a debate na Assembleia da República a alternativa ao desemprego não é a precariedade garante a deputada Rita Rato que tem uma mensagem para centrar este debate os comunistas salientam que milhares de trabalhadores em particular os mais jovens continuam a ter como única alternativa ao desemprego esta precariedade no emprego e há muitas empresas entre elas multinacionais que chegam mesmo a lucrar com as situações de falsos recibos verdes Rita Rato diz que é preciso travar um combate contra esta generalização Rita Rato deputada comunista que vê com bons olhos um primeiro passo dado recentemente no debate orçamental uma definição de um prazo de seis meses para ser feito um levantamento total dos instrumentos de contratação utilizados pelos serviços organismos e entidades da administração pública nomeadamente com recurso a contratos de emprego inserção a estágios a bolsas de investigação ou então a contratos de prestação de serviço o debate sobe ao plenário da Assembleia da República esta manhã ainda no parlamento há uma aparente preocupação do relator do caso da alegada incompatibilidade de Maria Luísa Albuquerque para exercer simultaneamente um cargo numa multinacional especializada em crédito de risco e as funções de deputada o prazo para o governo enviar documentos solicitados pelo parlamento termina amanhã caso a informação não chegue o deputado responsável por elaborar este relatório da sub-comissão de ética ameaça fazê-lo apenas com a informação que já lhe foi disponibilizada uma ameaça que aparentemente só será concretizada depois de Paulo Rios de Oliveira ouvir

José e o hospital Beatriz Ângelo em Loures onde a adesão à greve é de cem por cento durante o dia é esperado que centenas de escolas fiquem fechadas por causa desta paralisação devem ser afetados também os serviços da segurança social e das finanças na manhã TSF haveremos de atualizar os efeitos provocados por esta paralisação o INEM admite que há ambulâncias paradas por falta de técnicos o Jornal de Notícias conta que há buracos nas escalas que levam à paragem das ambulâncias o Instituto de Emergência Médica explica que os técnicos se recusam a fazer horas extraordinárias mas garante que o socorro está assegurado por outros meios como os bombeiros e a Cruz Vermelha o certo é que há constrangimentos em várias ambulâncias de norte a sul do país Guilhermina Sousa os cortes nos turnos das ambulâncias já levaram os partidos a questionar o Ministério da Saúde mas na altura não se sabia que havia ambulâncias paradas por

falta de técnicos o PSD quer que a Uber e a Cabify paguem uma taxa por cada serviço prestado o Jornal Público conta que o projeto de lei defende a liberalização das plataformas de transportes mas impõe limites aos preços com um máximo nos momentos de maior procura a atividade seria regulada pelas próprias plataformas mas cobrando uma taxa reguladora Joana Carvalho Reis o projeto lei do PSD deve ser entregue hoje na Assembleia da República onde já está desde março a proposta do Governo na Comissão Parlamentar de Economia a economia portuguesa pode crescer até aos quatro por cento no final do ano é a convicção do deputado do Bloco de Esquerda Jorge Costa ouvido no programa da TSF Política Pura o deputado diz que é uma expectativa legítima tendo em conta a evolução das contas nacionais Jorge Costa entrevistado pelo editor de política da TSF Anselmo Crespo fala ainda na possibilidade de Mário Centeno liderar o Eurogrupo se isso acontecer o deputado bloquista vê uma possibilidade de mudança na forma como funciona o próprio Eurogrupo também no programa Política Pura o eurodeputado socialista Pedro Silva Pereira comentou a hipótese de Mário Centeno substituir Jeroen Dijsselbloem dizendo que não vê qualquer problema no acumular de funções do ministro das finanças o homem de que se fala Mário Centeno salienta como eventual presidência do Eurogrupo não é incompatível com a atividade como ministro das finanças mas realça que Portugal continua a ser a grande prioridade Mário Centeno ontem à noite no final da reunião dos ministros das finanças da União Europeia em Bruxelas hoje terminam as jornadas parlamentares do Partido Socialista em Bragança António Costa fala no encerramento depois de Ferro Rodrigues e Carlos César terem dito ontem

NR_3

para a associação ambientalista zero as medidas anunciadas pelo governo para contra a poluição do rio Tejo são positivas mas o executivo tem culpa na situação a que chegou o rio português o presidente da associação Francisco Ferreira recorda que o governo permitiu a instalação de empresas como a CELTEJO que estará a utilizar o rio para despejar efluentes Francisco Ferreira diz ainda que os despejos da empresa são equivalentes aos de uma cidade com cento e cinquenta mil habitantes com a poluição no rio os níveis de oxigénio na água são reduzidos Francisco Ferreira explica que a consequência direta é o desaparecimento de espécies de peixe como está a acontecer já junto à barragem do Fratel a barragem do Fratel e a barragem de Belver vão ser alvo de limpeza de sedimentos a partir de quinta-feira esta é uma das medidas anunciadas pelo governo medidas que têm também efeito sobre a empresa CELTEJO

que o segredo do PS português está na fidelidade à matriz dos socialistas sem ceder a frentismos João Alexandre as jornadas sob o lema Portugal Melhor terminam logo à tarde em Bragança com a intervenção do líder do Partido Socialista António Costa os clientes lesados do BES têm até hoje para indicarem se aceitam aderir ao mecanismo que os visa compensar pelas perdas sofridas até ontem noventa por cento dos dois mil clientes lesados tinham aceite a solução proposta os clientes que aceitarem a solução irão recuperar setenta e cinco por cento do valor investido no máximo de duzentos e cinquenta mil euros isto se tiverem aplicações até quinhentos mil euros já acima deste valor vão recuperar cinquenta por cento do valor investido este fim de semana há mais uma recolha para o Banco Alimentar contra a fome na contagem decrescente para a mega operação que envolve milhares de voluntários a repórter Maria Augusta Casaca esteve no Banco Alimentar do Algarve onde tudo é pensado ao pormenor para que nada falhe nas cento e quarenta e cinco lojas da região o Banco Alimentar do Algarve apoia dezoito mil e quinhentas pessoas através de mais de uma centena de instituições a polícia deteve mais uma pessoa suspeita do ataque de Manchester é a décima detenção feita já esta manhã nos subúrbios da cidade o balanço das vítimas foi entretanto atualizado o número de feridos subiu para cento e dezasseis mantendo-se o número de mortos nos vinte e dois a maioria crianças e jovens setenta e cem por cento de adesão na saúde são os primeiros números da greve da função pública nesta edição às sete escutamos a coordenadora da Frente Comum Ana Avoila dizer que centenas de escolas e os serviços das finanças e da segurança social devem ficar encerrados hoje por causa desta paralisação

ministro do ambiente disse esta sexta-feira que a empresa tem de reduzir a atividade durante dez dias para diminuir em metade a produção de efluentes se não for suficiente garante o ministro João Matos Fernandes a empresa pode mesmo ter de parar contactada pela TSF a empresa diz não se pronunciar para já a fábrica de celulose está localizada em Vila Velha de Ródão entretanto o Bloco de Esquerda já veio dizer que as decisões do governo surgem demasiado tarde o Bloco recorda que propôs um corte da produção da CELTEJO há um ano mas o projeto foi chumbado duas vezes no parlamento por PS PSD CDS e PCP o resultado dos exames à espuma que invadiu o rio Tejo nos últimos dias são conhecidos na próxima quarta-feira o porta-voz do PS João Galamba diz que dificilmente haverá aumentos para a função pública em dois mil e dezanove quer isto dizer que a subida de salários só vai acontecer depois do fim da legislatura o deputado socialista

diz que dois mil e dezoito e dois mil e dezanove são anos para descongelamento de carreiras e por isso os salários da função pública devem apenas acompanhar a subida da inflação no programa A Vida do Dinheiro o porta-voz do PS João Galamba admite também a possibilidade de nacionalização dos CTT mas só se for imprescindível uma entrevista TSF e Dinheiro Vivo que pode ouvir este sábado a partir da uma da tarde para Marcelo Rebelo de Sousa a onda de boas notícias sobre investimento em Portugal tem de chegar também ao interior do país o Presidente da República adiantou este sábado que Viseu pode ser a próxima cidade portuguesa a receber uma grande empresa da área das novas tecnologias isto depois do anúncio da Google para a zona de Lisboa e também da possibilidade da Amazon instalar serviços na região do Porto a TSF tentou saber qual o investimento que falava Marcelo Rebelo de Sousa junto à autarquia de Viseu mas até agora não obteve resposta entre litoral e interior estão reunidas em Viseu as freguesias no congresso da ANAFRE o primeiro dia de trabalhos com o secretário de estado das autarquias locais na sessão de abertura a defender que as freguesias têm de ter um valor mínimo de apoio do estado para funcionar o secretário de estado das autarquias locais garante que o governo está disponível também para avaliar a reorganização territorial das freguesias e corrigir casos mal resolvidos depois das alterações do mapa em dois mil e treze José Ricardo Ferreira o secretário de estado das autarquias locais disse ainda que o futuro passa pela descentralização mas a matéria é da responsabilidade da Assembleia da República e por isso pede acordo

NR_4

o PCP e o Bloco de Esquerda avisam que o governo pode ficar isolado nas cativações no dia em que o orçamento de estado vai ser aprovado na generalidade com o apoio dos partidos que suportam o governo o deputado Jorge Costa espera uma proposta mais razoável do executivo ontem no primeiro dia do debate na generalidade do orçamento de estado o PSD criticou o que considera ser o maior volume de cativações e o pior investimento público de sempre os social democratas acusaram o Bloco de Esquerda de patrocinar o maior volume de cativações dos últimos três anos no programa da TSF Política Pura o deputado bloquista Jorge Costa admitiu que este é um dos pontos que o governo vai ter de rever também no programa Política Pura da TSF o deputado do PCP António Filipe admitiu carências em serviços públicos considerados essenciais o PCP e o Bloco de Esquerda prometem estar atentos à forma como o governo vai aplicar as cativações sob pena de ficar isolado nesta matéria o debate na generalidade do

entre os vários partidos representados a oposição ao governo sírio de Bashar al Assad não vai estar em Soshi na próxima semana para nova ronda de negociações sobre paz na Síria uma nova ronda de negociações organizada pela federação russa que acontece depois das negociações em Viena Áustria que terminaram esta sexta-feira promovidas pelas Nações Unidas em Viena os responsáveis do governo sírio e a oposição reuniram em separado com um emissário da ONU conversações de onde não saiu um acordo os opositores ao regime de Bashar al Assad querem que o governo sírio se comprometa com o fim da guerra civil que dura há sete anos para a ronda de negociações de Soshi a presença do secretário de estado do das Nações Unidas não está ainda confirmada António Guterres decide apenas sobre a presença na Rússia depois de analisadas as conclusões do encontro desta semana em Viena o secretário de estado o secretário de defesa norte-americano diz que a pressão sobre a Coreia do Norte deve continuar apesar dos sinais de aproximação entre as duas coreias no arranque de um encontro com responsáveis da defesa da Coreia do Sul James Mattis reafirma que o regime norte-coreano é uma ameaça para o mundo e que face à ameaça a resposta deve ser a diplomacia mas com uma posição de força sustentada na capacidade militar são declarações que surgem dias depois de uma comitiva norte-coreana ter visitado a vizinha Coreia do Sul para preparar os jogos olímpicos de Inverno no próximo mês depois dos jogos a Coreia do Sul já anunciou vai regressar aos testes militares ao largo da península coreana está desaparecido um ferry com cinquenta passageiros a bordo

orçamento de estado é retomado esta manhã às dez horas com intervenção do Ministro das Finanças Mário Centeno Vieira da Silva também vai falar num debate que se deve prolongar por mais de seis horas e com desfecho já conhecido o orçamento de estado vai ser aprovado com os votos a favor do PS do Bloco de Esquerda do PCP e do partido ecologista Os Verdes PSD e CDS votam contra depois o documento desce à especialidade estando a votação final global marcada para dia vinte sete de novembro a Câmara de Lisboa deve retirar a licença à discoteca Urban Beach é a posição defendida pelo novo vereador do Bloco Ricardo Robles depois das agressões à porta da discoteca na passada quarta-feira um jovem foi agredido alegadamente por seguranças da discoteca um caso que não é inédito sublinha o vereador bloquista por isso Ricardo Robles considera que um espaço onde se repetem casos de violência não pode continuar aberto ao público a Câmara de Lisboa já pediu uma reunião urgente à secretária de estado da

administração interna e à PSP o vereador do partido socialista Duarte Cordeiro explica que neste caso a autarquia tem de primeiro ouvir as autoridades Duarte Cordeiro admite que a Câmara pode retirar a licença à discoteca mas só depois de ouvir a PSP o ministério público anunciou que já abriu inquérito que decorre em articulação com a polícia já o vereador do CDS na Câmara João Gonçalves Pereira pede explicações e medidas por parte de Fernando Medina a Câmara de Lisboa não pode fechar os olhos e cruzar os braços afirma o vereador do CDS depois da agressão a um jovem por dois alegados seguranças da discoteca Urban Beach junto ao rio Tejo quase um ano depois de ter sido detido Pedro Dias conhecido como piloto começa a ser julgado hoje no Tribunal da Guarda a justiça pediu o reforço das medidas de segurança no tribunal depois do caso mediático no ano passado Pedro Dias andou fugido quase um mês depois de ter assassinado três pessoas na zona de Aguiar da Beira é acusado de três homicídios consumados mais duas tentativas de homicídio entre outros crimes desde que se entregou às autoridades a oito de novembro do ano passado Pedro Dias tem-se remetido ao silêncio que deve ser quebrado em tribunal Miguel Videira o início do julgamento está marcado para as nove e meia no tribunal da Guarda estão previstas vinte e quatro sessões no processo que conta com setenta e seis testemunhas por parte da acusação um tribunal de Madrid vai ouvir José Mourinho esta manhã o treinador português é suspeito de fraude fiscal no valor de três milhões e trezentos mil euros o caso remonta

ER_1

bom Portugal tem (uma uma) um rácio de farmácia habitante que é um rácio que está nos melhores valores europeus temos três mil e seiscentos habitantes por farmácia e portanto temos valores que são perfeitamente adequados em termos europeus e portanto eu diria que não fazem falta mais farmácias em Portugal nós temos uma rede de farmácias em Portugal que se distribui homoganeamente em todo o território nacional que conseguem eu diria é a única entidade que consegue chegar a todos os portugueses nós temos locais em Portugal em que o centro de saúde ou a extensão do centro de saúde já fechou o posto de correios fechou os advogados os médicos que lá davam consultas deixaram de lá ir (o) eu diria o padre muitas vezes já não vive lá só (havendo) só vai lá celebrar missa mas continua lá a farmácia com um conjunto de farmacêuticos cada farmácia em Portugal por lei deve ter dois farmacêuticos pois nós (es)tamos na realidade a atingir quase três farmacêuticos por farmácia temos à volta de nove mil farmacêuticos portanto técnicos altamente qualificados com formação universitária (nas) nas farmácias (e) e disponíveis

a dois mil e onze e dois mil e doze quando Mourinho treinava o Real Madrid a queixa foi apresentada em junho passado pelo ministério público espanhol José Mourinho que agora treina o Manchester United apresentou as declarações fiscais de dois mil e onze e dois mil e doze em Espanha mas sem incluir as receitas obtidas com a cedência dos direitos de imagem a empresas que concedem paraísos fiscais em julho de dois mil e quinze o treinador português admitiu a falta de regação de direitos de imagem e aceitou pagar uma multa de um vírgula catorze milhões de euros mas para o fisco espanhol o caso não ficou na altura totalmente resolvido por isso José Mourinho vai hoje ser ouvido em Madrid a justiça espanhola deve emitir hoje um mandado de detenção europeu a Carles Puigdemont o advogado do antigo líder da Catalunha anunciou que o mandado já tinha sido emitido mas a decisão só deve ser tomada hoje Puigdemont continua em Bruxelas de onde acusou o governo espanhol de uma atitude anti-democrática exigindo a libertação dos oito antigos elementos do governo que foram detidos João Francisco Guerreiro o apelo aos catalães e à comunidade internacional a partir de Bruxelas ontem à noite foram divulgados os argumentos para a prisão preventiva dos oito antigos elementos do governo catalão a juíza Carmen Lamela considera que existe risco de fuga e perigo de continuação da atividade criminosa Dora Pires são alguns dos argumentos da juíza de instrução da audiência nacional a justiça espanhola deve

para a população mas o desperdício que há do medicamento e o grave que é por falta de adesão à terapêutica isto é nós quando temos medicamentos pa(ra) doentes crónicos para pessoas com tensão arterial alta pessoas com diabetes pois (aquela) aquela embalagem ela é pa(ra) ser utilizada integralmente e no fim daquela embalagem há de vir outra a não ser que a determinado momento haja necessidade de alterar o medicamento que a pessoa está a fazer mas o que é normal é usar esses medicamentos regularmente e de uma forma integral até ao fim e depois há as situações agudas não é e por aí de facto é que é preciso um analgésico ou dois analgésicos bom aí temos embalagens devidamente dimensionadas para pequenas utilizações e para maiores utilizações na verdade nunca se vislumbrou do ponto de vista técnico em Portugal e na Europa repare não é um modelo que seja seguido na Europa na generalidade dos países de facto a utilização de embalagens estruturadas com número de unidades definidas e adequadas a cada situação em concreto é a solução mais adequada tecnicamente e que se vem revelando

mais útil e que pode também ser economicamente pela primeira vez a administrar a humanos uma substância ativa que até aí nunca tinha sido administrada a humanos isto é preciso contextualizar ensaios clínicos fase um e portanto o que acontece é que essa substância ativa foi muito estudada em várias espécies animais em variadíssimas espécies de animais e depois coloca-se a questão de entrar em ensaio clínico fase um para isso necessita da devida autorização da Comissão de Ética para investigação clínica o equivalente à nossa CEIC em França e também uma autorização do INFARMED da Agência Francesa do Medicamento portanto duas autorizações que naturalmente vão analisar com grande detalhe o protocolo de ensaio clínico que é apresentado e portanto o que é que há aqui há aqui desde logo uma reunir uma série de condições de segurança para que o ensaio clínico decorra nas melhores condições e portanto o que é que eu quero dizer-lhe ou foi um acidente e portanto houve alguém depois há a empresa que realiza o ensaio clínico não é e portanto pode ter havido um acidente do ponto de vista dos cálculos das doses no momento da administração este governo tem

ER_2

fazer uma consulta a ao mercado sem o fazer formalmente mas tenho vindo vindo a anunciar em cada uma das comunidades portuárias tenho vindo a anunciar o os investimentos e o tipo de investimento que irão ser feitos nesse porto no no porto em concreto esperando ao fi- algum feedback e ainda bem que que o tenho feito ainda bem que o tenho feito porque serviu para tornar mais ambicioso mais ambicioso o o plano eu não gostaria de lhe chamar plano porque o plano de aco- o plano a tem exigências legais que a não se pretende ainda ter neste neste e há aqui que se cruza muito com aquilo que que são essas aquilo que eu acho que é o capital necessário para Portugal mas também com aquilo que são as as apostas em atividades ainda que tradicionais pouco desenvolvidas e que tem a ver com uma estratégia de abordagem destas matérias em termos económicos e tem a ver muito com aquilo que eu acho que é que é importante não apostar não apostar unicamente num produto mas apostar na cadeia de valor dos produtos quando pensamos nos portes não podemos só pensar em portes temos que pensar em portes temos que pensar marinha mercante temos que pensar também na em energia temos que pensar em indústria naval e é exatamente o plano que nós temos é exatamente pensando em todas estas estas matérias mas tentando cruzá-las uma umas com as outras de forma a que este efeito “clusterização” possa ser ser de de de valor acrescentado para cada um dos para cada um dos produtos mas relativamente aos aos portes em concreto existem vários várias

neste momento na saúde uma equipa que sabe muito de saúde sabe muito sobre o sistema de saúde e conhece muito bem o nosso serviço nacional de saúde e portanto eu diria que temos a sorte temos o prazer de neste momento ter uma equipa na saúde muito conhecedora dos assuntos e portanto é uma equipa que sabe bem diagnosticar já o diagnosticou de resto o programa do Partido Socialista para a área da saúde é um programa que já aflorava muitas destas coisas que estamos aqui a falar e portanto eu diria que a questão da verdadeiramente e da verdadeira integração de uma efetiva integração no sistema de saúde incluindo o serviço nacional de saúde neste sistema eu prefiro falar no sistema do que no serviço nacional de saúde apenas isto é os portugueses vivem num sistema e não apenas num serviço nacional de saúde esta verdadeira integração em que todos podem colaborar todos podem e devem dar aquela que é a sua capacidade é muito bem-vinda e eu estou certo que o Ministro da Saúde neste momento perspectiva também que as farmácias e os farmacêuticos que aí trabalham porque esses é que contam efetivamente possam dar então esses contributos para o sistema

iniciativas por um lado por um lado a constatação que em dez anos portanto houve as orientações estratégicas para o setor portuário de dois mil e seis dois mil e dezasseis em que a constatação de que houve um aumento substancial de carga mas esse aumento substancial verificou-se acima de tudo no setor dos contentores e por isso existem algumas fragilidades já em termos de competitividade no nosso país que é colocar-se a curto prazo a necessidade de ampliar fortemente a capacidade de movimentação dos contentores e isto verifica-se em vários em vários portes nomeadamente em Sines em Lisboa e e em e em Leixões em Lisboa eu diria que estamos a a fazer uma análise estratégica em termos da evolução do tráfego considerando que vai haver uma reposição e um crescimento que teria havido no caso de não ter havido a greve que é assim que se planeiam infraestruturas que é médio e a longo prazo mas em que nós precisamos de aumentar já a capacidade e já a capacidade quer dizer renegociar concessões e elas estão a ser renegociadas mas também a prazo criar mais capacidade e por isso é necessário fazer novos terminais no nosso país é necessário fazer um novo terminal em Sines é necessário fazer um novo terminal um novo terminal também em Leixões verificarem duas coisas por um lado como tudo indica que do ponto de vista ambiental existe viabilidade daquele terminal e por outro lado se no resultado da consulta ao mercado surgirem interessados como também estou convencida que surgirão e não só operadores internacionais como também

operadores nacionais desde os chineses que que são que são públicos mas também outra outras nacionalidades dinamarqueses de até americanos já o procedimento relativamente ao terminal do Barreiro é um procedimento que tem que cumprir os prazos legais o procedimento de impacto ambiental passa por ter um estudo de impacte ambiental que está concluído depois disso há emissão de parecer de várias entidades nomeadamente as Câmaras Municipais e no final da semana passada o que quer dizer que dentro de dias depois de serem feitas as alterações ao estudo de impacte ambiental resultante resultante desses pareceres e alguns dos pareceres tinham algumas pedidos de alteração substanciais essas alterações serão feitas pela equipe de técnicos que fez o estudo de impacte ambiental inicial e portanto e a seguir será feita enviado para o Ministério do

ER_3

bom e portanto o convite do Medeiros Ferreira foi de facto feito porque existia uma grande ligação entre nós já agora se me dá um minuto conto uma das figuras que foi mais injustiçada em Portugal e foi uma carreira cortada muito cedo e bem nos últimos anos quando José Sócrates sobretudo enfim o Partido Socialista Açores é que o manteve como deputado sempre e tem uma razão porque é que aliás o o engenheiro José Sócrates não gostava dele também é interessante porque num comentário que ele fez ele era um homem muito livre que dizia que bom agora são as televisões que escolhem os líderes dos partidos confirmou que ele não ficaria na lista de deputados disse eu não me esqueço do que tu escreveste sobre mim interessante sabe a razão que sedimentou a nossa amizade é muito curiosa eu era um jovem de catorze anos e tinha a presunção de ser um intelectual mas tinha uma pequena nódoa na minha carreira que era gostava muito de ler A Bola que diga-se de passagem nesses tempos era um excelente uma geração extraordinária portanto digamos uma grande geração mas achava que aquilo era um bocado vergonhoso para um intelectual Medeiros Ferreira que apareceu por lá percebendo que eu lia A Bola passou a pedir-me emprestada A Bola então lia A Bola freneticamente aliás o sonho dele era ser treinador de futebol ele era um um louco pela bola portanto foi uma grande caução para mim saber que podia ler A Bola sem perder um estatuto de intelectual já noutra coisa que ele me também marcou-me muito eu não consegui acompanhar e agora tenho muita pena agora que já estou velho que era a grande alegria que ele tinha nas festas com as festas com as meninas e tal ali no verão nos bailaricos e tal que eu achava uma coisa totalmente fútil e tal a que um intelectual não ia e ele tinha uma percepção bem mais real da vida bom e o Medeiros Ferreira pediu a demissão a certa

Ambiente pa(ra) pa(ra) a Agência Portuguesa do Ambiente para que nos termos da lei seja exatamente agora tudo aquilo que se posiciona neste momento é que as características desse terminal não terão nada a ver com aquilo que inicialmente aqui à uns três ou quatro anos foi anunciado que seria um novo terminal de águas profundas no porto de Lisboa não existem essas condições físicas para fazer um novo terminal de águas profundas será um terminal de contentores que terá a sua utilidade em termos económicos e em termos do sistema logístico nacional não será é um terminal de águas profundas porque um terminal de águas profundas exigiria de facto fundos de menos dezoito que é coisa que não é possível fisicamente fisicamente quase tudo é possível Setúbal (es)tá a crescer

altura na sequência enfim pronto a história já é muito antiga não vale a pena ele que preparou digamos esse pedido de adesão e até por isso foi um período muito interessante agora é claro que num certo sentido aos vinte e três anos foi uma grande aceleração na minha vida quer dizer estava melhor como jornalista de rádio do que como chefe de gabinete talvez aliás lembro-me de uma coisa anedótica se quiser que foi a direção de pessoal mandou-me uma ficha para preencher com os meus dados e aí quando eu escrevi a data de nascimento cinquenta e três eles mandaram para trás a dizer “soutor” enganou-se com certeza quarenta e três não é então ninguém podia acreditar período de alguma tensão os embaixadores e tal achavam que aquilo era alguma forma de os minimizar ter um um miúdo a lidar com eles mas tudo isso acabou otimamente não fiquei vacinado no sentido tive imensos e tive muita dificuldade em dizer que não a alguns isto custou-me alguns dissabores as pessoas percebem mal que alguém entenda que pode cumprir as suas missões noutros sítios por qualquer razão e enfim quando fizer o balanço da minha vida e ainda não estou ainda não me sinto depois faço mais adiante quando tiver feito mais umas coisas porque para citar uma frase mais uma vez do José Medeiros Ferreira que é que o Jorge Silva Melo utilizou para título do filme dele que é ainda não acabamos e portanto mais tarde eu farei o balanço mas quando fizer o balanço saberei exatamente se fiz bem ou mal mas achei que a política como atividade imediata não me interessava interessava-me isto sim manter atenção à sociedade e tal e depois ainda fiz eu às vezes até digo que dou azar nas eleições fiz umas pequenas incursões por exemplo na campanha presidencial bom primeiro uma com sucesso na reeleição do General Eanes numa situação aliás a imprensa a comunicação social em geral faziam um total boicote ao General Eanes e

depois essa foi a minha última experiência com sucesso numas eleições e depois estive na campanha do Doutor Francisco Salgado Zenha logo o nome não era muito feliz devo admitir prestou-se a muitas brincadeiras o Doutor Zenha enfim claro já não era uma pessoa vista à distância oitenta e cinco é um ano em que começa a transformação da sociedade portuguesa é o ano que são inauguradas as Amoreiras é o ano que se passa para um tipo de sociedade muito diferente do que era a sociedade em que o Doutor Zenha e eu eu muito mais novo claro está estávamos habituados a viver e portanto ele era um candidato de alguma forma desajustado a esse novo meio

ER_4

é um desafio é essencialmente um grande desafio e estes seis meses têm demonstrado que é o desafio de conseguir fazer aquilo a que me propus inicialmente que é que o partido não desapareça pelo facto de ser governo e em segundo lugar que seja possível fazer uma articulação estreita entre aquilo que é a ação governativa a ação no parlamento e a ação para já está a funcionar bastante bem eu acho que a avaliação do desempenho do cargo do secretário geral adjunto no caso da secretária geral adjunta será feita por todos os militantes a seu tempo que a estreita articulação que tenho tido com todas as estruturas do partido socialista todos os militantes e simpatizantes num partilhar sistemático de informação num partilhar sistemático de formação e de debate dentro do partido socialista numa passagem da mensagem daquilo que devem ser as linhas orientadoras do partido socialista e daquilo que são as transformações quer que o PS está a fazer quer que o que o governo estão a fazer sejam avaliadas de forma positiva evidentemente todos nós alvo de críticas e de de erros só não faz erros quem não os quem não está a trabalhar mas creio que o trabalho de secretária geral adjunta é um trabalho que é desafiante por isso mesmo e é desafiante no atual momento no momento em que nós vamos entrar num congresso nacional que deixou para trás o aprovado no último congresso o fim do arco da governação a verdade é que estes últimos anos últimos meses mostraram que o fim do arco da que era possível fazer compromissos com os partidos à nossa esquerda e com isso numa esquerda parlamentar recentrando o debate no parlamento e apostando muito na valorização do parlamento pudesse uma solução governativa que fosse suficientemente estável mas também capaz de dar resposta aos eu gostava sobre isso de dizer o seguinte há quem se tenha chocado com essa expressão e eu posso eventualmente admitir que a expressão não seja uma expressão feliz aquilo que eu acho é que os partidos se fecharam muito sobre si próprios fecharam-se os dirigentes passaram a

agora quem o conheceu quem teve essa sorte eu diria foi profundamente marcado aliás o meu livro é dedicado assim umas incursões ligeiras nesse candidaturas presidenciais enfim andei algum tempo também pela campanha do Professor Sampaio da Nóvoa e portanto é como eu digo dou azar nas eleições vou pensar duas vezes a próxima vez que me pedirem para atuar exato tenho uma situação curiosíssima que é como vinha da fundação achei que não era preciso legalizar a minha situação o que por acaso foi cómodo porque a certa altura teria tido que sair e assim não quando o Medeiros Ferreira saiu tê-lo-ia acompanhado

ser dirigentes que são deputados que são o meu grande desafio e o meu apelo quando lancei essa proposta que não diria que seja fraturante é que eu creio que o partido socialista tem feito este esforço ao longo dos últimos tempos eu creio que é preciso no partido socialista a voz da sociedade a voz de outros quadrantes a voz dos sindicatos a voz dos movimentos sociais a voz dos estudantes e no fundo o que eu quero dizer é que não desvalorizo de todo e repare eu (es)tou há vinte anos na política e estou há dezoito no parlamento acho que sou uma pessoa normal mas acho também que tenho algumas debilidades e as debilidades decorrem desde logo de muitas vezes nós correremos o risco de nos fecharmos sobre aquilo que é a realidade do parlamento ou a realidade volto a dizer a expressão pode ter sido uma expressão infeliz a minha ideia é que o partido socialista volte a ser um partido socialista capaz de se ligar ao movimento da sociedade de resto eu aprendi muito com as eleições primárias de dois mil e catorze e acho que as as eleições primárias que eu tive oportunidade de ser diretora de campanha de mas creio que muitas das pessoas se forem desafiadas podem nunca ter pensado no assunto mas podem até vir a aceitar o desafio eu dou-lhe um pequeno exemplo a Fátima Proença foi presidente da plataforma nacional das organizações não governamentais de resto eu comecei o meu trabalho com vinte e um anos nas na plataforma nacional das organizações não governamentais onde aprendi imenso sobre educação para o desenvolvimento e cooperação acho que é uma área muito interessante pouco falada e pouco explorada acho que o partido socialista ao longo dos anos quando foi governo deu passos muito importantes no reforço das ligações da cooperação não apenas com os PALOP mas com outros países mas em particular com os PALOP eu dou exemplo da da Fátima para dizer a Fátima não é militante do partido socialista passado dia vinte e três de maio na sede do partido socialista sobre a cooperação e a política de cooperação que daí as pessoas querem depois ser

dirigentes ou não é uma liberdade que lhes assiste o que eu acho é que o partido não pode à partida ficar constringido de poder convidar pessoas que não desempenhem funções públicas acho que enriquecemos mas de qualquer forma eu creio que esta ideia retirando a expressão que eu admito novamente que pode ter sido uma expressão infeliz a ideia é que nós consigamos por exemplo não é por acaso que o partido socialista na sua comissão nacional vai voltar a ter uma

EE_1

acho quer dizer tenho que ver isto em primeiro lugar à luz do que são os quarenta anos do pós vinte e cinco do pós vinte e cinco de abril pa(ra) cá em que a universidade portuguesa cresceu imensamente e se equipou tanto em recursos humanos como em recursos materiais (e) e portanto nós temos hoje uma situação absolutamente diferente da que tínhamos há quarenta anos e nesse aspeto a evolução é altamente positiva nós temos hoje no topo das nossas universidades (na) nos centros de excelência nos bons cursos temos hoje temos hoje respostas iguais às que se têm nas em qualquer universidade não é portanto não é preciso ir (pa(ra) pa(ra) não sei onde pa(ra) fazer um bom curso não é não é preciso ir p(ara) os Estados Unidos ou aliás vem gente para cá também não é a esse nível evolui-se muitíssimo ultimamente existe uma certa crise também na universidade porque a crise geral que se vive também atingiu também nos atingiu por exemplo desde o desde o começo da crise financeira mundial de dois mil e oito a universidade pública em Portugal deve ter perdido qualquer coisa como trinta por cento do seu orçamento e evidentemente que isto tem que ter reflexos por exemplo (es)tamos um bocado bloqueados ao nível da possibilidade de contratar novos recursos novos docentes novos investigadores e o que implica que algum do talento produzido nas pessoas que acabam os cursos agora e todos os anos acabam alguns estudantes que têm elevado potencial (não) não conseguimos aproveitar a maioria deles e muitos vão lá pa(ra) fora por exemplo e isso é acho que é o que me está a custar mais ver na universidade portuguesa neste momento (e) e (que) que acho que (há) há uma cegueira política em relação a isto quer dizer vivemos governados por gente (que) que provavelmente porque também foram maus alunos na universidade andaram mais preocupados com a política (não) não percebem bem o interesse das universidades acham que é assim um sítio com uns intelectuais que são um bocado caros não eu acho que isto não é nenhum inconveniente os estudantes entram aos dezoito anos pa(ra) a universidade quer dizer também entra gente maiores de vinte e três e também entra gente de por outros contingentes mas enfim

representação significativa dos sindicatos porque eles fazem parte na vida dirigente eu acho que há imensos militantes do partido socialista que estão hoje a fazer projetos interessantíssimos mesmo no estrangeiro ao nível da investigação científica ao nível das medicinas que podem voltar a que não querem ser deputados ou governantes mas que gostam de ter uma voz dentro do partido socialista e eu acho francamente

noventa por cento dos estudantes quando entram (têm) têm dezoito anos e vão estar dos dezoito aos vinte e três na universidade e estão num período importante na vida deles para aprenderem a pensar e a equipar (o) o seu cérebro e a sua enfim se quiseres o seu sistema cognitivo equipá-lo com instrumentos esses instrumentos são conceitos são métodos são linguagens (e) e é isso que a universidade tem que fazer a grande missão da universidade é dar esses equipamentos ajudar a que eles cresçam dentro da pessoa e fazer uma coisa que é fácil de dizer mas não é fácil de levar à prática que é ensinar as pessoas a aprender sozinhas porque elas chegam aos vinte e três acabam os cursos e vão ser lançadas num mercado muito exigente e aí vão ter que ter uma capacidade de aprender por elas eu dou-te aqui um exemplo que é muito fácil de entender quando um estudante acaba Medicina são seis anos e tem vinte e quatro anos ele não sabe fazer uma cirurgia deus nos livre de largares um estudante que acabou Medicina (e depois) e depois põe-lo a abrir (um) um estômago de um indivíduo quer dizer ele vai aprender no contexto de trabalho (com) com os seniores com os que lá estão (vai) vai fazer muita asneira entretanto pelo meio e tal bom isto é válido pa(ra) todos os cursos quer dizer vocês quando saem com vinte e três anos de idade não sabem fazer quase nada o que é que (levam) levam a possibilidade de se adaptarem aos contextos porque vos ensinaram ou supostamente deveriam ter ensinado a lidar com conceitos com linguagens com coisas complexas e portanto vocês aprenderem a aprender sozinhos chegam a um sítio qualquer e dizem-vos assim olhe aqui faz-se isto a tarefa é esta agora mexa-se pronto e tu tens que ter essa capacidade portanto as universidades não podem em cinco anos por exemplo os psicólogos eu já o disse ao início estão em tudo quanto é coisa em Portugal não é desde uma prisão a uma escola a um hospital ao exército a um quartel (es)tão em todo o lado como é que eu em cinco anos ensino isto tudo não ensino mas que ligação à prática é essa quer dizer a ligação à prática constrói-se depois claro evidentemente nós no quinto ano por exemplo temos os alunos a estagiar podem ir estagiar (para) para estes sítios todos que eu disse (e vão) e vão não é podem é

vão é obrigatório é uma primeira experiência de trabalho pronto aqui já há uma certa ligação à prática mas a ligação à prática faz-se sobretudo depois por exemplo nós (na) na minha faculdade temos muita ligação à prática porque estamos protocolados com 'ene' instituições mas é ao nível já não dos estudantes de licenciatura mas sim ao nível dos investigadores e dos projetos de

EE_2

esta escolha surge o gosto pela educação surge assim pronto na altura da adolescência em que tem que começar que se (es)tá na escola e que se tem que se começar a fazer algumas escolhas e eu queria (es)tar ligada à educação lembro-me que fui ter com uma psicóloga e lhe disse olhe na orientação vocacional não é que havia nas escolas e então fui ter com ela e disse-lhe olhe eu gostava de fazer isto assim assim o que é que eu te dizia dizia olha por exemplo (es)tar numa escola e de fazer assim falar com os professores falar com os pais falar com os funcionários falar com os miúdos era isso que eu gostava assim de fazer gostava de fazer assim a as pontes porque às vezes há problemas que é fácil resolver se se houver alguém que explique a uns e a outros e ela disse-me aí que engraçado olha minha linda mas vou-te dizer uma coisa acho que o teu curso não há cá no Porto nem em Portugal porque eu sei que em França havia e era uma coisa não sei que nome é que ela deu pronto mais tarde é que eu fui buscar esta esta conversa às minhas memórias e percebi que já naquela altura eu queria fazer qualquer coisa ligada à educação sem saber muito bem o quê mas queria fazer estas pontes pronto então quando chega a altura de de concorrer à faculdade havia dois cursos que me interessavam porque entretanto eu tive conhecimento que tinham aberto as Ciências da Educação e eu concorri mas também a Psicologia portanto concorri aos dois não entrei em Psicologia e entrei em Ciências da Educação portanto e e deixei-me ficar obviamente é assim eu acho que o o portanto a ideia que as pessoas têm depende se conhecem ou não o curso pronto e posso-te dizer que no início quando terminamos Ciências da Educação que era um curso novo era muito complicado porque as pessoas nem sequer tinham ideia de e diziam ah é daquelas modernices aqueles cursos novos que aparecem por aí pronto percebiam que era da educação mas nem nós próprios que tínhamos terminado o curso às vezes conseguíamos dizer o que é que podíamos fazer porque era mesmo no início pronto eu acho que depende há que conheça e reconheça a importância das Ciências da Educação e há quem ache que de educação toda a gente sabe e portanto é mais um "cursozeco" olha eu acho que como qualquer coisa na vida qualquer acontecimento tem coisas boas e tem coisas más ou seja há coisas que a gente gosta e outras que a

investigação eu por exemplo amanhã vou estar a tarde toda (num) numa iniciativa da Segurança Social pa(ra) a integração dos sem-abrigo do Porto isto é uma coisa prática e eu (es)tou e eu vou lá estar a tarde toda e (es)tou (es)tou metido neste projeto mas não é nenhum estudante que lá está quer dizer eu quando muito posso levar (um estudante) um estudante comigo

gente não gosta normalmente falamos das boas mas eu acho que este curso foi importante olha porque tinha uma abordagem um bocadinho diferente realmente de nos fazer pensar sobre as coisas líamos autores assim que questionavam coisas que eu achava que que eram interessantes pronto depois e de fazer muitos trabalhos e muitas noites a refletir sobre as coisas sobre o mundo à nossa volta e a escrever sobre isso e portanto se o curso foi muito importante foi porque também me permitiu conhecer pessoas com as quais eu fui crescendo não é e fui aprendendo a educação não é só formal como tu sabes também há outros espaços em que a gente aprende e cresce e portanto foi muito importante desse ponto de vista porque nos punha a pensar nos punha a ler porque tínhamos que nos questionar sobre as coisas e eu adorava isso pronto portanto foi assim despertou-me a curiosidade e olhar para o mundo de outra forma ver várias perspetivas foi muito giro depois houve coisas que eu não gostei no curso tais como assistir a algumas incoerências pronto acho que foi aí que eu aprendi a grande lição de que todo o ser humano é incoerente portanto não vale a pena andarmos a julgar muito uns aos outros mas de facto aquilo foi um choque para mim porque os professores diziam umas coisas nas aulas e depois faziam outras e eu não compreendia com dezoito vinte e poucos anos não compreendia essas incoerências agora se calhar já compreendo melhor posso ou não aceitar mas já compreendo um bocadinho melhor pronto mas acho que o lado mau foi um bocadinho esse algumas incoerências algumas falta de camaradagem sabes às vezes na turma que também me custou muito porque a turma era uma turma de pessoas mais velhas que já tinham outros cursos já estavam a desempenhar a maior parte delas funções no mercado de trabalho portanto eu era das pessoas mais novinhas entrei com dezoito anos e e foi um choque perceber não é com dezoito anos a gente confia muito nos outros não é os outros são tão importantes para nós e aquelas pessoas mais velhas que eu achava que eram muito crescidas de repente percebi que não eram não eram tinham se calhar feito algumas aprendizagens ao contrário aquilo que deviam ter aprendido em relação aos outros não não executavam se calhar até aprenderam mas não praticavam e portanto alguma falta de camaradagem acho que e o

choque entre as idades e assim portanto acho que foram assim essas duas coisas portanto do lado que eu gostei e do lado que eu não gostei acho que foi isso do lado que gostei foi essa capacidade de olhar o mundo de ver de outra forma ou de muitas

EE_3

posso dizer que o bom é inimigo do ótimo pronto o facto de ter conseguido se calhar encontrar trabalho nesta cidade por um lado foi bom pelo leque de amigos e de pessoas que eu conheci por exemplo não teria acontecido se caso eu tivesse enveredado por outra cidade mas por outro lado também começa às vezes a pensar se calhar se nós tivéssemos escolhido outra cidade também se calhar as coisas hoje em dia poderiam estar melhores nomeadamente mais uma vez o estrangeiro que é um bocado aquilo que (es)tá na moda hoje em dia sim certamente felizmente tive uns pais que me apoiaram nos estudos porque nem toda a gente tem essa sorte hoje em dia ainda é mais difícil e andei sempre em escolas públicas foi assim algo espetacular porque quem anda nas escolas públicas em algumas mais tramadas do que outras acaba por ganhar assim uma boa bagagem para o resto da vida portanto alguém se me quiser fazer uma rasteira eu consigo resistir bem porque já (es)tou farto de apanhar com elas não fico deprimido muito diferente já quando (es)tava na faculdade a tirar licenciatura já notava no ano anterior ao meu uma diferença de maturidade portanto é muito diferente hoje em dia acho que as crianças não têm noção daquilo que têm a culpa é dos pais porque há uma coisa natural também que os pais querem sempre dar melhor aos filhos do que aquilo que tiveram só que as crianças acabaram por perder um bocado o contexto da realidade e vivem todos numa cama dourada e à mínima adversidade toda a gente acaba por deprimir não dá valor àquilo que tem e isso reflete-se um bocado depois no futuro e na sociedade mas sobretudo dividia-se entre campo na aldeia do meu pai e praia é outra realidade (es)tás numa ilha completamente verde à tua volta com lagoas e o resto do mar portanto é um sítio muito giro pa(ra) passar uma semana mas não pa(ra) viver lá é uma cidade com grande potencial toda a gente critica às vezes por ser uma cidade escura eu digo simplesmente que é por causa da pedra não tem nada a ver com a receção calorosa dos portuenses portanto gosto da cidade quando eu (es)tava a fazer o meu estágio ia pa(ra) Coimbra ficava sempre contente quando quando voltava ao Porto portanto só posso dizer bem da cidade mundos completamente diferentes Lisboa tem muito mais investimento também tem um maior número de população mas em termos de de capital investido é algo que passa tudo por Lisboa tudo o que é mediático tudo o que é cultural tudo o que é artístico é canalizado um bocado para

formas não é de outra é de outras formas de pensar sobre as coisas de me obrigar a questionar sobre as coisas do outro lado da parte que eu não gostei esta questão das incoerências e dos valores da falta de camaradagem que que senti

Lisboa e as outras cidades não (es)tou só a falar pelo Porto mas as outras cidades também acabam ser um bocado descuradas nesse contexto é assim profissionalmente (es)tou estável demasiado estável porque não tenho progressão nem grande reconhecimento graças à conjuntura atual portanto deixo aí umas reticências não sei não gostaria de (es)tar a trabalhar na mesma área onde estou agora com melhores condições muito possivelmente não porque atualmente e nos próximos anos se calhar aquilo que tanto eu como as novas gerações anseiam vai ser um bocado difícil de terem tendo em conta todo o panorama vamos ver se porventura consigo algum lugar em Inglaterra por exemplo existe maior leque de oferta de trabalho e com melhores condições de progressão também a nível da da carreira sinto-me um bocado a meio como um tolo a meio da ponte por um lado custa-me um bocado cortar o cordão umbilical que tenho aqui tanto com a família como com a cidade com os amigos tudo aquilo que já foi construído até agora mas por outro lado também olho p(ara) o futuro e vejo que sinto-me um bocado a estagnar e sem grande potencial portanto também sou confrontado com a necessidade de melhorar vantagens atividade cultural (es)tá a ser cada vez maior muito mais informação locais de interesse o que por acaso também vem despertar uma desvantagem que lembrei-me agora que é das férias eram passadas também assim num contexto rural portanto acaba por estabelecer um bocado a dicotomia da parte do trabalho no meio urbano e depois nas férias num meio rural enquanto que na cidade não na cidade são várias vezes tens sorte não levar um encontrão no ombro muito calmo bom pa(ra) carregar baterias longe da euforia da cidade não vês nem metade dos carros a passar paisagem completamente diferente podés correr à vontade que não (es)tás a levar com monóxido de carbono dos carros bem claro muito melhor que Coimbra e Lisboa sou suspeito eu também nasci é assim acho que cada zona cada região de Norte a Sul e ilhas incluídas acabam por ter a sua própria cultura portanto a linguagem é parte integrante dessa cultura e é isso que acaba por distinguir as populações umas das outras como por exemplo passo-me da cabeça quando as pessoas acabam por gozar um bocado com as nossas formas de falar e aquelas expressões mais rotineiras porque se as pessoas olhassem de uma forma à sua volta também viam que é esse tipo esse tipo de expressões existe em todo o lado e também acaba

por te caracterizar aquela zona do país eu nunca iria gozar por exemplo com um mirandês

EE_4

é assim o realmente eu quando tirei o curso o curso era muito teórico e não havia ligação entre as empresas entre o mundo do trabalho e as universidades atualmente penso que um bocadinho melhor mas há cursos pelo que eu pelo que eu oiço quando eu tirei o curso os nossos professores eram pessoas que nunca tinham trabalhado ou seja nunca tinham trabalhado numa empresa portanto viviam distanciados da realidade atualmente já há cursos que permitem que os alunos no quinto ano vão fazer uma parte ou numa empresa por exemplo engenharia mecânica em que os alunos no quinto ano trabalham em empresas o que é ou seja fazem um estágio integrado no curso o que me parece muito positivo porque permite também depois encontrar é assim ficar no lugar de residência é uma imposição económica é claro que para um jovem o ideal é ir para fora é ficar longe dos pais é evidente que é onde está a universidade ou próxima da universidade obviamente que vai da universidade para casa de casa para a universidade até conhece mal a cidade quando vai estudar para fora permite-lhe um convívio completamente diferente portanto para o estudante é muito melhor não há dúvida nenhuma eu aplico o meu curso porque eu trabalho na área que estudei e o meu curso é muito abrangente e é evidente que por exemplo quando trabalhei numa fábrica eu fiz um pós-graduação em engenharia da qualidade porque também trabalhei na área da qualidade e fiz uma especialização em gestão industrial porque trabalhei na área da produção mas a minha formação a minha especialização de faculdade que é sistemas elétricos de energia eu continuo a aplicá-la sempre ao longo da minha vida profissional portanto nós depois vamos fazendo ações de formação trabalho na minha área na área que estudei que é sistemas elétricos de energia utilização de energia com atualizações obviamente fazendo atualizações mas sim trabalho na minha área é assim nós somos muitos irmãos e como somos muitos irmãos estudávamos vivíamos todos numa casa muito pequena estudávamos todos na mesma mesa comíamos todos na mesma mesa e partilhávamos tudo não havia os programas que há hoje íamos para a aldeia no verão íamos e p(a)ra a praia também um período na praia e outro na aldeia em Trás-os-Montes acho que foi muito rígida acho que há uma diferença há um fosso entre a minha geração e a dos da geração a seguir porque era muito rígida e agora acho que as pessoas agora os jovens têm uma liberdade dizem o que querem fazem o que

querem têm uma vida excelente comparada com a que nós tínhamos agora os filhos tratam os pais por tu naquele tempo era nem nem nos atrevíamos a tratar os pais por tu como é evidente era um rigor a pessoa era pronto não tem nada a ver é completamente diferente acho que agora os jovens têm muita sorte as crianças do meu tempo estavam muito presas muito fechadas pais muito muito rigorosos agora as crianças têm uma liberdade de falar com os pais dantes até os filhos tinham medo dos pais nem abriam a boca os verões como eu já disse era os verões era uma parte passada em Trás-os-Montes na aldeia e outra na praia em Leça da Palmeira é assim se as pessoas tiverem dinheiro saem porque as pessoas gostam de conhecer o mundo e têm mais tendência a sair do que a ficar não é por não gostarem do país é por quererem mesmo conhecer outros países não é digamos assim mas gostei muito de ir ao Egito é gostei de ir ao Egito gostei particularmente dos países árabes Egito é Tunísia Marrocos também gostei da Grécia e de de Cuba acho que os países tudo o que não seja Europa é mais interessante porque a Europa é mais comum não é é mais a Alemanha ou a Inglaterra são no fundo são culturas muito semelhantes à nossa agora por exemplo Cuba achei muito interessante e o Egito a Grécia também embora seja um país europeu é um bocadinho diferente e a Tunísia também acho os países árabes muito interessantes são árabes embora os turistas não se misturam com a população quando se vai em viagem organizada levam-nos a determinados restaurantes que são dentro de hotéis em bons hotéis eu sempre fiz circuitos portanto circulamos duas ou três vezes de hotel por semana no caso do Egito fizemos o cruzeiro no Nilo e portanto a pessoa só vai a determinados locais ou seja não conhece a verdadeira ou seja tem uma noção do país mas não conhece a verdadeira cultura como é evidente porque não se mistura com os nativos o trabalho absorve-nos muito e acho que nos ocupa mesmo muito atualmente acho que a pessoa vive muito para o trabalho e já sai do trabalho muito cansada e principalmente no inverno é chegar a casa e a pessoa já é olhar pa(ra) a televisão é p(ara) o que lhe apetece não apetece muito mais no verão a pessoa ainda tem vontade de sair não é de ir à rua de apanhar ar de ir passear e portanto esta é a vida atual aqueles prédios todos velhos abandonados a habitação é de uma decadência assustadora fica uma cidade triste é pedinte por todo o lado isso dá uma péssima imagem de do país é um mar de